

RAYANA SILVEIRA SOUZA LONGHIN LOURENÇO

**A Formação Continuada em Serviço de
Professores e as Atividades do Horário de
Trabalho Pedagógico Coletivo nas Escolas dos
Anos Iniciais do Ensino Fundamental**



ARARAQUARA – SP

2014

RAYANA SILVEIRA SOUZA LONGHIN LOURENÇO

A Formação Continuada em Serviço de Professores e as Atividades do Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo nas Escolas dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental

Dissertação de Mestrado apresentada ao Conselho do Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Escolar.

Linha de pesquisa: Formação do Professor, Trabalho Docente e Práticas Pedagógicas.

Orientador: Prof. Dr. Edson do Carmo Inforsato

Bolsa: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES

ARARAQUARA – SP

2014

Lourenço, Rayana Silveira Souza Longhin

A Formação Continuada em Serviço de Professores e as Atividades do Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo nas Escolas dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental / Rayana Silveira Souza Longhin Lourenço - 2014

140 f . ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara

Orientador: Edson do Carmo Inforsato

1. Formação de professores. 2. Formação continuada. 3. Trabalho Docente. Título.

RAYANA SILVEIRA SOUZA LONGHIN LOURENÇO

A Formação Continuada em Serviço de Professores e as Atividades do Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo nas Escolas dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título Mestre em Educação Escolar.

Linha de pesquisa: Formação do Professor, Trabalho Docente e Práticas Pedagógicas.

Orientador: Prof. Dr. Edson do Carmo Inforsato

Bolsa: CAPES

Data da aprovação: 11/06/2014

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Edson do Carmo Inforsato

Presidente e Orientador: Universidade Estadual Paulista

Profa. Dra. Maria Regina Guarnieri

Membro Titular: Universidade Estadual Paulista

Profa. Dra. Sônia Aparecida Belletti Cruz

Membro Titular: Universidade Paulista de Araraquara - SP

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que iluminou os meus passos durante esta caminhada.

Agradeço de forma grandiosa meus pais João Carlos e Ana Ceci, meus irmãos Álvaro e João Otávio e meu esposo Lucas, por serem sempre minha base no que diz respeito a amor, força e fé. Dedico a eles este trabalho, pois com muito carinho me deram coragem para chegar até esta etapa de minha vida. Meu eterno agradecimento!

Agradeço meu querido orientador Edson do Carmo Inforsato, que desde o projeto PIBID nutro grande admiração e respeito. Agradeço profundamente pela amizade, paciência e incentivo que tornaram possível a conclusão desta dissertação.

Aos professores que tive no ensino fundamental e médio, que mesmo na realidade da escola pública brasileira me fizeram acreditar que sonhos são possíveis e que a educação é o primeiro passo para um futuro melhor!

À UNESP Araraquara, na figura de seus professores, por ter me despertado desde a graduação a busca de conhecimentos a respeito do universo que engloba a Educação.

A todos os professores participantes deste trabalho que possibilitaram a sua coleta de dados. Minha profunda admiração a esses e demais docentes que apesar das adversidades, lutam para exercer seu papel de educador.

À Banca de Qualificação, pelas sugestões imprescindíveis para que esta pesquisa pudesse ser concluída.

À Coordenação e Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio financeiro.

Aos amigos com os quais partilhei alegrias e angústias, tornando mais leve esta jornada.

Ninguém vence sozinho... OBRIGADA A TODOS!

RESUMO

Tendo como base o contexto educacional contemporâneo, este estudo considera a Formação Continuada de Professores como um processo decisivo para a melhoria da qualidade do ensino no país. Sendo assim, o presente trabalho tem por objetivo central analisar a viabilidade da Formação Continuada em Serviço, mais precisamente no Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC). Para tanto, seu foco de interesse reside em identificar quais as relações presentes entre as práticas realizadas nessa reunião e os aspectos essenciais definidores de uma Formação Contínua. O referencial teórico fundamentou-se em trabalhos que abordam essa temática, tendo como base os estudos de Canário (1997), Candau (1997), Fusari (1997), Franco (2010), Garrido (2000), Gatti (2011), Imbernón (2010), Libâneo (2001), Marcelo Garcia (1999) Nóvoa (2001), Torrer (2010), entre outros. Nos quais buscou-se aportes que fundamentassem a importância da Formação em Serviço e do HTPC conforme estabelecido pela legislação escolar. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de natureza empírica, baseada em observações diretas do HTPC, realizadas durante um semestre letivo em duas escolas públicas municipais. Também foram aplicadas entrevistas a uma amostra de sete professores em cada escola, e aos responsáveis pela condução do HTPC: a Diretora na Escola A e a Coordenadora Pedagógica na Escola J. Os dados levantados foram tratados com base na Análise de Conteúdo, de Bardin (1977), que forneceu categorias empíricas e a base principal para a sua interpretação. Concluímos através da análise dos dados que os HTPCs nas escolas observadas, efetivamente como prática de Formação em Serviço ainda é algo a se alcançar, por se mostrarem reuniões equivocadas e fragilizadas em sua operacionalização e desenvolvimento, devido aos equívocos e incongruências identificados no decorrer desta pesquisa, e que se referem, de modo geral: à desarticulação entre os temas abordados e as necessidades sentidas pelo coletivo de professores; à gestão escolar autoritária que inviabiliza que o HTPC seja um espaço aberto ao diálogo e à troca de experiências de forma organizada; ao trabalho do Coordenador Pedagógico que se encontra em desacordo com as necessidades formativas dos professores e às resistências por parte dos professores mais experientes que se negam a conceber o HTPC como um espaço formativo e a legitimar a figura do Coordenador enquanto formador nesse espaço/tempo.

Palavras-chave: Formação Continuada de Professores; Formação em Serviço; Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo; Trabalho Docente; Práticas Pedagógicas; Coordenador Pedagógico; Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

ABSTRACT

Based on the contemporary educational context, this study considers Continuing Education for Teachers as a key process to improve the quality of teaching in the country. Thus, the present work is mainly aimed at analyzing the feasibility of, more precisely, the Collective Pedagogical Working Hours (CPWH). Therefore, its focus of interest lies in identifying the relationships between the practices performed at that meeting and the essential aspects which define a Continuing Education. The theoretical framework was based on studies that address this issue, based on the studies of Canário (1997), Candau (1997), Fusari (1997), Franco (2010), Garrido (2000), Gatti (2011), Imbernón (2010), Libâneo (2001), Marcelo Garcia (1999) Nóvoa (2001) Torrér (2010), and others. In which we sought contributions to the importance of Continuing Education Service and CPWH as established by school legislation. It is a qualitative empirical research, based on the CPWH direct observations, made during an academic semester in two municipal public schools. Also, interviews were applied to a sample of seven teachers in each school, and to those responsible for conducting the HTPC: the School Principal and the School Pedagogical Coordinator. The obtained data were treated based on Bardin's (1977) Content Analysis, which provided the empirical categories and the main basis to interpret them. We concluded, by analyzing the data, that the CPWH observed in schools, effectively, as a practice for In-Service Training, is still something to be achieved, prove misleading for meetings and vulnerable in its operation and development, due to ambiguities and inconsistencies identified during this study, and refer in general: the disconnection between the topics addressed and the needs felt by the collective of teachers; the authoritarian school management which prevents the HTPC is an open dialogue and exchange of experiences in an organized space; the work of the Pedagogical Coordinator who is in disagreement with the training needs of teachers and the resistance from the more experienced teachers who refuse to conceive the HTPC as a training space and legitimize the figure of the engineer as a trainer in space / time.

Keywords: *Continuing Education for Teachers; In-Service Training; Collective Pedagogical Working hours; Teaching Work; Pedagogical Practices; Pedagogical Coordinator; Years of primary school.*

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Fatores que dificultam o desenvolvimento do HTPC como Formação Continuada em Serviço na Escola A	62
Figura 2	Fatores que facilitam o desenvolvimento do HTPC como Formação Continuada em Serviço na Escola A	63
Figura 3	Fatores que dificultam o desenvolvimento do HTPC como Formação Continuada em Serviço na Escola J	64
Figura 4	Fatores que facilitam o desenvolvimento do HTPC como Formação Continuada em Serviço na Escola J	65

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Técnicas utilizadas para a coleta de dados	41
Quadro 2	Nomes fictícios dos participantes da pesquisa	49
Quadro 3	Perfil dos participantes da pesquisa – Escola A	49
Quadro 4	Perfil dos participantes da pesquisa – Escola J	50
Quadro 5	Nomes fictícios - Responsável pelo HTPC	51
Quadro 6	Perfil dos responsáveis pelo HTPC	51
Quadro 7	Reuniões de HTPC durante um semestre- Escola A	52
Quadro 8	Reuniões de HTPC durante um semestre- Escola J	53
Quadro 9	Estrutura das unidades de registro - Escola A	60
Quadro 10	Estrutura das unidades de registro - Escola J	61
Quadro 11	Presença do Responsável pelo HTPC na reunião	66
Quadro 12	Tema da Pauta x O que realmente ocorreu	127

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ATPC	Aula de Trabalho Pedagógico Coletivo
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CP	Coordenador Pedagógico
EMEF	Escola Municipal de Ensino Fundamental
HTPC	Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
PIBID	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
PPP	Projeto Político Pedagógico
SME	Secretaria Municipal de Educação
OCDE	Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	18
2.1 A Formação Continuada em Serviço dos Professores: a contribuição de diversos autores.....	18
2.2 O Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo: momento de formação?..	28
2.3 O Coordenador Pedagógico enquanto mediador da Formação Continuada em Serviço dos Professores.....	34
3. PERCURSO METODOLÓGICO.....	39
3.1 Os locais pesquisados.....	43
3.2 Os sujeitos da pesquisa.....	48
4. TRATAMENTO DOS DADOS.....	56
5. DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA: Fatores que dificultam e fatores que facilitam o desenvolvimento do HTPC como Formação Continuada em Serviço.....	66
5.1.1 Fatores que dificultam o desenvolvimento do HTPC como Formação Continuada em Serviço na Escola A.....	69
5.1.2 Fatores que facilitam o desenvolvimento do HTPC como Formação Continuada em Serviço na Escola A.....	90
5.2.1 Fatores que dificultam o desenvolvimento do HTPC como Formação Continuada em Serviço na Escola J.....	96
5.2.2 Fatores que facilitam o desenvolvimento do HTPC como Formação Continuada em Serviço na Escola J.....	107

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	114
REFERÊNCIAS.....	120
APÊNDICES.....	126
Apêndice A- Tema da Pauta x O que realmente ocorreu.....	127
ANEXOS.....	134
Anexo A – Roteiro para Entrevista com Professor.....	135
Anexo B - Roteiro para Entrevista com Coordenador Pedagógico.....	137
Anexo C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	140

1. Introdução

Nos dias atuais, depois de inúmeras pesquisas e debates presentes nos fóruns educacionais das últimas décadas, tornou-se consensual a afirmação de que investir na formação de professores é um dos aspectos decisivos e uma das vias principais de acesso ao sucesso nas reformas educacionais e à melhoria da qualidade do ensino básico (ALARCÃO, 1998; BRASIL, 2002; FRANCO, 2010; GATTI, 2008; IMBERNÓN, 2010; OLIVEIRA, 2011; UNESCO, 1998).

Um desses pilares consensuais, o Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI (1998), destaca a formação como um dos elementos essenciais para que haja avanços na educação, além de outros fatores que, obviamente, também são essenciais, como: a melhoria do recrutamento, do estatuto social e das condições de trabalho dos professores, pois esses só poderão responder ao que deles se espera se possuírem os conhecimentos, as competências, as qualidades pessoais, as possibilidades profissionais e a motivação requeridas.

Dentro desse consenso, demonstraremos que a formação continuada é um imperativo na preparação do corpo docente, e que uma das modalidades mais reconhecidas dela é a que se processa nos locais onde a ação dos professores é realizada. Portanto, adota-se neste trabalho como ponto de partida a perspectiva da Formação Continuada em Serviço, como tendência contemporânea mais eficaz de desenvolvimento profissional dos professores.

Acrescenta-se a essa recomendação, o fato de que a Formação Continuada em Serviço é adequada, tendo em vista que é na escola onde se revela a demanda de formação para o professor, levando em conta o contexto em que ela está inserida, com suas peculiaridades e características próprias.

Partindo desta tendência de Formação Continuada em Serviço, este estudo pretende abordar uma atividade amplamente instituída nas escolas públicas paulistas e que tem, de acordo com a sua proposta, as características de uma Formação Continuada em Serviço. Trata-se do Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC) ou Aula de Trabalho Pedagógico Coletivo (ATPC).

A mudança desta nomenclatura se deu a partir de abril de 2012, em decorrência de uma alteração no tempo de duração da reunião, que anteriormente era de 60 minutos, e agora foi reduzida para 50 minutos, a duração de uma aula. Porém, como os professores ainda não se apropriaram dessa nova sigla, os dados das observações e entrevistas que serão aqui apresentados, ainda trazem a nomenclatura HTPC, nada se alterando no que diz respeito aos seus objetivos, procedimentos e fundamentos.

Sendo assim, o HTPC é constituído geralmente por reuniões periódicas, cujo tempo de duração é parte da jornada do titular de cargo e tem como principais objetivos proporcionar ao professor um espaço de formação em serviço, com base na reflexão e na discussão em grupo das suas ações cotidianas, promovendo o trabalho em equipe, além de reflexões constantes sobre a prática docente, o currículo e a busca de soluções para as situações-problema presentes no universo escolar. E, dessa forma, objetiva proporcionar a busca pela melhoria da prática docente e conseqüentemente do processo de ensino e aprendizagem (Portaria CENP nº 1/96 – L. C. nº 836/97).

A necessidade de investigar esta temática surgiu após a minha participação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Com base nas observações feitas através deste programa em uma escola pública municipal, pudemos perceber que o HTPC que deveria ter papel fundamental na implementação da Formação Continuada em Serviço, enfrentava muitos percalços para alcançar seus objetivos e mostrava-se com inúmeras fragilidades.

Dessa forma, encontrei incongruências entre o que postula a legislação escolar e o que ocorria verdadeiramente nesse horário. Destarte, pudemos constatar durante as observações do HTPC, através do Projeto PIBID, que muitas vezes os professores não demonstravam o mínimo interesse em participar das atividades propostas nesse espaço. Pois, durante os encontros, ao invés de refletirem sobre suas ações e buscarem soluções para os problemas enfrentados, muitos deles ficavam envolvidos em conversas paralelas e sem relevância para a sua formação. Consideramos que os professores não tinham muita clareza sobre as finalidades do HTPC, e o viam como um tempo perdido, sem importância para sua atuação docente, sendo totalmente incrédulos da eficácia desse momento pedagógico.

Portanto, este trabalho é representativo das nossas indagações em relação ao desperdício desse momento de formação. Impulsionando-nos a traçar uma pesquisa que pudesse ter como questão central a identificação dos principais fatores que dificultam ou facilitam o desenvolvimento do HTPC como um espaço valioso de formação.

Assim sendo, buscamos dentro de um quadro referencial teórico das tendências da formação continuada contemporânea e através da coleta de dados, oferecer como coroamento deste empreendimento contribuições para a formação continuada de professores em serviço. Tendo em vista que, empreender um estudo no interior do HTPC não é uma prática muito frequente, marcando assim a relevância deste trabalho para a área de formação.

Este estudo fundamentou-se em três eixos, nos quais análises foram empreendidas à luz de autores que discorrem sobre tais questões:

- A análise da **Formação Continuada em Serviço**, enquanto tendência contemporânea mais eficaz para o desenvolvimento profissional do professor. Tendo como base os estudos de Canário (1997), Candau (1997), Fusari (1997), Marcelo Garcia (1999) Almeida (2000), Freire (2001), Libâneo (2001), Nóvoa (2001), Mendes (2008), Gomes (2009), Imbernón (2010), Santos (2010), Gatti (2011), Tardif, Lessard e Gauthier (s/d), além dos Referenciais para Formação de Professores (BRASIL, 2002) e do Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI (1998).
- A origem e os objetivos do **Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC)**, como o espaço formativo que deveria originariamente ser. Tendo como referência os seguintes autores: Marques (1997), Correia e Matos (2001), Pimenta (2002), Garcia (2003), Oliveira (2006), Franco (2010), Imbernón (2010) e Torrer (2010). E tendo como base também a Portaria CENP nº 1/96 – L. C. nº 836/97 e a Lei Complementar n.836/9, através das quais o HTPC foi instituído na rede estadual pública do estado de São Paulo.
- O papel do **Coordenador Pedagógico** enquanto agente articulador da Formação Continuada em Serviço no interior das escolas. Alicerçado nos estudos de Garrido (2000), Libâneo (2001), Fernandes (2004),

Placco e Souza (2006), Franco (2008), Franco (2009), Souza (2010) e na Resolução SE/SP nº. 66, que define o perfil desse profissional.

Assim sendo, objetiva-se neste trabalho, responder a seguinte questão: **Quais as relações presentes entre as práticas realizadas no HTPC e os aspectos essenciais definidores de uma formação continuada em serviço?**

Para respondê-la, é necessário inicialmente elencarmos quais são os aspectos essenciais definidores de uma Formação Continuada em Serviço. Pautando-nos nas referências teóricas deste trabalho, todos os autores que analisam tal questão, defendem as seguintes premissas como fundamentais para alicerçar qualquer projeto formativo:

- Partir da realidade do professor;
- Fazer sentido ao professor;
- Estar articulada às suas reais necessidades;
- Oportunizar ao professor um espaço de reflexão constante;
- Proporcionar a reflexão na ação e a reflexão sobre a ação;
- Auxiliar o professor em sua prática;
- Dispor de uma Liderança qualificada;
- Fomentar a troca de experiências entre os pares;
- Abrir espaço ao diálogo no qual a oitiva de todos os participantes é fator fundamental.

Estruturada em função desses elementos, traçamos uma pesquisa para verificar o grau de viabilidade da Formação Continuada em Serviço de Professores no Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC), tendo como questão central a análise das relações presentes entre as práticas realizadas no HTPC e os aspectos essenciais definidores de uma formação continuada em serviço, identificando os principais fatores que dificultam e facilitam o desenvolvimento do HTPC como um espaço de formação.

Objetivos Específicos:

- Identificar alguns elementos que caracterizam a Formação Continuada em Serviço como área estruturada de formação, seus limites e possibilidades.

- Verificar como as reuniões de HTPC têm sido realizadas. Levando em consideração suas características, estrutura e organização.
- Detectar representações dos professores no que diz respeito ao HTPC, levando em consideração o seu grau de aprovação à maneira como ele é conduzido.
- Identificar a importância que os coordenadores pedagógicos e diretores atribuem a esse espaço, além de identificar como eles se preparam para o HTPC. O que consultam, de que maneira elaboram a pauta e se tem clareza quanto às finalidades dessas reuniões.

Por se tratar de uma pesquisa envolvendo seres humanos, primeiramente tivemos de submetê-la ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) desta faculdade, no qual foi posteriormente aprovada sob o número CAAE 11580712.4.0000.5400.

Em seguida, realizamos um estudo qualitativo de natureza empírica, valendo-se de observação *in loco* do HTPC em duas escolas públicas (Araraquarenses), e articuladas com entrevistas destinadas aos professores, coordenadores e diretores de ambas as escolas a fim de compreender melhor como se processa a dinâmica desse horário, detectando suas características espaciais e temporais.

O conjunto de dados, levantado por meio da observação e das entrevistas, foi examinado através da Análise de Conteúdo de Bardin (1977), através da qual, categorias de análise foram seguidamente construídas.

Para o equacionamento das questões levantadas, organizamos a pesquisa da seguinte forma: no primeiro momento, realizamos uma contextualização da teoria que fundamenta as discussões delineadas, de acordo com os seguintes tópicos: a Formação Continuada em Serviço; a origem e os objetivos do Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC) e por último o papel do Coordenador Pedagógico enquanto articulador da Formação Continuada em Serviço no interior das escolas.

Acreditamos que a revisão bibliográfica é extremamente importante para o cerne do trabalho, por proporcionar ao pesquisador um contato com os trabalhos consolidados e atuais a respeito da temática que o mesmo busca investigar. Desta forma, buscaremos neste primeiro capítulo uma fundamentação teórica que nos dê subsídios para compreender o

desenvolvimento dos processos de formação de professores, no que diz respeito à modalidade que se processa continuamente.

Em seguida, apresentaremos o percurso metodológico realizado na pesquisa, tendo em vista algumas considerações acerca dos locais, bem como dos sujeitos pesquisados.

Por fim, nos debruçaremos sobre os dados coletados, para que possamos traçar os resultados obtidos conforme a problemática da formação contínua nos HTPCs, tendo em vista quais os principais elementos que contribuem e dificultam seu desenvolvimento.

E, para concluir, apresentamos nossas considerações finais com o intuito de encerrarmos nosso debate, embora saibamos que essa temática não se encerra aqui, e que todo conhecimento é passível de ser contestado e revisado.

2. Revisão Bibliográfica

No tocante à Formação de Professores é grande o número de autores que tentam ordenar a pluralidade de seus aspectos relevantes e potencializadores. Todavia, apesar do variado número de enfoques tomados pelos autores analisados, a respeito da Formação Continuada de Professores, o significado conceitual final aponta quase sempre para a mesma direção. Explanaremos agora alguns desses textos, fazendo uma relação com nosso objeto de estudo, e tendo como norte os três eixos de análise: a **Formação Continuada em Serviço**, enquanto tendência contemporânea mais eficaz para o desenvolvimento profissional do professor; a origem e os objetivos do **Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC)**; e por fim, o papel do **Coordenador Pedagógico** enquanto agente articulador da Formação Continuada em Serviço no interior das escolas.

2.1 A Formação Continuada em Serviço dos Professores: a contribuição de diversos autores

A partir de meados dos anos 90, os estudos que tematizam a respeito da formação de professores para a educação básica no Brasil cresceram exponencialmente e vem, desde então, despertando grande interesse dos pesquisadores em educação. Acentuamos que em todos os textos e discursos educativos, a formação continuada de professores é assumida como essencial para que transformações, há muito desejadas, ocorram no cenário educacional brasileiro. Um desses pilares consensuais, os estudos de Gatti salientam que

Nos últimos anos do século XX, tornou-se forte, nos mais variados setores profissionais e nos setores universitários, especialmente em países desenvolvidos, a questão da imperiosidade da formação continuada como um requisito para o trabalho, a ideia da atualização constante, em função das mudanças nos conhecimentos e nas tecnologias e das mudanças no mundo do trabalho. Ou seja, a educação continuada foi colocada como aprofundamento e avanço nas formações dos profissionais. Incorporou-se essa necessidade também aos setores profissionais da educação, o que exigiu o desenvolvimento de políticas nacionais ou regionais em resposta

a problemas característicos de nosso sistema educacional. (GATTI, 2011, p. 186)

Essa notável preocupação com a formação de professores adquiriu relevo no âmbito das políticas públicas em nível mundial devido principalmente ao fato de que nas últimas décadas o sistema educacional brasileiro registrou uma grande expansão de matrículas em todos os níveis de ensino. E desde então, diante do quadro pouco animador referente à educação brasileira, diversos estudos vêm sendo desenvolvidos com o objetivo de favorecer a construção de políticas públicas que possam reverter os baixos indicadores de desempenho apontados nos alunos das escolas ao redor de todo o país. Para tanto, torna-se imperativo considerar a Formação Continuada de professores como uma forma de enfrentamento desse quadro, constituindo-se um dos principais caminhos de melhoria da qualidade da educação, sobretudo no que tange à alfabetização nas séries iniciais (GATTI, 2003; NUNES, 2001; MONTEIRO, 2001).

Fusari e Franco (2005) assim definem a Formação Continuada de professores:

[...] via de regra, a formação contínua vem sendo compreendida como aquela que ocorre após a formação inicial (magistério em nível superior, licenciatura, bacharelado), a partir do ingresso do sujeito na carreira do magistério. Dito de outra forma, tudo aquilo que ocorreu antes do ingresso no trabalho entra na categoria da formação inicial e o que ocorre depois, na categoria de formação contínua. Seria como se tivéssemos dois tempos distintos no processo de formação: um tempo anterior e outro posterior. (FUSARI, J. C. e FRANCO, 2005, p.21 a 27).

Seguiremos essa mesma perspectiva neste estudo, concebendo a formação de professores como um processo *continuum*, em construção permanente e partilhada, através do qual o professor se mantém em constante formação. Partindo desta concepção, Marcelo Garcia (1999) emprega o termo desenvolvimento profissional, pois este tem "(...) uma conotação de evolução e continuidade que nos parece superar a tradicional justaposição entre a formação inicial e aperfeiçoamento dos professores" (MARCELO GARCÍA, 1999, p.137).

Neste sentido, consideramos a formação de professores como tendo início na formação inicial e abarcando um processo que acompanha o

professor durante toda a vida. Porém não deve ter um caráter compensatório, não substituindo a formação inicial, mas sim, considerando-a como a primeira etapa dos processos formativos que os professores devem vivenciar ao longo de sua trajetória. E proporcionando aos professores a aquisição e a ampliação de competências nas diferentes etapas de formação, buscando superar a dicotomia entre formação inicial e continuada, remetendo o significado de desenvolvimento à ideia de processo. (MARCELO GARCÍA, 1999).

Por sua vez, os Referenciais para Formação de Professores- RFP- (2002), afirmam que:

A formação de professores destaca-se como um tema crucial e, sem dúvida, um dos mais importantes dentre as políticas públicas para a educação, pois os desafios colocados à escola exigem do trabalho educativo outro patamar profissional, muito superior ao hoje existente [...] Além de uma formação inicial consistente, é preciso proporcionar aos professores oportunidades de formação continuada: promover seu desenvolvimento profissional e também intervir em suas reais condições de trabalho. (BRASIL, 2002, p. 26)

No Plano Nacional de Educação (PNE), elaborado no Brasil no ano de 2001, essa afirmação também está presente, enfatizando a importância atribuída à formação permanente e em serviço dos profissionais da educação:

A formação continuada do magistério é parte essencial da estratégia de melhoria permanente da qualidade da educação, e visará à abertura de novos horizontes na atuação profissional. (...) Essa formação terá como finalidade a reflexão sobre a prática educacional e a busca de seu aperfeiçoamento técnico, ético e político. (BRASIL, 2001)

Se investir na formação de professores é uma necessidade para a melhoria do ensino, o que se questiona atualmente são as modalidades de formação, tanto a inicial quanto a continuada (BRASIL, 2002).

Embora não tenha sido um estudioso específico da formação de professores, Freire (2001) assinala: “A formação é um fazer permanente que se refaz constantemente na ação. Para se ser, tem que se estar sendo.” Ação e formação portanto, são aspectos que se dão de maneira articulada, e como a ação é sempre dinâmica e exigente de adaptações, a formação necessariamente torna-se um processo contínuo, sem um término estabelecido *a priori*.

Gomes (2009), nessa linha argumentativa, assinala que a identidade profissional docente é processual, contínua, sempre inconclusa, ou seja, a sua construção se realiza ao longo de toda a carreira, uma vez que estamos em constante movimento no que diz respeito à busca de novos métodos, concepções, teorias e aprendizagens. Nesse sentido, a formação inicial deve ser apenas uma das etapas do processo de formação dos professores.

Os já mencionados Referenciais para Formação de Professores (2002) também compreendem a modalidade da formação continuada e permanente como indispensável, pois segundo eles, a formação inicial, mesmo sendo em nível superior, não é suficiente para o desenvolvimento profissional do professor.

A esse respeito, Libâneo (2001) reitera que os cursos de formação inicial são muito importantes para a construção do conhecimento do futuro professor, porém, é somente por meio da formação continuada que essa identidade poderá ser consolidada, pois tem a oportunidade de desenvolver-se no âmbito do seu próprio trabalho.

Para finalizar recorre-se mais uma vez ao Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI (1998), ao expressar que a qualidade de ensino é determinada tanto, ou até mais, pela formação contínua dos professores, quanto pela sua formação inicial. No entanto, apenas validamos esse argumento na medida em que a formação continuada seja referenciada na prática docente, pois a partir dela o professor estabelece relação entre os saberes, apresentando dificuldades, lacunas e necessidades que apenas podem ser superadas em um processo formativo contínuo.

Fazemos essa ressalva pelo fato de sabermos que os cursos oferecidos aos professores sob a denominação de formação continuada nem sempre fazem sentido a eles, principalmente por estarem distanciados dos problemas reais encontrados no interior das escolas e da realidade da sala de aula. Nesses cursos, os professores muitas vezes não encontram o apoio de que necessitam para a resolução de problemas e dificuldades enfrentados na prática, pois muitos deles são estruturados de maneira apriorística, em programas cujas temáticas versam sobre assuntos de pouca base prática, sem analogias com as situações enfrentadas pelos profissionais.

Imbernón (2010) confirma essa afirmação, ao dizer que os cursos apresentados aos professores, de acordo com o objetivo e maneira como se realizam, podem contribuir na reflexão e mudança da sua prática, todavia, se esses cursos padronizados permanecerem em uma fase de constante explicação, é possível que sejam inúteis para que mudanças significativas ocorram na formação do professor.

Integrados a essa corrente de abordagem, acreditamos que a formação continuada é um imperativo na preparação do corpo docente, e que uma das modalidades mais reconhecidas dela é a que se processa nos locais onde a ação dos professores é realizada. Portanto, adota-se neste trabalho, como ponto de partida, a perspectiva da **Formação Continuada em Serviço** como tendência contemporânea mais eficaz de desenvolvimento profissional dos professores, tendo em vista a proximidade com a prática educativa sendo possível, assim, favorecer a reflexão sobre a ação. Não pretendemos aqui diminuir a importância dos outros modelos de formação de professores, mas temos como objetivo, demonstrar o quão pode ser proveitosa uma formação de professores que tenha a escola como lócus.

Segundo Mendes (2008), a defesa da importância de uma Formação Continuada em Serviço teve início em estudos no Reino Unido em meados de 1970, pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), com o objetivo de solucionar os problemas presentes na formação de professores, desenvolvendo-a mais colaborativamente entre eles, a fim de responder às necessidades definidas pela escola de modo a elevar a qualidade do ensino e da aprendizagem.

De acordo com o Relatório da Unesco (1998), a formação continuada de professores em serviço é altamente recomendada, uma vez que “permite a todos os membros do corpo docente melhorar suas competências pedagógicas, tanto no plano da teoria como no da prática”. (UNESCO, 1998, p. 219)

Acrescentamos a essa recomendação o fato de que a Formação em Serviço é adequada, tendo em vista que é na escola que se revela a demanda de formação para o professor e, sendo um lugar de aprendizagem, é nela que se pode proporcionar aos profissionais da educação uma efetiva formação continuada, levando-se em conta o contexto em que ela está inserida, as

peculiaridades e características que a fazem única, o cotidiano da sua sala de aula e as situações-problema que permeiam seu interior.

Santos (2010) define formação contínua em serviço como

as práticas formativas que as agências empregadoras levariam a cabo com a necessária reorganização da estrutura do trabalho docente, contemplando tanto a dimensão do ensinar quanto a dimensão do aprender. Um programa de formação contínua, para ser considerado como de formação contínua em serviço, precisa estar contemplado dentro da jornada de trabalho do professor, evitando assim, a responsabilização unicamente dos professores pela continuidade de sua formação (enquanto clientes), tomando para si, enquanto agência responsável pela manutenção e desenvolvimento do ensino, o compromisso de possibilitar a formação contínua em serviço. (SANTOS, 2010, p.14)

No que concerne à sua importância, Nóvoa (2001) acrescenta que, por muito tempo, a única modalidade de formação de professores abordada era a formação inicial, contudo, atualmente essa situação é inimaginável, pois segundo ele a formação de professores é algo que se estabelece num continuum, que tem início na formação inicial e permanece ao longo de toda a vida profissional, por meio de práticas de formação continuada e tendo a escola como polo de referência.

Já Vasconcellos (2002) afirma que é necessário investir prioritariamente na formação permanente e em serviço do professor, para que possa ter maior compreensão do processo educacional, postura e métodos de trabalho mais apropriados.

Nóvoa (2001) reitera ainda: “É no espaço concreto de cada escola, em torno de problemas pedagógicos ou educativos reais, que se desenvolve a verdadeira formação do professor” (NÓVOA, 2001).

A respeito da escola ser considerada um espaço propício para que a formação de professores se desenvolva, Imbernón (2010) aponta que essa instituição converte-se em mais do que um simples lugar de trabalho de professores e alunos, mas em uma organização complexa, vista como elemento fundamental por meio do qual o conhecimento sobre o ensino dos professores pode ser estruturado, levando em conta seu desenvolvimento pessoal, profissional e institucional, extrapolando desta forma, a formação que receberam fora dela.

Libâneo (2001) também considera os espaços escolares como possíveis ambientes de aprendizagem do professor, ao defender que a escola é vista como ambiente educativo, como espaço de formação, sendo um local no qual os professores podem, decidindo sobre seu trabalho, aprender mais sobre sua profissão, reiterando assim a defesa de que a organização da escola pode funcionar como prática educativa.

Tardif, Lessard e Gauthier (s/d, p. 26) colaboram com essa discussão ao afirmar que “[...] é o exercício da profissão docente que constitui verdadeiramente o quadro de referência tanto da formação inicial e contínua como da pesquisa em educação.”

Nóvoa (2001) reitera que cabe à escola ser um local onde os professores não só ensinam como também aprendem, tornando-se assim um lugar de crescimento profissional permanente. O autor afirma ainda que a formação continuada deve estar pautada em dois pilares: a própria pessoa do professor, como agente, e a escola como lugar de crescimento profissional.

Todavia, defendemos a premissa de que um programa de formação contínua só pode ser considerado como de Formação Continuada em Serviço, se estiver contemplado dentro da jornada de trabalho do professor.

Dessa forma, a escola converte-se em um lugar de formação prioritário mediante projetos ou pesquisas-ações frente a outras modalidades formadoras de treinamento. Assim sendo, a escola passa a ser foco do processo “ação-reflexão-ação”, como unidade básica de mudança e consequente melhoria do trabalho docente (IMBERNÓN, 2010).

Acreditamos que a escola sendo lócus de formação, priorizando os processos de reflexão sobre as questões que emergem do cotidiano docente, pode contribuir para um processo de construção permanente do conhecimento e desenvolvimento profissional, proporcionando assim uma transformação da realidade escolar.

Porém, como alerta o próprio Imbernón (2010), a formação continuada terá maior probabilidade de se tornar efetiva quando os professores assumirem o papel de sujeitos ao invés de objetos dessa formação, ou seja, deve-se trabalhar com os professores e não sobre eles.

Assim sendo, acreditamos que a Formação Continuada em Serviço de Professores oportuniza a esses profissionais se constituírem como sujeitos do

próprio conhecimento. No entanto, assumir esse papel de sujeito exige predisposições, nem sempre constatáveis em profissionais docentes. Ou seja, precisa-se querer apoderar-se dos processos formativos, precisa-se, por consequência, querer melhorar o seu desempenho, querer aperfeiçoar-se. Logicamente essas predisposições são estimuladas se se der a oportunidade para que os professores se tornem sujeitos.

Como diz Imbernón (2010):

A prática educacional muda apenas quando os professores querem modificá-la, e não quando o formador diz ou anuncia. [...] O formador deve assumir cada vez mais um papel de colaborador prático em um modelo mais reflexivo, no qual será fundamental criar espaços de formação, inovação e pesquisa, a fim de ajudar a analisar os obstáculos, individuais e coletivos, que os professores encontram para realizar um projeto de formação que os ajude a melhorar. (IMBERNÓN, 2010, p. 94)

Ainda segundo Imbernón (2010), essa formação continuada deve ter como principal ideia, muito mais que a intenção de atualizar os professores, mas potencializar uma formação que possa proporcionar espaços de reflexão e participação, por meio do qual os professores possam aprender através da análise das situações problema, tendo como ponto de partida as necessidades sentidas e apresentadas pelo coletivo.

Segundo os Referenciais para Formação de Professores (2002) essa formação continuada realizada na própria escola acontece: por meio da reflexão compartilhada com toda a equipe, das tomadas de decisão, da criação de grupos de estudo, da supervisão e orientação pedagógica, da assessoria de profissionais especialmente contratados, entre outros. Já outras formas, tais como cursos, programas, palestras, seminários, entre outras, também são importantes formas de atualização e ampliação dos saberes dos professores, porém, não devem perder de foco a ligação entre as questões e demandas apresentadas pelos professores a respeito de seu trabalho.

Defendemos, portanto, que a formação continuada de professores deve ter a escola como lócus visto que, como reitera Almeida (2000), a escola é o genuíno local no qual os saberes e as experiências são trocados, validados e rejeitados. É portanto, através do cruzamento dos projetos individuais com o coletivo, que a vida na escola se consolida, pois quanto mais projetos

individuais são contemplados no coletivo, maior a possibilidade de sucesso destes.

Por sua vez, Marcelo Garcia (1999) ressalta que a concepção de formação continuada realizada na própria escola tem como principal aspecto, entender a escola como lugar onde surgem e se pode resolver a maior parte dos problemas de ensino.

Nesta mesma linha argumentativa, Fusari (1997, p. 159) defende que a escola “é espaço e tempo de formação profissional no local de trabalho e a partir dele (...) a formação contínua, exatamente ao contrario da inicial, é infinita enquanto possibilidade de crescimento pessoal-profissional do educador”. E o mesmo autor acentua ainda que, tendo em vista o exagero da formação continuada de professores, durante muito tempo, ter centrado suas atividades fora do local de trabalho do professor, em contrapartida, o que existe atualmente, é uma forte tendência em valorizar a escola como um local propício para que essa formação continuada se desenvolva.

Para colaborar nessa discussão, Canário (1997), diz que a escola é comumente vista como local onde os alunos aprendem e os professores apenas ensinam. Contudo, segundo o autor, essa é uma ideia simplista, pois os professores também aprendem na escola, e aprendem o que é verdadeiramente importante: aprendem sua profissão.

Canário (1997) acrescenta que a escola é o local que dispõe das melhores condições para a formação continuada dos professores, tendo em vista, que é o local onde o professor organiza e exercita sua prática docente, favorecendo um exercício de reflexão sobre sua ação.

Candau (1997) reafirma a importância da escola como locus de formação, em detrimento de um modelo clássico de formação continuada e na busca de uma nova perspectiva relacionada à área de formação continuada de professores, contudo salienta que este objetivo não se alcança de uma maneira espontânea, pois não é o simples fato de estar na escola e desenvolver uma prática escolar, que garante as condições necessárias para um processo formativo, tendo em vista que uma prática caracterizada pela repetição não pode favorecer o processo de formação. Em contrapartida, para que ele aconteça, é necessário que essa prática seja referendada pela reflexão, pela identificação dos problemas e busca de suas soluções. Uma prática coletiva,

construída conjuntamente por todos os responsáveis pela educação em uma instituição escolar.

Diante deste contexto, acreditamos que a Formação Continuada em Serviço realizada na escola seja uma das alternativas para a melhoria da qualidade do processo de ensino e aprendizagem, por proporcionar a reflexão de sua prática e desenvolver-se de acordo com as necessidades e interesses sentidos pelos professores.

No entanto, segundo Gatti, a medida que assistimos à assimilação dessa posição vemos surgir iniciativas que, na realidade, são de suprimento a uma formação precária pré-serviço e não necessariamente de uma formação que tenha como foco o aprofundamento ou ampliação dos conhecimentos por parte dos professores. (GATTI, 2011, p. 186)

Defendemos assim, que a prática educacional só muda se a teoria vier ao encontro dos problemas dessa prática e é através da análise dos problemas reais da escola que se pode pensar em uma formação adequada. Assim sendo, a formação deve ser compreendida como um processo contínuo, tendo a escola como lócus, inserida em seu projeto pedagógico (CANDAU, 2002), considerando o professor o principal elemento para a mudança (FULLAN; HARGREAVES, 2000), e levando em conta também os conhecimentos adquiridos em sua vida pessoal e profissional, bem como o contexto em que está inserido (MIZUKAMI; REALLI, 2004).

Salientamos portanto, que a formação continuada de professores e as práticas pedagógicas não podem ser formuladas de forma desarticulada, pois:

(...) a formação continuada é importante condição de mudança das práticas pedagógicas, entendida a primeira, fundamentalmente, como processo crescente de autonomia do professor e da unidade escolar, e a segunda, como processo de pensar-fazer dos agentes educativos e em particular dos professores, com o propósito de concretizar o objetivo educativo da escola. (PORTO, 2000, p. 15)

Temos consciência do grande número de desafios postos à educação atualmente, todavia, reiteramos que a Formação Continuada de Professores poderá ser um caminho mais seguro para alcançarmos a transformação da realidade escolar.

2.2 O Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo: momento de formação?

Partindo desta tendência de Formação Continuada em Serviço de Professores, este estudo pretende abordar uma atividade permanente na maioria das escolas públicas paulistas, que se caracteriza legalmente como formação continuada. Trata-se do Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC), ou Aula de Trabalho Pedagógico Coletivo (ATPC), instituído na rede estadual pública do estado de São Paulo por meio da Portaria CENP n.1/96 e Lei Complementar n.836/97 (OLIVEIRA, 2006). O HTPC se dá geralmente por reuniões periódicas, cujo tempo de duração é parte da jornada do titular de cargo, e tem como principais objetivos proporcionar ao professor um espaço de formação em serviço, com base na reflexão e na discussão em grupo das suas ações cotidianas, promovendo o trabalho em equipe, além de reflexões constantes sobre a prática docente, sobre o currículo e a busca de soluções para as situações-problema presentes no universo escolar. E dessa forma, proporcionar a busca pela melhoria da prática docente e, conseqüentemente, do processo de ensino e aprendizagem (Portaria CENP nº 1/96 – L. C. nº 836/97).

O HTPC foi instituído na rede estadual pública do estado de São Paulo por meio da Portaria CENP n.1/96 e Lei Complementar n.836/97 (OLIVEIRA, 2006), e tem por objetivos: I. Construir e implementar o projeto pedagógico da escola; II. Articular as ações educacionais desenvolvidas pelos diferentes segmentos da escola, visando a melhoria do processo ensino aprendizagem; III. Identificar as alternativas pedagógicas que concorrem para a redução dos índices de evasão e repetência; IV. Possibilitar a reflexão sobre a prática docente; V. Favorecer o intercâmbio de experiências; VI. Promover o aperfeiçoamento individual e coletivo dos educadores; VII. Acompanhar e avaliar, de forma sistemática, o processo ensino-aprendizagem.

A legislação determina, como premissa, que os HTPCs sejam desenvolvidos dentro da escola pelos professores e tendo o Coordenador Pedagógico como mediador de todo o processo. No próximo item abordaremos mais especificamente as atribuições do Coordenador Pedagógico, em relação ao HTPC.

Ainda segundo a Portaria CENP nº 1/96 – L. C. nº 836/97, os HTPCs devem ser:

I. Planejados pelo conjunto dos professores, sob a orientação do diretor e do professor-coordenador, de forma a: a) Identificar o conjunto de características, necessidades e expectativas da comunidade escolar; b) Apontar e priorizar os problemas educacionais a serem enfrentados; c) Levantar os recursos materiais e humanos disponíveis que possam subsidiar a discussão e a solução dos problemas; d) Propor alternativas aos problemas levantados; e) Elaboração de um cronograma para a implementação, acompanhamento e avaliação das questões selecionadas.

II. Registrados sistematicamente pela equipe de professores e coordenação, com o objetivo de orientar o grupo quanto ao re-planejamento e à continuidade do trabalho;

III. Realizados: a) na própria unidade escolar, e preferencialmente, durante duas horas consecutivas, b) na oficina pedagógica, eventualmente, ou num outro espaço educacional, previamente definido, através da utilização das horas previstas para o mês em curso.

A defesa de algumas horas semanais para estudo e planejamento coletivo da equipe docente é um direito dos profissionais da Educação, previsto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996, no Inciso 5 do Artigo 67. O Plano Nacional de Educação (PNE) de 2001, recomendou reservar de 20 a 25% da jornada dos professores, para o aperfeiçoamento fora de sala de aula, e o PNE seguinte, apresenta, entre suas principais diretrizes, a defesa da Formação em Serviço. Outra lei que objetiva a legalidade do HTPC é a lei do piso salarial do Magistério de 2008, que propõe a destinação de um terço da carga horária dos professores às atividades extraclasse.

Acreditamos que o HTPC traz como objetivo principal a possibilidade e valorização da escola como locus de formação de professores, tornando-se um espaço privilegiado de discussão e formação, por meio da construção do trabalho coletivo de forma coerente e articulada, fortalecendo o projeto político-pedagógico e o sentido de pertença ao grupo pelos professores. Uma vez que oportuniza aos professores um momento de constante aprendizado e troca de experiências entre o corpo docente e a coordenação, possibilita a ajuda mútua

na tentativa de sanar as dificuldades e necessidades enfrentadas, potencializando cada vez mais o processo de ensino e aprendizagem.

Portanto, é necessário que esse espaço seja caracterizado como um momento de constante aprendizado, tendo como pauta norteadora as dificuldades e necessidades vivenciadas cotidianamente pelo professorado e a busca de suas possíveis soluções.

Marques (1997) considera que:

Embora as atividades de ensino constituam o núcleo que define a escola enquanto instituição social, não é menos verdadeira que a reflexão, o debate, a avaliação e a consequente reformulação do que se faz em sala de aula constituem atividades igualmente importantes... a redução da atividade docente às aulas destaca uma concepção de escola que privilegia o seu lado de ensino, de transmissão de conhecimentos exclusivamente e não como instituição de criação de conhecimento e como local de formação; uma concepção que falsamente concebe a possibilidade da primeira sem a segunda o que gera a escola pública pobre que hoje temos. A existência da HTP – hora de trabalho pedagógico – onde se reúnem professores e coordenadores reabre para a escola pública esta nova possibilidade. (MARQUES, 1997, p.54)

É importante ressaltar que tal momento de formação foi instituído como parte da jornada de trabalho dos professores, a propósito do esforço de um movimento nacional que estava sendo desenvolvido na época, e atualmente é garantido por lei graças a essas inúmeras lutas, paralisações e greves travadas por eles.

Todavia, segundo Oliveira (2006), atualmente os professores não têm muita clareza sobre a real utilidade deste espaço, criando-se assim uma representação negativa que desmerece sua importância. Assim sendo, é necessário que haja um melhor aproveitamento e utilização desse momento, tendo em vista a importância histórica dessa conquista por parte dos envolvidos.

Argumentamos que não é qualquer momento que os professores estejam reunidos na escola que podemos considerar como Formação em Serviço. Reiteramos essa afirmação ao conceber que, para ser formação em serviço, os professores teriam que estar conscientes do papel que desempenham, partindo de suas reais necessidades para que possam pleitear transformações na sua prática docente.

O HTPC, para ser bem realizado, deve ter embutido em seu desenvolvimento a concepção do trabalho coletivo, da gestão democrática, da participação de todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, para que seja um espaço possível de mudança no interior da escola.

Franco (2010) refere-se ao fato das reuniões na escola serem um espaço privilegiado para que possa ocorrer um processo reflexivo a respeito dos seus rumos. Desse modo, todo o corpo docente e direção refletirão sobre os problemas na busca de suas soluções, responsabilizando-se por eles de forma coletiva, através de orientações vindas de uma liderança democrática que prime pelo clima de trabalho favorável, contando com a participação de todos e buscando a transformação do espaço escolar.

Além desses objetivos, o HTPC também é importante pelo fato de reforçar o sentido de pertença ao grupo, através do compartilhamento das dificuldades e da troca de experiências. Desta forma, tem o potencial de romper com o isolamento frequente nas instituições escolares, o qual faz com que cada professor pareça viver em uma ilha. Sem comunicação e nem apoio da equipe diretiva ou de seus pares, não ocorrendo a troca de ideias, apoio mútuo e a busca de soluções para os problemas enfrentados. Culminando para que o individualismo seja cada vez mais reforçado e a colaboração enfraquecida. (FRANCO, 2010).

Imbernón (2010) aponta esse isolamento como um dos grandes males da docência, e em contrapartida, afirma que a formação continuada de professores pode ajudar a romper com esse individualismo, através de uma formação colaborativa do grupo docente com o compromisso e a responsabilidade coletiva, com interdependência de metas, troca de dúvidas e experiências com outros, só assim sendo possível transformar a escola em um lugar de formação continuada.

Correia e Matos (2001) reforçam a afirmação a respeito do individualismo docente ao dizer que a sala de aula torna-se um espaço de consagração de um individualismo profissional vivido na solidão, pautada numa solidariedade que incentiva a gestão dos silêncios, fazendo com que cada vez mais a colaboração se enfraqueça no interior das escolas.

A fim de romper com esse isolamento presente na profissão docente, Pimenta (2002) sinaliza que o trabalho coletivo significa responsabilizar-se pela

problemática da escola de maneira coletiva, porém, tendo como base a individualidade de cada um, a colaboração específica de cada um, e buscando como norte os objetivos que são comuns a todos.

Todavia, segundo Garcia (2003) e Franco (2010), embora as reuniões na escola tenham legalmente esse potencial de oportunizar a reflexão sobre os processos educativos, notamos que a maneira como o HTPC tem sido atualmente realizado nas escolas não colabora para que o isolamento vivido pelos professores seja minimizado e para que mudanças significativas na prática docente possam ocorrer, pois a maneira como este horário tem sido caracterizado na maioria das escolas, não tem colaborado para que os professores reflitam sobre sua prática e assumam posturas diferenciadas frente aos desafios que enfrentam. Deste modo, é triste constatar que a maioria dos professores refere-se às reuniões de HTPC como tempo perdido, sem nenhuma relevância para sua prática docente e nenhuma contribuição na aprendizagem dos alunos.

Segundo as constatações de Franco (2010), são vários os fatores que contribuem para esta gradativa percepção negativa dos professores no que concerne às reuniões pedagógicas nas escolas, entre os quais ressalta:

- A falta de clareza da coordenação pedagógica sobre seu papel nos processos formativos dos professores em serviço;
- A carência de ações formadoras para os coordenadores pedagógicos, tanto na formação inicial como na formação continuada;
- A percepção de algumas secretarias de educação e/ou de profissionais que atuam nesses espaços de que o papel do coordenador é de acompanhar e controlar o trabalho dos professores de forma autoritária e centralizadora;
- A atuação de diretores autoritários, que dificultam e, em alguns casos, impedem a atuação da coordenação em uma perspectiva democrática;
- O desvio do papel principal das reuniões que é a formação dos docentes, para realizar tarefas como preparar aulas, corrigir trabalhos, formular provas etc. (FRANCO, 2010)

Garcia (2003) reforça essas constatações, ao afirmar que o HTPC tem se constituído atualmente como parte do sistema educacional marcado pela hierarquização e reprodução das relações sociais instituídas. E ressalta ainda

que esse espaço tem se orientado por “uma lógica predominantemente instrumental, distanciando-se da perspectiva da autonomia, auto-construção, auto apropriação do espaço formativo por parte do coletivo docente” (GARCIA, 2003, p. 154/155).

A esse respeito, Canário (s/d) faz a ressalva de que: “Formação ‘centrada na escola’ não significa transferir para o território físico do estabelecimento de ensino as tradicionais, curtas e avulsas ‘ações de formação’”. (CANÁRIO, s/d)

Concluimos que, mesmo com tantos argumentos advogando a respeito da importância do HTPC como espaço de Formação Continuada em Serviço nas escolas, nota-se que, na maioria delas, o seu uso continua equivocado, tornando-se um momento caracterizado por mera troca de atividades prontas e pela transmissão de recados burocráticos, sem haver nenhum tipo de reflexão. Observamos que as práticas preponderantes nos HTPCs são pautadas por um caráter transmissivo e uma fala monopolizada da responsável pelo encontro, no qual professores são caracterizados como meros receptores passivos de informação, simples expectadores.

Reiteramos que é de suma importância que este espaço não seja desperdiçado, pelo contrário, que seja caracterizado como um constante aprendizado e troca de experiências entre o corpo docente e a coordenação. Por meio de discussões e reflexões coletivas, seriam favorecidas as soluções para sanar as dificuldades que emergem cotidianamente.

Salientamos que as dificuldades apresentadas pelos professores devem se configurar como sendo a pauta desta reunião, com o intuito de que, através da busca de soluções, eles possam refletir, alterar e aprimorar cada vez mais sua prática docente.

Sendo assim, defendemos que a formação em serviço não pode mais ser mal gerida e mal gerada no interior das escolas, é necessário que isso seja revisto, revisitado, repensado. Nossa preocupação consiste em repensar esse modelo de formação. As questões são emblemáticas, porém é premente a necessidade de que algo seja feito, para que a formação em serviço tenha princípios gerais que a conduza e não seja um momento desperdiçado.

2.3 O Coordenador Pedagógico enquanto mediador da Formação Continuada em Serviço dos Professores

São profícuos os estudos que apontam o papel central do Coordenador Pedagógico enquanto agente articulador da Formação Continuada em Serviço dos professores, e é sobre essa questão que reside nosso foco de interesse neste item.

Para podermos compreender melhor o papel do Coordenador Pedagógico analisaremos agora suas atribuições, delegações, possibilidades e dificuldades de acordo com os estudos que tematizam a respeito desta questão.

Na Resolução SE/SP nº. 66, que define o perfil do coordenador pedagógico, consta que no estado de São Paulo as funções desse profissional são: realizar a formação continuada dos docentes; integrar os membros da equipe escolar; desenvolver uma proposta pedagógica; realizar o Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC); acompanhar o processo de ensino e aprendizagem, bem como o desenvolvimento dos alunos e as atividades dos professores; além de estabelecer uma aproximação entre escola e comunidade.

No desenvolvimento do HTPC, a tarefa do Coordenador Pedagógico reside em: planejar as reuniões e as formas de avaliação, registrar as discussões, os avanços, as dificuldades detectadas, ações e intervenções propostas e decisões tomadas.

Desta forma, percebemos que a Formação Continuada em Serviço de professores, por se desenvolver no próprio espaço escolar, é função central do Coordenador Pedagógico, sendo assim, é sua atribuição assumir o papel formativo de articulador e transformador junto à equipe docente, através de um projeto de formação que responda às necessidades sentidas pelo coletivo.

Franco (2009) destaca que o papel do Coordenador Pedagógico nas escolas tem reflexos em várias dimensões da realidade escolar, como por exemplo, no desenvolvimento dos alunos e nas relações estabelecidas com seus pais, todavia, sua atuação está essencialmente articulada com a formação dos professores. Assim sendo, sua ação, quando realizada de

maneira ética e consciente, proporciona o aprimoramento das ações educativas, além do fortalecimento do corpo docente frente a sua prática.

Placco e Souza (2006) corroboram essa afirmação ao dizerem que o papel do Coordenador Pedagógico deve ser o de mediador e construtor de novos sentidos formativos para o corpo docente, pois segundo eles:

O papel do formador em relação à aprendizagem do adulto se assemelha à tarefa do maestro em uma orquestra: de sua batuta sai o movimento e a energia para a coordenação do grupo e a expressão singular de cada músico, mas a obra sinfônica só ganha existência na manifestação do conjunto (PLACCO, SOUZA, 2006, p. 46).

Franco (2008) salienta que o papel do Coordenador Pedagógico, ou coordenar o pedagógico é: “instaurar, incentivar, produzir constantemente um processo reflexivo, prudente, sobre todas as ações da escola, com vistas à produção de transformações nas práticas cotidianas.” (FRANCO, 2008, p. 117).

Segundo Placco e Souza (2006), é necessário interpretar a formação como superação da fragmentação entre teoria e prática, entre escola e prática docente. E destacam como papel central do Coordenador Pedagógico a responsabilidade pela formação e pelo desenvolvimento profissional dos professores.

A esse respeito, Garrido (2000) argumenta que as atribuições do Coordenador Pedagógico, no que diz respeito à dimensão da formação dos professores, tem como base: a promoção da articulação da equipe escolar para elaboração do projeto político pedagógico da escola, mediação das relações interpessoais, planejamento, organização e condução dos HTPCs e enfrentamento das relações de poder presentes na escola.

De acordo com Libâneo (2001), a Coordenação Pedagógica tem como "principal atribuição a assistência pedagógico-didática aos professores, para se chegar a uma situação ideal de qualidade de ensino". (LIBÂNEO, 2001, p.183).

A respeito dessa função essencial do Coordenador Pedagógico, Souza (2010) ressalta que:

A necessidade da formação contínua do professor é uma realidade que o coordenador pedagógico tem de enfrentar. Digo “enfrentar” porque é dele a função de formar esses professores dentro da instituição em que atuam, e sabemos que a formação contínua é condição para o exercício de uma educação

consciente das necessidades atuais dos alunos que frequentam a escola. (SOUZA, 2010, p. 27)

Constatamos através dos textos analisados, que é recorrente a defesa de que, a função essencial do Coordenador Pedagógico é a Formação Continuada dos professores, seja a realizada na própria escola, nas reuniões de HTPC, seja incentivando a participação dos professores em congressos, palestras, cursos e orientações técnicas.

Concluimos que as atribuições do Coordenador Pedagógico no processo de Formação Continuada dos professores dizem respeito a: articulação de todo o corpo docente para elaboração coletiva do Projeto Político Pedagógico; mediação das relações interpessoais e dos conflitos que surgirem; planejar e realizar as reuniões pedagógicas.

Nas escolas onde não há Coordenador Pedagógico, como é o caso da Escola A, a Diretora tem suas atribuições pautadas nos aspectos administrativos e burocráticos de organização da escola, fazendo com que o trabalho pedagógico, por mais que muitas diretoras se esforcem, acabe ficando em segundo plano.

Embora seja grande o número de estudos que advogam a respeito do papel central do Coordenador Pedagógico enquanto profissional responsável pela formação da equipe docente nas escolas, a função desse profissional é relativamente nova no cenário educacional brasileiro, a partir da promulgação da Lei 5692/1971 que estabeleceu funções no quadro do magistério relacionadas com a ação supervisora. E em decorrência disso, parece ainda carecer de uma identidade definida e de um espaço específico de atuação.

Acreditamos que, apesar dos Coordenadores Pedagógicos serem, na maioria das vezes, professores com experiência, ainda lhes falta identidade específica para realizar um bom trabalho, visto que muitos deles encontram dificuldades em agir frente às demandas.

Destarte, defendemos aqui a premente necessidade de se definir a identidade do Coordenador Pedagógico no interior das escolas, pois sua função muitas vezes não se encontra bem delimitada, fazendo com que os desvios de função sejam frequentes no seu trabalho.

Além do fator dificultador de que os ocupantes da função, em sua grande maioria, se deparam com disputas de poder presentes nas escolas, e

em decorrência disso sua relação com o grupo de professores fica marcada pela dificuldade em organizar e direcionar os encontros nas escolas, transformando as reuniões de HTPC em meras exigências burocráticas, como afirma Torres (2001) ao argumentar que de “palco de negociações” as reuniões se transformavam em “palcos de encenações.”

A esse respeito, Maria José da Silva Fernandes (2004) a partir de pesquisa realizada com coordenadores pedagógicos de várias escolas do interior paulista, identificou uma série de dificuldades a serem enfrentadas por eles para que possam realizar as tarefas de articulação, formação e apoio docente, a saber: o desvio de função, a ausência de identidade, a falta de um território próprio de atuação no ambiente escolar, o isolamento do trabalho cotidiano, a deficiência na formação pedagógica, a convivência com uma rotina de trabalho burocratizada, a utilização da função na veiculação, a imposição e defesa de projetos da Secretaria de Educação, a presença de traços autoritários e julgadores e a fragilidade de procedimentos para a realização de trabalhos coletivos.

Compete ao Coordenador Pedagógico realizar a formação continuada dos docentes da escola, oferecendo condições para que os professores se aprimorem, se atualizem, desenvolvam sua prática docente, reconhecendo assim que sua função é de natureza pedagógica. E este aspecto deve estar sempre bem delimitado para todos que participam do processo de ensino e aprendizagem.

Reiteramos que só há uma verdadeira mudança na prática docente quando eles encontram soluções para os desafios que enfrentam cotidianamente em sala de aula. Desta forma, acreditamos ser papel do Coordenador Pedagógico ajudar os professores na busca por soluções e estratégias articuladas com suas reais dificuldades.

Após o estudo aqui empreendido, foi possível perceber a importância do trabalho do Coordenador Pedagógico para a formação continuada dos professores. Todavia, são muitos os percalços enfrentados por esse profissional para que tenha condições de realizar um bom trabalho. Levantaremos agora algumas possíveis sugestões para que o Coordenador Pedagógico possa contar com mais respaldo em sua atuação profissional.

Primeiramente defendemos a necessidade de se legitimar a função do Coordenador Pedagógico, regulamentando sua profissão por meio de legislação específica, ajudando a delimitar melhor a identidade desse profissional e chamando atenção para a importância de seu trabalho no interior da escola, suas atribuições e funções.

Pensamos também ser necessário que a questão da formação que esse profissional recebe seja rediscutida. Sejam avaliados novos modelos de formação específica para os Coordenadores Pedagógicos, para que através deles possa encontrar subsídios para desenvolver seu papel como formador dos professores.

É necessário que a escola, através da gestão e coordenação, desenvolva uma liderança democrática, participativa, pois do contrário, os professores não encontrarão espaço para desenvolver-se no âmbito profissional e a escola não poderá ser para eles um espaço de formação, reflexão, inovação, estudo e atualização.

Assim, ao concluir, enfatizamos, bem como Fernandes (2009), a premente necessidade de as políticas públicas considerarem a importância das condições de trabalho e de profissionalidade como elementos essenciais para o exercício satisfatório da função de professor coordenador pedagógico, “desde a necessidade de uma estrutura física nas escolas que acolha o PCP e favoreça os encontros coletivos (...) até as possibilidades de estudos e formação continuada, sem falar na remuneração e na redução da rotatividade docente.” (FERNANDES, 2009, p. 12/13). Evitando assim que a precariedade das condições de trabalho anulem a importância da sua função, fragilizando, o seu importante papel enquanto articulador da formação contínua. (Cunha, 1999)

Essas são apenas algumas possíveis sugestões para que o trabalho do Coordenador Pedagógico seja potencializado. E, dessa forma, a escola possa verdadeiramente se transformar em um espaço formativo, um espaço de aprendizagem tanto para alunos quanto para professores.

3. Percurso Metodológico:

Este capítulo tem por objetivo caracterizar os aspectos teórico-metodológicos empregados, bem como refletir acerca da abordagem e procedimentos utilizados.

Apresentaremos as duas escolas, na qual esta pesquisa foi desenvolvida, a fim de demonstrar o contexto na qual estão inseridas e o critério estabelecido para suas escolhas. Em seguida, faremos uma caracterização dos sujeitos desta pesquisa, tendo em vista seu perfil e formação.

Nossa proposta de trabalho consistiu em realizar um estudo qualitativo de natureza empírica, valendo-se de observação *in loco* do HTPC em duas escolas públicas Araraquarenses, sendo uma escola estadual, aqui chamada de “Escola J”, e uma escola municipal, denominada “Escola A”, durante um semestre letivo.

Realizou-se também uma análise documental em textos que abordam esta temática e em documentos oficiais presentes nas unidades escolares, como Projeto Político Pedagógico, Plano de Gestão, pautas e atas das reuniões de HTPC. Por meio dos quais tivemos aportes que nos sustentaram sobre a importância da Formação Continuada em Serviço e os objetivos do HTPC defendidos pela legislação escolar.

A respeito de pesquisas de natureza qualitativa, Bogdan e Biklen apud Lüdke e André (1986) defendem que:

[...] as características básicas da pesquisa qualitativa são: a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento, os dados coletados são predominantemente descritivos, a preocupação com o processo é muito maior que com o produto, o significado que as pessoas dão as coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador e a análise dos dados tende a seguir um processo indutivo. (LUDKE e ANDRÉ, 1986, p. 11 a 13.)

Os procedimentos aplicados aos participantes foram de ordem observacional e interrogativa, uma vez que eles foram observados durante um semestre letivo, no decorrer das reuniões de HTPC, e posteriormente, foram, convidados a responder questões semi-estruturadas.

Essa entrevista estruturalmente foi dividida em duas partes a fim de identificar as constatações dos professores, coordenadores e diretores a respeito da 1) Importância da Formação Continuada e 2) Maneira como o HTPC é realizado na sua escola. Essas entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas e categorizadas.

Acreditamos que o uso da observação do HTPC mostrou-se um recurso válido para a coleta de dados, uma vez que muitos dados relevantes para a realização desta pesquisa emergiram dessas observações. Tendo em vista que participar das reuniões pedagógicas semanalmente junto aos professores durante um semestre letivo, observando e registrando seus comportamentos, opiniões e atitudes acerca da condução dessas reuniões nas escolas, nos proporcionou identificar nos participantes, com clareza e objetividade, os sentidos por eles atribuídos a esse espaço.

A respeito da observação na pesquisa, André (1995) aponta que:

A observação é chamada de participante porque parte do princípio de que o pesquisador tem sempre um grau de interação com a situação estudada, afetando-a e sendo por ela afetado. As entrevistas têm a finalidade de aprofundar as questões e esclarecer os problemas observados. Os documentos são usados no sentido de contextualizar o fenômeno, explicar suas vinculações mais profundas e completar as informações coletadas através de outras fontes. Subjacente ao uso dessas técnicas etnográficas existe o princípio da interação constante entre o pesquisador e o objeto pesquisado, princípio esse que determina fortemente a segunda característica da pesquisa do tipo etnográfico, ou seja, que o pesquisador é o instrumento principal na coleta e análise dos dados. Os dados são mediados pelo instrumento humano, o pesquisador. O fato de ser uma pessoa o põe numa posição bem diferente de outros tipos de instrumentos, porque permite que ele responda ativamente às circunstâncias que o cercam, modificando técnicas de coleta, se necessário, revendo as questões que orientam a pesquisa, localizando novos sujeitos, revendo toda a metodologia ainda durante o desenrolar do trabalho. (ANDRÉ, 1995, p.28).

As observações foram posteriormente articuladas com entrevistas semi estruturadas aplicadas aos docentes, coordenadores pedagógicos e diretores de ambas as escolas. Ampliado assim a quantidade de dados, e verificando e/ou validando os dados obtidos por meio da observação, comparando-os com as falas dos participantes, a fim de compreender melhor como se processa a dinâmica desse horário, detectando suas características espaciais e temporais.

Segue um quadro demonstrativo das técnicas utilizadas para a coleta de dados:

Quadro 1 – Técnicas utilizadas para a coleta de dados

TÉCNICA	RECURSO	OBJETIVO	PERÍODO
Observação direta do HTPC	Notas no Caderno de Campo	Identificar como o HTPC tem sido realizado. Identificar suas características, estrutura e organização. Perceber as opiniões dos participantes a respeito do HTPC.	De fevereiro a junho de 2013
Entrevistas com os professores e responsáveis pelo HTPC	Entrevista semi-estruturada	Identificar os sentidos que os professores, coordenadores e diretores atribuem à Formação Continuada em Serviço e ao HTPC. Verificar e validar os dados provenientes da observação comparando com as falas dos participantes.	De maio a junho de 2013

Fonte: Elaboração da própria autora com notas extraídas do caderno de campo.

Doravante, para compor a análise dos dados aferidos, recorreremos à Laurence Bardin (1977), que no seu livro sobre Análise de Conteúdo afirma tratar-se de

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às

condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 1977, p.42)

Nessa técnica de análise desenvolvida por Bardin, a categorização é uma operação fundamental, desta forma definida:

A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos. (BARDIN, 1977, p. 117)

Para chegar às categorias de análise, submetemos o conjunto de dados levantados por meio da observação e das entrevistas aos critérios estabelecidos na obra de Bardin (1977). Através da qual duas categorias de análise, conforme a problemática dos HTPCs foram seguidamente construídas. São elas:

**1) Fatores que dificultam o desenvolvimento do HTPC como Formação
Continuada em Serviço**

**2) Fatores que facilitam o desenvolvimento do HTPC como Formação
Continuada em Serviço**

A maneira como foi realizada a composição destas categorias de análise será descrita e analisada no item 4 referente ao “Tratamento dos Dados”.

3.1 Os Locais Pesquisados:

Esta pesquisa foi realizada em duas escolas de um município do interior paulista, sendo uma escola estadual, aqui chamada de “Escola J”, e uma escola municipal, denominada “Escola A”. A escolha se deu pelo fato de ambas terem obtido a melhor nota no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) em sua última avaliação (ano 2012).

Estabeleceu-se como critério de seleção que escolas com alto índice no IDEB talvez teriam práticas eficazes de Formação Continuada em Serviço dos seus professores, realizando um trabalho diferenciado em seu interior.

- **Caracterização das escolas:**

Escola A

Esta Unidade Escolar foi criada em 1990. Em 1998 foi desativada pelo Estado, por falta de condições físicas e estruturais de funcionamento, transferindo suas atividades para o CAIC Rubens Cruz, cedido pelo Município. Após passar por reformas pelo Poder Público Municipal, tornou-se uma Escola Municipal do Ensino Fundamental, atendendo apenas as classes das primeiras séries do Ensino Fundamental, passando a atender as segundas séries, no próximo ano, em 1999.

Em 2002 passou a trabalhar de forma seriada atendendo da 1 à 4 série. Em 2006, passa a trabalhar por ciclos de ensino, atendendo o primeiro ciclo (primeiro, segundo e terceiro ano) e parte do segundo ciclo (quarto e quinto ano).

Está situada em um bairro de periferia, bem afastado do Centro da cidade. A população do entorno da escola é bastante carente, financeira, cultural e assistencialmente. Muitas famílias se mudam com frequência pelos bairros da cidade fazendo com que a escola tenha uma clientela de alunos flutuante.

Essa escola dispõe atualmente de Laboratório de Informática, Biblioteca recentemente construída; Sala dos Professores; onze salas de aula, destas

onze salas três possuem lousa digital, pátio coberto, quadra coberta, cozinha, depósito, banheiro para alunos e banheiro para funcionários.

A Unidade Escolar possui recursos didáticos pedagógicos, tais como: Computadores, Lousa digital, Quadra coberta, Playground, Biblioteca, Brinquedoteca, Material Didático SESI, Jogos e recursos concretos, Rádio, TV e DVD, Artigos esportivos.

A sua comunidade, pela localização, ou por situações não pertinentes ao momento, não possui quantidade de recursos, mas o que podemos citar são: O Centro de Referência em Assistência Social (CRAS), Posto de Saúde, sendo uma unidade no setor I e outra no setor IV, Centro Esportivo (em frente à Escola), Comércio (há um supermercado em frente à Escola).

Devido ao pequeno número de recursos disponíveis à comunidade, esta Unidade Escolar se constitui como o mais importante dos recursos.

Esta Unidade Escolar é composta de 21 Professores I, atribuídos no final de 2010 de acordo com resolução da SME. Porém, por motivos de licença/afastamento, conta com mais três profissionais no quadro de Professores I. Tendo seis Professores II atuantes na escola nas disciplinas de: Educação Física, Inglês e Arte.

No seu quadro técnico-administrativo-pedagógico e educacional a escola conta com uma diretora, Agente Educacional; Agente Administrativo e consta no PPP que a escola dispõe de um Professor Coordenador, porém, durante os seis meses em que estive inserida nesta escola, o Coordenador ainda não havia sido encaminhado à essa Unidade.

Infelizmente, visto que, segundo o Plano de gestão dessa unidade, o Professor Coordenador é responsável pela formação continuada dos professores da Unidade Escolar. Também realiza suporte técnico aos docentes; na falta de professores, organiza a substituição. Atua na construção pedagógica como um todo, tendo em vista as seguintes atribuições que são inerentes à sua função: 1)- responsabilizar-se pelo processo de formação continuada dos docentes da unidade escolar, bem como sua aplicabilidade; 2) - orientar, acompanhar e avaliar o desenvolvimento do trabalho docente, mantendo os devidos registros; 3) - orientar e avaliar o material solicitado ou preparado pelos docentes, bem como as produções pedagógicas dos

discentes; 4)- analisar resultados do rendimento escolar dos alunos propondo ações de redimensionamento da prática pedagógica.

O HTPC é realizado na brinquedoteca da escola, às segundas-feiras das 10h00min às 12h00min. Esse período é com as professoras da tarde, as professoras do período da manhã fazem o HTPC das 13h00min as 15h00min. Devido à falta da Coordenadora Pedagógica, a responsável pela execução do HTPC é a Diretora.

Escola J

A Escola J foi criada em abril de 1918 e mantida pelo governo do Estado de São Paulo. Situa-se próxima ao Museu Histórico, Biblioteca Pública, Faculdade de Odontologia, Escola de Farmácia, Centro de Saúde Estadual, Centro de Reabilitação, Maternidade e Faculdades.

Esta unidade oferece o Ensino Fundamental Ciclo I, atendendo 556 alunos, distribuídos em 18 salas de aula nos períodos manhã e tarde, com faixa etária de 06 a 10 anos.

A clientela desta escola, embora situada na área central da cidade, é frequentada por alunos advindos de vários bairros da cidade, muitas vezes bem distantes, pelo fato dos pais serem comerciários, empregadas domésticas, bancários e funcionários públicos municipais que trabalham no centro, tornando-se mais fácil para os mesmos que os filhos estudem perto do trabalho.

A escola conta com Salas de Aula, Sala de Vídeo, Biblioteca, Sala de Leitura, Sala de Jogos Pedagógicos, Sala de Informática, Laboratório, Secretaria, Vice-Diretoria, Sala dos Professores, Coordenação, Cozinha, Refeitório, Palco, Cantina e Pátios coberto, descoberto, banheiro para alunos e banheiro para funcionários.

No que diz respeito à situação socioeconômica e educacional da comunidade, os alunos Predominantemente pertencem à classe média de acordo com o nível de instrução dos pais, que transita entre Ensino fundamental completo e Ensino superior e qualificação profissional, visto que se ocupam nos setores do comércio, empresas privadas e funcionalismo público.

A equipe de professores desta unidade é composta de 21 professores efetivos, 6 professores regidos pelo artigo 22, 1 professor OFA e 1 professor readaptado.

A unidade escolar conta com um quadro de funcionários composto por 1 secretário, 1 coordenador, 1 vice-diretor e 1 diretor.

Segundo o Projeto Político Pedagógico desta unidade, a equipe de professores é assídua, atuante nos projetos desenvolvidos; participativa nas reuniões de HTPC; envolvida na busca por melhoria dos níveis de aprendizagem dos alunos; comprometida com a meta estabelecida pela Secretaria da Educação; busca parceria e diálogo com os pais e comunidade para melhor desenvolver as atividades realizadas na unidade; trabalha de maneira integrada, o que possibilita a diminuição do trabalho individualizado; atualiza-se e renova a prática docente por meio do uso dos materiais disponíveis e eletroeletrônicos no dia a dia, valorizando, deste modo, as habilidades e competências previstas dentro da proposta pedagógica da escola.

A equipe gestora busca liderar uma relação de bom entrosamento entre funcionários, alunos e comunidade, pois o funcionário no ambiente escolar é também educador.

A equipe de professores desta unidade realiza periodicamente atividades de capacitação e formação continuada, ademais dos projetos discutidos e desenvolvidos coletivamente em HTPC. O projeto pedagógico da escola é construído a partir do diálogo travado entre equipe escolar e comunidade, ressaltando-se o caráter fundamental dos professores na construção e implementação de tal projeto.

De acordo com a Proposta Pedagógica da escola apresentada à Diretoria de Ensino, o HTPC é baseado em estudos e orientações voltadas à formação do professor, valorização do trabalho docente e integração da prática profissional com o conhecimento sistematizado nas discussões coletivas. Tem como prioridade a melhoria da qualidade do ensino. E objetiva atender às necessidades e dificuldades específicas dos alunos, bem como garantir o acesso ao ensino de qualidade.

Segundo o Plano de Gestão da Escola J no ano de 2013, as atividades de Trabalho Pedagógico Coletivo estavam desta forma organizadas: As

atividades de Trabalho Pedagógico Coletivo (ATPCs) são realizadas às segundas-feiras, das 12h até às 12h50min em uma sala de aula. A responsável pela condução do HTPC é a Coordenadora Pedagógica.

Esse documento salienta que os momentos de HTPC são de grande relevância, pois são nessas atividades que a equipe escolar discute as propostas pré-estabelecidas como meta, diagnosticando quais ações devem permanecer e quais devem ser reelaboradas. É um momento de avaliação, onde ocorrem as trocas de experiências, processo fundamental para alcançar o êxito da proposta pedagógica. É um espaço de elaboração de um trabalho coletivo e interdisciplinar.

No Plano de Gestão do ano de 2013, estavam programadas para o HTPC as seguintes leituras: Leitura e análise de textos buscando a sustentação teórica para as tomadas de decisão sobre o projeto pedagógico; acompanhamento do desenvolvimento dos conteúdos promovendo a interdisciplinaridade e implementando o trabalho coletivo; planejamento das atividades para o desenvolvimento dos referidos conteúdos; divulgação de experiências inovadoras; socialização dos materiais trabalhados nos encontros de Orientação Técnica de Oficina Pedagógica; acompanhamento das ações estabelecidas nos projetos do plano escolar; organização e divulgação de material didático-pedagógico disponível na Unidade Escolar; desenvolvimento e construção dos instrumentos de avaliação; análise dos resultados de desempenho dos alunos, para o acompanhamento contínuo de aprendizagem e por último o acompanhamento dos projetos de recuperação contínua, organizados pela escola para assegurar a aprendizagem bem sucedida.

3.2 Os sujeitos da pesquisa:

Inicialmente solicitei autorização à Secretaria Municipal de Educação (SME) e à Diretoria de Ensino Regional (DER) para a realização da pesquisa junto aos profissionais da Rede Municipal e Estadual, mais precisamente em uma escola estadual (Escola J) e uma escola municipal (Escola A).

Após a autorização ser concedida fui até as escolas a fim de me apresentar às responsáveis pelo encaminhamento do HTPC na Unidade.

Na Escola J a responsável pelo HTPC é a Coordenadora Pedagógica. No nosso primeiro contato ela se mostrou um pouco resistente em permitir minha presença nas reuniões de HTPC, e frisou que não queria aceitar nenhuma estagiária nesse primeiro semestre. Em seguida a Coordenadora se justificou alegando que estão sobrecarregados, realizando a mudança de prédio da escola. Todavia, depois de conversar a respeito desta pesquisa e de informá-la que já estava autorizada pela Dirigente de Ensino, ela permitiu que acompanhasse as reuniões de HTPC durante o primeiro semestre.

Já a Escola A não tem Coordenadora Pedagógica, portanto, a responsável pelo encaminhamento do HTPC é a Diretora da Escola. No nosso primeiro contato, não houve nenhuma resistência de sua parte, e ela permitiu que realizasse as observações.

Desta maneira, os participantes desta pesquisa responsáveis pela condução do HTPC foram a Diretora na Escola A e a Coordenadora Pedagógica na Escola J.

Para a escolha dos professores participantes da entrevista usamos uma amostra de sete em cada escola, visto que esse era o número total de professoras que participavam da reunião na Escola A, por conta disso, escolhemos esse mesmo número de sujeitos para participar da nossa entrevista na Escola J. Desse modo, além de uma Diretora e uma Coordenadora Pedagógica nossos sujeitos ficaram constituídos por catorze professores, assim divididos:

Quadro 2 – Nomes fictícios dos participantes da pesquisa – Professores

ESCOLA A	ESCOLA J
Amélia	Ana
Ariana	Beatriz
Bruna	Juliana
Inês	Luciana
Ingrid	Patrícia
Joana	Rosane
Luana	Saulo

Fonte: Elaboração da própria autora com notas extraídas do caderno de campo

Quadro 3 - Perfil dos participantes da pesquisa - Professores**ESCOLA A**

Nome	Idade	Formação	Série que leciona	Tempo de atuação	Tempo nessa escola
Amélia	42 anos	Pedagogia	1º ano	15 anos	4 anos
Ariana	30 anos	Pedagogia	3º ano	9 anos	2 anos
Bruna	32 anos	Pedagogia e Especialização	4º ano	3 anos	1 ano
Inês	45 anos	Magistério, Pedagogia e Especialização	5º ano	18 anos	1 ano
Ingrid	38 anos	Magistério e Pedagogia	2º ano	17 anos	9 anos
Joana	31 anos	Pedagogia e Especialização	4º ano	10 anos	1 ano
Luana	29 anos	Licenciatura em Educação Física e Especialização	Professora de Educação Física	6 anos	5 anos

Fonte: Elaboração da própria autora com informação verbal extraídas das entrevistas.

Informações adicionais:

- Professora Amélia foi diretora de uma escola municipal na cidade de Mauá de 2002 até 2005. E Coordenadora Pedagógica no mesmo município de 2006 até 2008.

Quadro 4 - Perfil dos participantes da pesquisa - Professores**ESCOLA J**

Nome	Idade	Formação	Série que leciona	Tempo de atuação	Tempo nessa escola
Ana	43 anos	Magistério, Pedagogia e Especialização	3º ano	20 anos	1 ano
Beatriz	53 anos	Magistério e Pedagogia	3º ano	23 anos	3 anos
Juliana	48 anos	Magistério e Pedagogia	5º ano	27 anos	11 anos
Luciana	49 anos	Magistério e Especialização	3º ano	24 anos	17 anos
Patrícia	31 anos	Pedagogia e Especialização	5º ano	8 anos	9 anos
Rosane	44 anos	Magistério, Pedagogia e Especialização	3º ano	22 anos	1 ano
Saulo	60 anos	Licenciatura em Educação Física e Ciências Sociais	Professor de Educação Física	24 anos	13 anos

Fonte: Elaboração da própria autora com informação verbal extraídas das entrevistas.

Quadro 5 – Nomes fictícios dos participantes da pesquisa - Responsável pelo HTPC

NOME	ESCOLA	CARGO
Marli	A	Diretora
Karina	J	Coordenadora Pedagógica

Fonte: Elaboração da própria autora com notas extraídas do caderno de campo.

Quadro 6 - Perfil dos participantes da pesquisa – Responsável pelo HTPC

Nome	Idade	Cargo que ocupa	Formação	Tempo de atuação	Tempo nessa escola
Marli	Não respondeu	Diretora	Não respondeu	Não respondeu	12 anos
Karina	48 anos	Coordenadora Pedagógica	Magistério, Pedagogia e História	14 anos na coordenação	5 anos

Fonte: Elaboração da própria autora com informação verbal extraídas das entrevistas.

Informações adicionais:

- Diretora Marli se recusou a responder algumas questões na entrevista.

- **HTPCs Observados durante um semestre**

Permaneci nas escolas investigadas durante um semestre letivo, de fevereiro a junho de 2013, exclusivamente nos horários destinados ao trabalho pedagógico coletivo dos professores dos anos iniciais (HTPC), que ocorria em ambas as escolas nas segundas-feiras, no mesmo horário. Sendo assim, intercalamos as escolas para que a cada semana pudéssemos acompanhar um HTPC.

Vale explicitar que embora a Coordenadora Pedagógica responsável pelo HTPC na Escola J tenha me informado que o HTPC teria início em fevereiro, isso não aconteceu. As reuniões só tiveram início em março. E foram finalizadas na primeira semana de junho, pois a mesma Coordenadora nos informou que já finalizaria o HTPC, alegando cansaço das professoras. Dessa forma, na Escola J só houve reuniões nos meses de março, abril e maio. Enfatizamos que, embora tenha havido reuniões no primeiro semestre, foram realizadas, muitas vezes, de maneira precária e frágil, como abordaremos no decorrer deste trabalho.

Quadro 7: Reuniões de HTPC durante um semestre

Escola A

18/02/2013	HTPC Observado
25/02/2013	HTPC Observado
11/03/2013	Não houve HTPC
25/03/2013	HTPC Observado
08/04/2013	Não houve HTPC
22/04/2013	HTPC Observado
06/05/2013	HTPC Observado
20/05/2013	Não houve HTPC
03/06/2013	HTPC Observado
17/06/2013	Não houve HTPC

Fonte: Elaboração da própria autora com notas extraídas do caderno de campo

Quadro 8: Reuniões de HTPC durante um semestre
Escola J

04/02/2013	Não houve HTPC
04/03/2013	Não houve HTPC
18/03/2013	Não houve HTPC
01/04/2013	HTPC Observado
15/04/2013	HTPC Observado
29/04/2013	HTPC Observado
13/05/2013	Não houve HTPC
27/05/2013	Não houve HTPC
10/06/2013	Não houve HTPC
24/06/2013	Não houve HTPC

Fonte: Elaboração da própria autora com notas extraídas do caderno de campo

Os motivos para o cancelamento das reuniões na Escola A foram: outros compromissos da Diretora e cansaço apresentado por ela. Já na Escola J os motivos diziam respeito à sobrecarga de tarefas da Coordenadora Pedagógica, impedindo-a de conduzir a reunião.

Quando houve ausência de reunião os professores cumpriam horário e a observação permanecia. Algumas vezes as professoras tinham tarefas a fazer relacionadas à pauta do HTPC, porém, em sua grande maioria, não a realizavam.

O fato de as professoras cumprirem o horário destinado ao HTPC nas escolas não significa que as reuniões foram realizadas, pois como podemos ver nos trechos abaixo, na grande maioria das reuniões da escola J por exemplo, a Coordenadora Pedagógica não permanecia na sala e deixava as professoras “livres” para fazerem suas atividades, não ocorrendo assim nenhum tipo de estudo e reflexão coordenados por ela. Como podemos ver nos trechos abaixo destacados do Apêndice A, no qual apresento as divergências encontradas entre o Tema da Pauta da reunião e o que realmente ocorria nesse horário nos dias em que o HTPC não foi realizado.

Escola J = 04/03 = HTPC não foi realizado. Coordenadora disse que deixou as professoras “livres”. Em seguida, propôs que as professoras se reunissem pelo ano que atuam e realizassem o planejamento durante esse horário. Coordenadora não ficou na sala, só veio uma vez e não permaneceu por muito tempo. Professoras procurando palavras sinônimas para “mudar” o planejamento do ano anterior.

Escola A = 11/03 = Diretora não realizou o HTPC, pois estava ocupada. Solicitou que as professoras terminassem de discutir o texto do último encontro e ao final redigissem uma ata. Professoras contentes por não ter HTPC. Fizeram-me reclamações a respeito da condução desse espaço. Criticaram o material SESI, porém acharam melhor não escrever a crítica na ata da reunião. Não deixaram a ata salva no computador, temendo que as professoras do HTPC da tarde a copiassem.

Escola J = 18/03= HTPC não foi realizado. Coordenadora Pedagógica sugeriu que as professoras fizessem o plano de aula e a rotina, e não permaneceu na sala. Professora Beatriz sendo intensamente criticada pelas demais professoras por querer “inventar moda” diante do diretor fazendo receita de bombom com seus alunos. Professoras alegando todas as desculpas possíveis para não realizarem essa receita com seus alunos. Coordenadora Pedagógica se esquivou da discussão, não mediando o conflito. Professora Beatriz saiu da sala visivelmente abalada e nenhuma professora realizou seu planejamento e nem sua rotina.

Escola A = 08/04 = HTPC não foi realizado. Diretora estava em reunião na Secretaria da Educação, avisou que chegaria a tempo de encaminhar o HTPC, mas não chegou. Solicitei ver o Projeto Político Pedagógica da escola, porém, as secretárias disseram que apenas a diretora poderia autorizar.

Escola J= 13/05 = HTPC não foi realizado. Coordenadora Pedagógica está de férias e deixou o tema e o texto do HTPC para ser realizado hoje pelas professoras. Quando as professoras se questionavam qual seria a atividade a Professora Luciana respondia ironicamente: “A orientação do dia de hoje é

pensar em Jesus, refletindo em silêncio, ninguém fala nada”. Professoras riam e Luciana repetiu isso durante todo o tempo da reunião. Não realizaram as atividades propostas.

Escola A = 20/05 = HTPC não foi realizado, pois a Diretora não estava presente na escola. Professoras ficaram conversando a respeito da novela.

Escola J= 27/05 = HTPC não foi realizado. Coordenadora falou para as professoras realizarem o planejamento e não permaneceu no encontro. Professoras se reuniram em grupos e sem a ajuda da Coordenadora elaboraram atividades.

Escola J = 10/06= HTPC não foi realizado. Coordenadora liberou as professoras, dizendo que a partir de junho não fará mais reuniões de HTPC, porque as férias estão próximas e as professoras estão cansadas.

Escola A = 17/06= HTPC não foi realizado. Nesse horário foi realizado um chá de bebê para uma professora e na pauta constava que seria debatido as Práticas concretas do nível 2.

Escola J= 24/06= Conselho de Classe = HTPC não foi realizado, pois hoje haveria o Conselho de Classe.

4. Tratamento dos dados

Para iniciarmos o tratamento dos dados segundo a Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977), seguimos os três polos cronológicos referenciados por Bardin (1977). Primeiramente trata-se da pré-análise, que corresponde ao período da organização, da sistematização das ideias iniciais, de maneira a possibilitar um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas.

A pré-análise possui três fatores que não se sucedem obrigatoriamente em ordem cronológica, que são: a escolha dos documentos que serão submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração dos indicadores que fundamentarão a interpretação final. (BARDIN, 1977)

Realizamos a escolha dos documentos a serem analisados, e fizemos a primeira atividade dessa fase da pré-análise, que trata-se da leitura flutuante, que tem como objetivo estabelecer contato com os documentos, analisando-os e interpretando-os.

Uma vez constituído qual seria o universo demarcado em nossa pesquisa, ou seja, o corpus de documentos sobre os quais efetuaríamos a análise, seguimos para a segunda fase da análise de conteúdo. (BARDIN, 1977)

Nesta fase obedecemos à Regra da Homogeneidade, uma vez que o corpus de documentos escolhido tratava-se das entrevistas aplicadas junto aos sujeitos da pesquisa, desta forma, todas foram obtidas por intermédio de técnicas idênticas. (BARDIN, 1977)

O terceiro passo da fase da pré-análise é a formulação das hipóteses e dos objetivos. Segundo Bardin (1977), uma hipótese “trata-se de uma suposição cuja origem é a intuição e que permanece em suspenso enquanto não for submetida à prova de dados seguros”. (BARDIN, 1977, p. 98)

Realizamos em seguida, o passo denominado por Bardin de preparação do material, que precede a análise propriamente dita. Portanto, nesta fase preparamos o material de forma que as entrevistas foram gravadas e transcritas digitalmente na íntegra e as suas gravações conservadas. As notas do caderno de campo, provenientes das observações, também foram transcritas e digitalizadas.

Após todas as operações da pré-análise terem sido concluídas, seguimos para a segunda fase da análise de conteúdo, que trata-se da Exploração do Material, uma administração sistemática das decisões tomadas. Segundo Bardin, “esta fase, longa e fastidiosa, consiste essencialmente de operações de codificação, desconto ou enumeração, em função de regras previamente formuladas”. (BARDIN, 1977, p. 101)

A terceira etapa apresentada por Bardin é referente ao Tratamento dos Resultados, à Inferência e à Interpretação. Nesta etapa os resultados brutos são tratados de maneira a se tornarem significativos. É a fase da aplicação das operações estatísticas, que permitem estabelecer quadros de resultados, diagramas, modelos e figuras, os quais propiciam destacar as informações fornecidas pela análise. E assim sendo, proporcionar inferências e adiantar interpretações segundo os objetivos pré-estabelecidos deste trabalho.

A próxima fase do método Análise de Conteúdo de Bardin é a Codificação. Que trata-se de um processo de transformação dos dados brutos, possibilitando atingir uma representação do conteúdo, ou da sua expressão. A organização do processo de codificação envolve três escolhas: O recorte, que é a escolha das unidades; a enumeração, que é a escolha das regras de contagem e a classificação e agregação, que possibilitam a escolha das categorias.

Já na fase da Categorização, a unidade de registro é a unidade de significação a codificar, e diz respeito ao segmento de conteúdo que vamos considerar como unidade de base, visando a categorização e a contagem frequencial. Segundo Bardin, as unidades de registro mais utilizadas são a palavra, o tema, o objeto ou referente, o personagem, o acontecimento e o documento.

Fizemos uso do “tema” enquanto unidade de registro neste trabalho, pois de acordo com Bardin (1977, p. 106): “O tema é geralmente utilizado como unidade de registro para estudar motivações de opiniões, de atitudes, de valores, de crenças, de tendências, etc.” Portanto, tornou-se a escolha mais adequada para esta pesquisa, indicando dois temas centrais que emergiram da codificação das unidades de registro levantadas através da exploração do material utilizado. Estes temas nos possibilitaram estabelecer as unidades de registro bem como sua frequência. Os temas que emergiram foram:

- Categoria 1: Fatores que dificultam o desenvolvimento do HTPC como Formação Continuada em Serviço.
- Categoria 2: Fatores que facilitam o desenvolvimento do HTPC como Formação Continuada em Serviço.

De acordo com Bardin “fazer uma análise temática, consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido” (BARDIN, 1977, p. 105)

O segundo passo da codificação diz respeito às regras de enumeração, e Bardin nos apresenta diversos tipos de enumerações. Para categorizar nossos dados fizemos uso da regra da frequência, que tem como base o fato da importância de uma unidade de registro aumentar devido à frequência de sua aparição.

Para seguirmos com a Análise de Conteúdo, o passo seguinte é a Categorização, que trata-se de um processo de classificação dos elementos em categorias. Esta operação comporta duas etapas: o inventário, por meio do qual os elementos são isolados; e a classificação, na qual os elementos são repartidos. Bardin aponta (1977):

A partir do momento em que a análise de conteúdo decide codificar o seu material, deve produzir um sistema de categorias. A categorização tem como primeiro objetivo (da mesma maneira que a análise documental), fornecer, por condensação, uma representação simplificada dos dados brutos. (BARDIN, 1977, p. 119)

A categorização deve conter os seguintes princípios:

- A exclusão mútua: Estipula que cada elemento não pode existir em mais de uma divisão.
- A homogeneidade: Os dados devem referir-se ao mesmo tema, serem coletados através de técnicas iguais e com participantes semelhantes.
- A pertinência: A categoria deve estar adaptada ao material de análise escolhido e ao quadro teórico definido.

- A objetividade e a fidelidade: As diferentes partes de um mesmo material devem ser codificadas da mesma maneira, mesmo quando submetidas a varias análises.

- A produtividade: Por fornecer resultados férteis em índices de inferências, em hipóteses novas e em dados exatos. (BARDIN, 1977, p. 119, 120, 121)

Para prosseguirmos com a Análise de Conteúdo o próximo passo foi a inferência. Conforme Bardin (1977):

[...] a análise de conteúdo constitui um bom instrumento de indução para se investigarem as causas (variáveis inferidas) a partir dos efeitos (variáveis de inferência ou indicadores; referências no texto). (BARDIN, 1977, p. 137)

Segue abaixo quadro de frequência, elaborado como recorrência dos dados empíricos, tendo em vista a frequência das respostas emitidas pelos participantes nas entrevistas semi-estruturadas, segundo a soma dos elementos elencados e tendo como norte os dois temas centrais. A análise detalhada de cada uma destas unidades de registro será empreendida no próximo capítulo.

Vale lembrar que organizamos as unidades de registro em dois blocos, por se tratar de duas escolas analisadas, e com peculiaridades, realidades e necessidades distintas no que diz respeito aos fatores elencados, mesmo tendo algumas unidades de registro em comum.

Quadro 9 – Estrutura das unidades de registro das entrevistas - ESCOLA A

Tema	Unidades de registro
Fatores que dificultam o desenvolvimento do HTPC como Formação Continuada em Serviço	Assuntos desvinculados das reais necessidades
	Professores não serem consultados a respeito da pauta da reunião
	Escola não ter Coordenador Pedagógico
	Postura Autoritária da Diretora
	Não haver troca de experiência entre os pares
	Tarefas Burocráticas
	Não ser coletivo
	Diretora faltar das reuniões
	Espaço inadequado
	Horário em que é realizado o HTPC
	Muitas reuniões
Fatores que facilitam o desenvolvimento do HTPC como Formação Continuada em Serviço	Não responderam o que contribui
	Alguns textos estudados
	Compromisso do grupo de professoras
	Compromisso da Diretora
	Quando a Diretora não está presente

Fonte: Elaboração da própria autora com informação verbal extraídas das entrevistas.

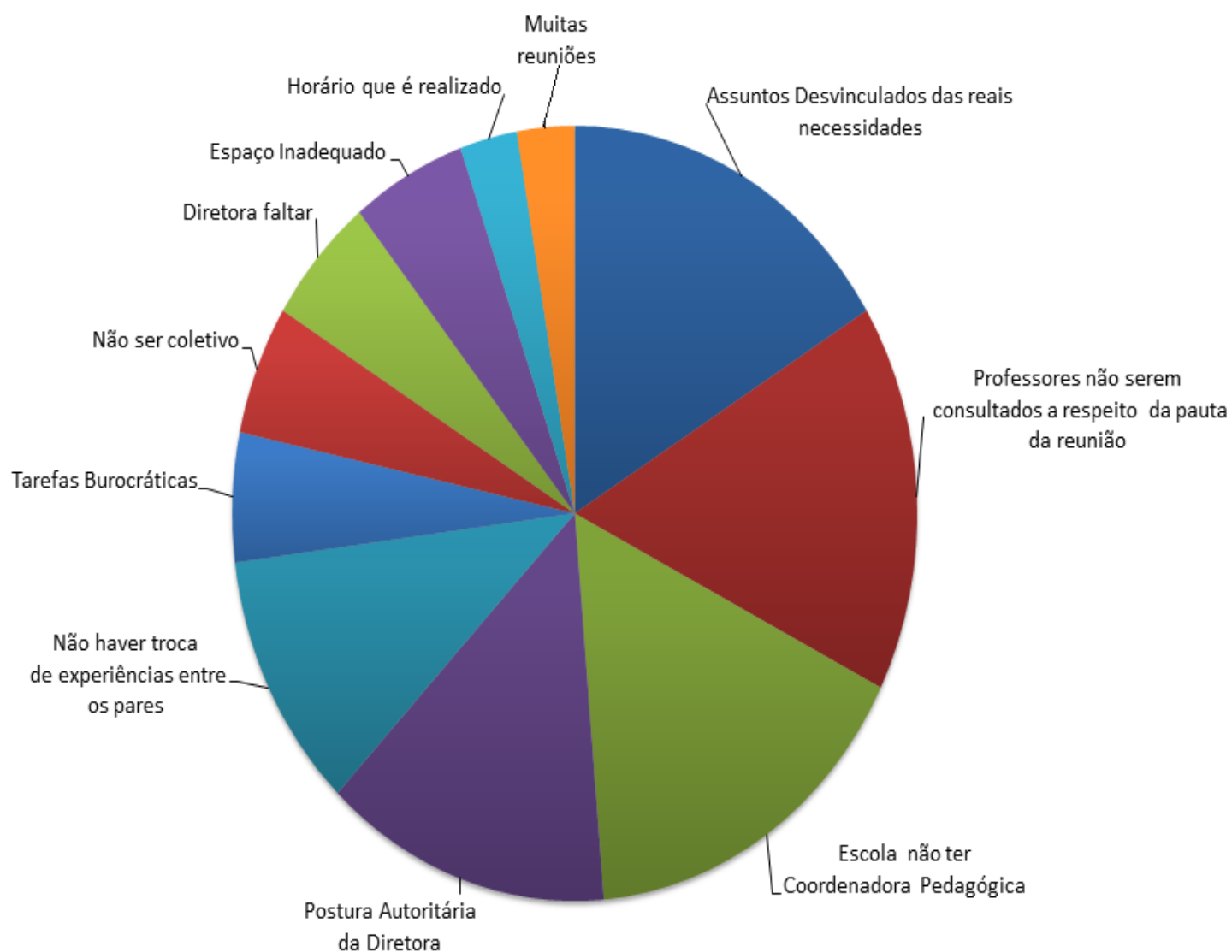
Quadro 10 – Estrutura das unidades de registro das entrevistas - ESCOLA J

Tema	Unidades de registro
Fatores que dificultam o desenvolvimento do HTPC como Formação Continuada em Serviço	Comportamento dos professores
	Tarefas Burocráticas
	Professores não terem espaço para falar
	Tempo curto da reunião
	Hierarquia nas tomadas de decisão
	Não partir das necessidades dos professores
Fatores que facilitam o desenvolvimento do HTPC como Formação Continuada em Serviço	Troca de experiência com as colegas
	Não responderam o que contribui
	Coordenador Pedagógico auxiliar os professores em suas necessidades
	Leitura dos textos trazidos pelo Coordenador Pedagógico
	Grupo de professores
	Estabelecer relação entre teoria e prática

Fonte: Elaboração da própria autora com informação verbal extraídas das entrevistas.

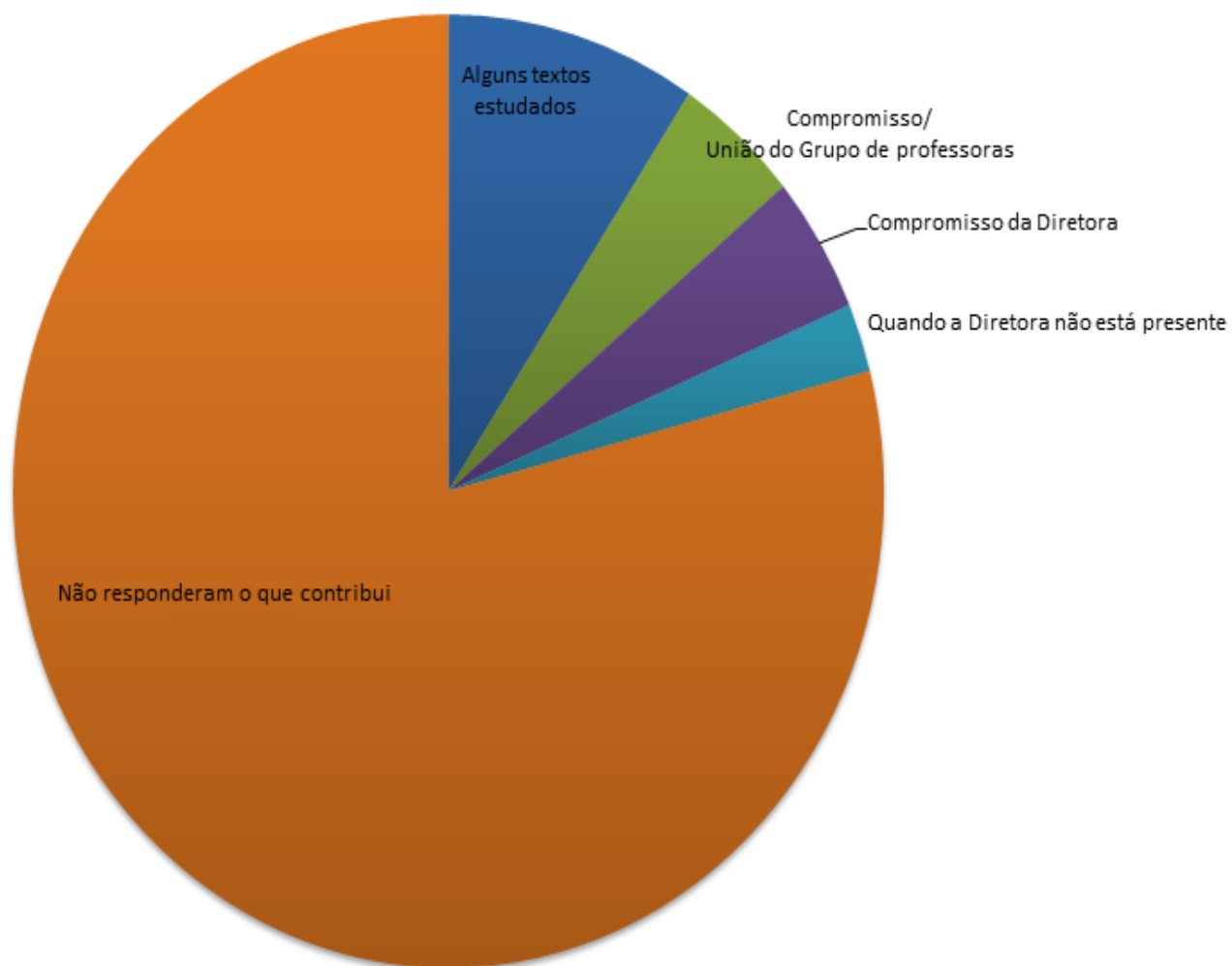
Na sequência apresentaremos os gráficos das unidades de registro, tendo em vista a frequência das respostas emitidas pelos participantes:

Figura 1: Fatores que dificultam o desenvolvimento do HTPC como Formação Continuada em Serviço na Escola A:



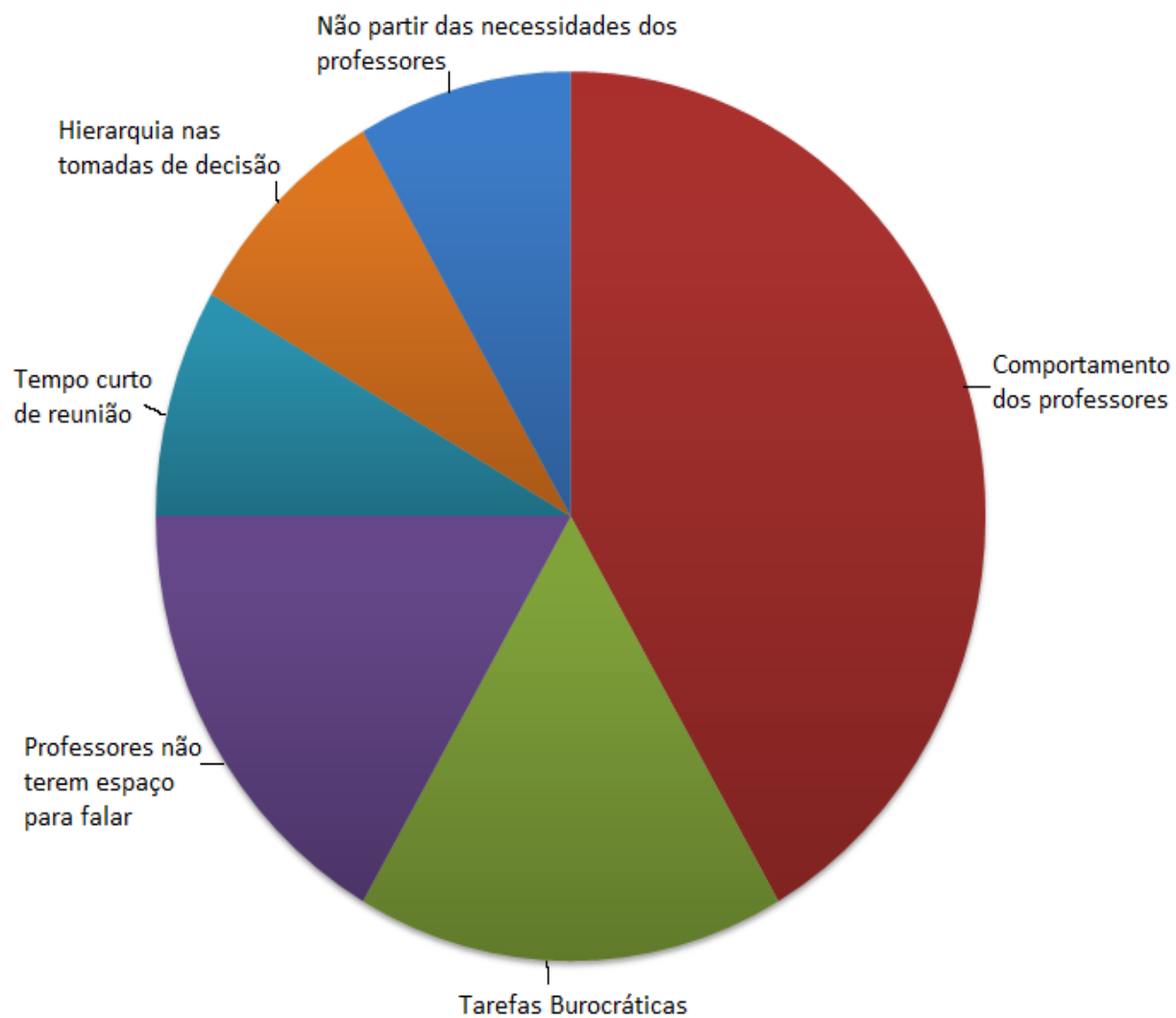
Fonte: Elaboração da própria autora com informação verbal extraída das entrevistas.

Figura 2: Fatores que facilitam o desenvolvimento do HTPC como Formação Continuada em Serviço na Escola A:



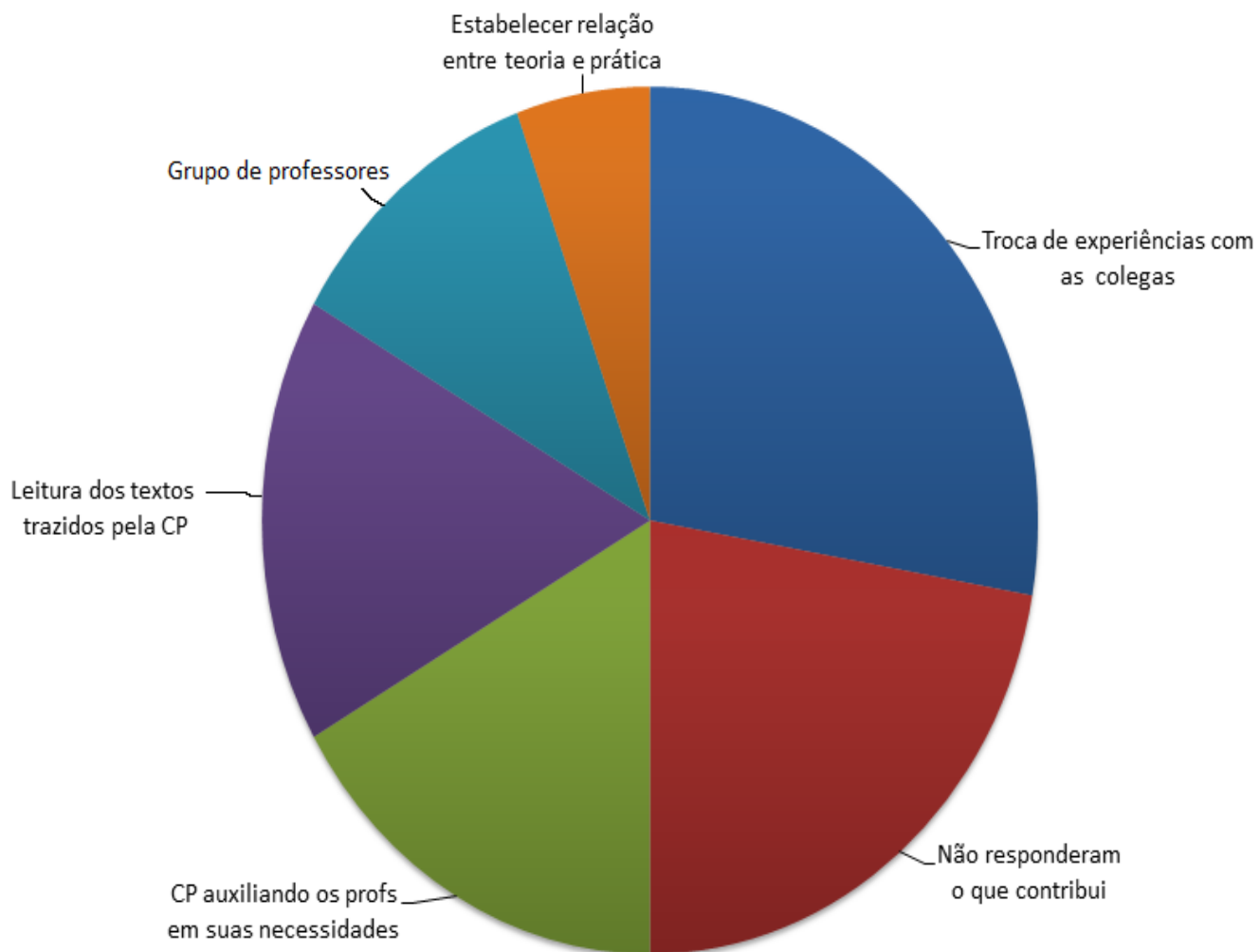
Fonte: Elaboração da própria autora com informação verbal extraída das entrevistas.

Figura 3: Fatores que dificultam o desenvolvimento do HTPC como Formação Continuada em Serviço na Escola J:



Fonte: Elaboração da própria autora com informação verbal extraída das entrevistas.

Figura 4: Fatores que facilitam o desenvolvimento do HTPC como Formação Continuada em Serviço na Escola J:



Fonte: Elaboração da própria autora com informação verbal extraída das entrevistas.

5. Desenvolvimento da pesquisa: Fatores que dificultam e fatores que facilitam o desenvolvimento do HTPC como Formação Continuada em Serviço:

Antes de nos debruçarmos sobre as categorias de análise que intitulam este capítulo, apresentaremos alguns quadros representativos das observações ocorridas in loco e que nos deram subsídios para analisarmos com mais clareza e objetividade a maneira como foram conduzidas as reuniões de HTPC e compor assim as categorias de análise.

Primeiramente, segue abaixo um quadro representativo da frequência na qual o responsável pelo HTPC tanto na Escola A, quanto na Escola J estava presente na condução da reunião.

Quadro 11: Presença do Responsável pelo HTPC na reunião

Escola	Data	Presença da Responsável pelo HTPC
Escola J	04/02/2013	Não houve HTPC
Escola A	18/02/2013	Sim – Diretora
Escola A	25/02/2013	Sim – Diretora
Escola J	04/03/2013	Não houve HTPC
Escola A	11/03/2013	Não – Diretora estava ocupada e pediu que as professoras continuassem a leitura do último texto.
Escola J	18/03/2013	Não houve HTPC
Escola A	25/03/2013	Sim – Diretora
Escola J	01/04/2013	Sim – Coordenadora Pedagógica e Diretor (informando a respeito da nota que a escola obteve).
Escola A	08/04/2013	Não houve HTPC

Escola J	15/04/2013	Sim – Coordenadora Pedagógica.
Escola A	22/04/2013	Sim - Diretora
Escola J	29/04/2013	Sim – Coordenadora Pedagógica.
Escola A	06/05/2013	Sim - Diretora
Escola J	13/05/2013	Não houve HTPC
Escola A	20/05/2013	Não houve HTPC
Escola J	27/05/2013	Não houve HTPC
Escola A	03/06/2013	Não – Diretora não acompanhou as professoras na exibição do vídeo proposto.
Escola J	10/06/2013	Não houve HTPC
Escola A	17/06/2013	Não houve HTPC
Escola J	24/06/2013	Não houve HTPC

Fonte: Elaboração da própria autora com notas extraídas do caderno de campo

Podemos constatar que a presença do responsável pelo HTPC, seja a diretora ou a coordenadora pedagógica, é um ponto a se analisar dado que, algumas vezes elas não participaram do encontro, delegando as atividades para as professoras, bem como a elaboração da ata.

Na Escola A, a secretária interrompeu diversas reuniões para transmitir avisos para a diretora e para chamá-la para resolver alguma pendência, fazendo com que as professoras ficassem sem HTPC.

Já na Escola J, um dado recorrente foi a coordenadora pedagógica não permanecer no HTPC durante todo o tempo, saindo diversas vezes da sala. E o diretor por sua vez, só esteve presente em um HTPC, para informar os professores a respeito da boa nota que a escola obteve no IDESP.

No apêndice 1, podemos consultar um quadro a respeito das divergências existentes entre o “Tema” do HTPC que constava na pauta ou ata, e o que realmente foi discutido durante este horário. Pretendemos a partir desse quadro demonstrar que o tema do HTPC informado e documentado na

pauta da reunião não se tratava, muitas vezes, do que realmente era discutido nos encontros.

Vale ressaltar que tive acesso às pautas dos HTPCs da Escola A, pois as professoras me davam uma cópia, porém, no dia em que eu solicitei para a própria Diretora, ela se recusou, alegando que as pautas teriam o emblema da Prefeitura Municipal e da Escola e não poderiam ser consultadas por pessoas que não fossem professoras da mesma.

Já na Escola J, as professoras não recebiam cópia da pauta, elas somente assinavam uma lista de frequência na qual constava a data da reunião. Era a própria Coordenadora Pedagógica que escrevia na lousa o tema a ser discutido.

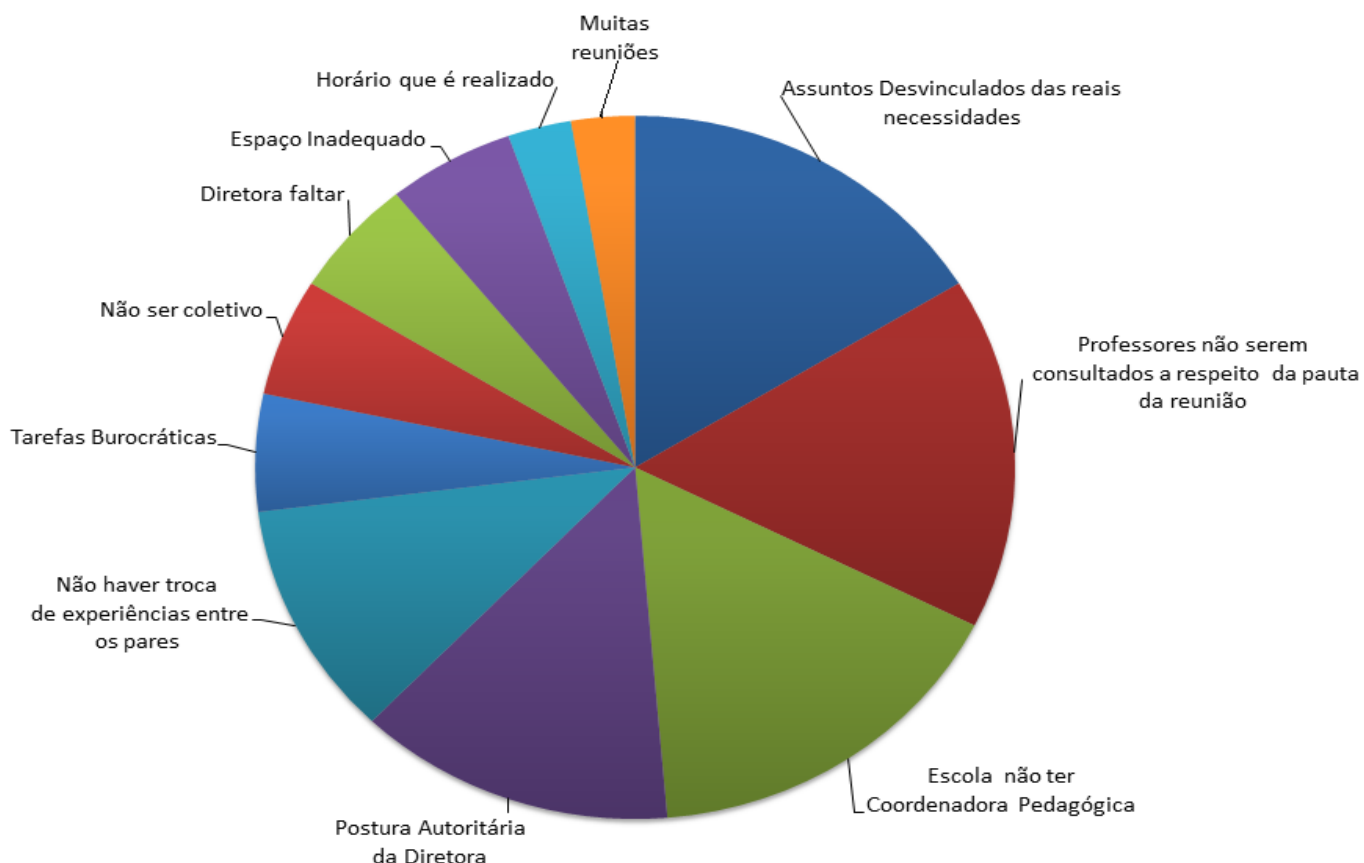
5.1.1 Fatores que dificultam o desenvolvimento do HTPC como Formação Continuada em Serviço na Escola A:

Os quadros e gráficos apresentados foram elaborados a partir das informações verbais emitidas pelos participantes nas entrevistas semi-estruturadas, condensadas segundo a frequência das suas respostas e tendo como norte as duas categorias centrais de análise.

As notas do caderno de campo e as respostas dos participantes às entrevistas nos deram indícios a respeito dos fatores que possivelmente dificultam o desenvolvimento do HTPC como momento propício à Formação Continuada em Serviço na Escola A.

Pudemos aferir por meio da frequência das respostas, que metade delas concentra-se em três fatores de maior abrangência, a saber: assuntos desvinculados das reais necessidades dos professores; professores não serem consultados a respeito da pauta da reunião e o fato da escola não ter Coordenador Pedagógico.

No decorrer desse texto serão apresentadas notas do caderno de campo e transcrições das entrevistas, com o objetivo de apresentar as concepções das participantes associadas ao HTPC e a Formação Continuada, apresentando cada unidade de registro separadamente por ordem decrescente.



Fonte: Elaboração da própria autora com informação verbal extraída das entrevistas.

Assuntos desvinculados das reais necessidades dos professores

As respostas dos participantes apontaram para a premente necessidade dos assuntos tratados durante as reuniões de HTPC serem vinculados às necessidades reais dos professores, tendo em vista que a Formação Continuada em Serviço de professores só se mostra um caminho virtuoso quando referenciada na prática docente, uma vez que é através dela que o professor pode estabelecer relação entre os saberes, refletir sobre sua ação, sua prática, validando-a ou mudando-a, vindo a superar suas dificuldades por meio de um processo formativo contínuo.

Todavia, não é isso que vem ocorrendo nos HTPCs da Escola A, pois as discussões são propostas e elaboradas tendo como base textos em parte desconectados dos problemas de sala de aula. Desta forma, os professores, muitas vezes, não encontram o apoio de que necessitam para a resolução de

problemas e dificuldades enfrentados na prática, pois muitas delas são estruturadas de maneira apriorística, sem analogias com as situações enfrentadas por eles.

A Professora Joana concordou com esse aspecto, ao enfatizar que o HTPC deve partir da realidade das professoras, das dificuldades encontradas por elas na sala de aula, tendo em vista que

a gente tem aluno que chega com mil e um problemas, aí a gente tem que chegar e conversar com três, quatro alunos, a gente tem que ser psicóloga pra depois começar a dar aula. Tem aluno que chega chorando, preocupado com os pais, eles tem muitos problemas. Então eu acho assim, tinha que ter cursos que condizem mais com a nossa prática e não que fiquem presos somente na teoria. Porque quando você tá na faculdade você acha assim que as crianças vão sentar e você vai dar aquela aula linda toda construtivista, que você aprendeu na faculdade, nos estágios, mas quando você chega na escola pública não é nada disso. (Professora Joana)

Por sua vez, Professora Luana frisou que o HTPC deveria ser um momento no qual os professores pudessem discutir os problemas reais da escola e buscar conjuntamente alternativas para solucioná-los. Com base nessa afirmação, ao ser questionada se o HTPC de sua escola está cumprindo com seu principal objetivo, ela respondeu que não, devido ao fato dos professores não poderem falar a sua opinião durante o HTPC, não poderem se expressar diante de qualquer assunto, pois as imposições acontecem de forma hierarquizada, não considerando a consulta a seus participantes. Ela enfatiza ainda que o conteúdo apresentado no HTPC não é capaz de direcionar um trabalho necessário e válido.

A professora Ingrid também frisou que o HTPC em sua opinião, deveria estar alicerçado sobre a prática docente, sobre os conteúdos trabalhados na prática. Auxiliando assim o professor em suas necessidades.

Já a professora Amélia destacou que a formação que ocorre dentro da escola deveria ser um pouco mais destinada à prática docente, mesmo contando com o acompanhamento da teoria, ser debatido mais sobre as necessidades da sala de aula e do aluno.

No que concerne ao papel principal do HTPC, a Professora Amélia respondeu:

Eu acho que o HTPC, o objetivo principal dele é essa formação em serviço, mas, essa formação deve ser relacionada com os fatos acontecidos dentro da escola, que até quando é trazido ou buscado na teoria, muitas vezes a gente tá vivenciando uma situação na escola, na sala de aula, ou é abordado no HTPC, e vice versa, ou a gente leva o problema e aí o coordenador traz alguma coisa da teoria pra esclarecer aquilo que a gente tá com dúvida. Nesse momento isso não está acontecendo, você tá acompanhando, então você tá vendo de perto. Não é isso que acontece no nosso HTPC, mas é o que deveria acontecer. (Professora Amélia)

Em seguida, Amélia relatou sua experiência anterior enquanto diretora e também Coordenadora Pedagógica em uma outra cidade, na qual as pautas do HTPC, elaboradas por ela, eram formuladas a partir das sugestões advindas do corpo docente. Desta forma, de acordo com ela, se havia alguma dúvida ou necessidade por parte do corpo docente, o HTPC era organizado tendo tal anseio como tema central.

Para complementar no que diz respeito ao fato dos assuntos abordados durante o HTPC serem desvinculados da realidade dos professores, a Professora Amélia pontuou que se for considerar a parte teórica, os textos estudados até tem sentido, sempre apresentam um objetivo positivo, porém, segundo ela, ainda está faltando algo para que o HTPC possa ser considerado espaço de formação, pois em sua opinião “está faltando essa interação da gente levar as necessidades da classe e receber feedback da coordenação. Porque às vezes a gente lê um texto que tem tudo a ver, e as vezes lê um texto que não tem, então foge um pouco da realidade.”

Nesta perspectiva, ao ser questionada a respeito de como organizaria o HTPC se fosse a responsável por essa reunião, a professora Ingrid respondeu que apresentaria textos mais articulados, mais urgentes com a prática docente, mais inteirados com os problemas reais da escola, com o que os professores estão enfrentando na sua realidade. Segundo ela “hoje está cada vez mais difícil, porque o professor leva a culpa de tudo, porque nós não temos acompanhamento, é como se cada um entrasse dentro da sua sala e tivesse que dar a sua aula como se fosse isolado.” Complementou alegando que sente falta da equipe estar funcionando, do trabalho em equipe ser uma realidade.

É importante ressaltar que todas as reuniões de HTPC observadas nesta escola, eram sempre iniciadas com a apresentação do tema por parte da

diretora, sem haver nenhum tipo de consulta prévia junto às professoras a respeito dos temas que elas gostariam e precisariam que fossem tratados, com a pauta sendo imposta, e a recomendação do dia devendo ser aceita sem nenhum tipo de questionamento (quer seja a necessidade de se fazer aula externa, necessidade de encontrar uma nova nomenclatura para a palavra erro, necessidade de se pensar em “castigos” caso os alunos não cumpram as regras, etc). A diretora só questionava o modo como as professoras fariam o que foi proposto por ela, porém não questionava em nenhum momento a necessidade ou viabilidade de fazê-lo.

Sendo assim, vemos aqui o fato de os HTPCs na Escola A não estarem fazendo sentido ao grupo docente, por estarem distanciados dos problemas reais encontrados no interior da escola e da realidade da sala de aula. Portanto, é necessário que esse espaço seja revisto para que atividades realmente significativas e úteis para eles possam ocorrer.

Como salienta Nóvoa:

A formação continuada deve estar articulada com o desempenho profissional dos professores, tomando as escolas como lugares de referência. Trata-se de um objetivo que só adquire credibilidade se os programas de formação se estruturarem em torno de problemas e de projetos de ação e não em torno de conteúdos acadêmicos. (NÓVOA, 2001, p. 30)

Portanto, é necessário que os temas abordados nas reuniões estejam relacionados aos dilemas que dificultam o trabalho docente e o processo de ensino-aprendizagem dos alunos. Pois, defendemos mais uma vez que, momentos de formação só farão sentido aos professores se forem analisadas as situações por eles vivenciadas e buscar soluções para os problemas enfrentados naquela determinada escola, objetivando a melhoria das práticas docentes.

Professores não serem consultados a respeito da pauta da reunião

Esse ponto se relaciona com o acima destacado, pois, os assuntos tratados no HTPC da Escola A, na opinião de seus participantes, são desvinculados das suas reais necessidades, justamente por não haver nenhum

tipo de consulta prévia a respeito dos temas que eles gostariam e/ou necessitariam que fossem abordados.

O que ficou claro até o momento é o fato das pautas do HTPC serem elaboradas pela diretora, sem consulta à opinião dos professores, sem levar em consideração se aquele assunto é de interesse do grupo, não havendo uma elaboração da pauta de forma compartilhada. Outro aspecto a ser analisado, é o fato dos temas das reuniões não terem uma continuidade, e mais parecerem surgir de recomendações ou cursos dos quais a Diretora participava. Desta forma, as professoras entrevistadas apontam para a distância entre os assuntos discutidos no HTPC e as necessidades sentidas por elas em seu cotidiano, não vendo contribuições significativas para sua formação durante essas reuniões.

É imprescindível a percepção de quem está no comando do HTPC, das questões relevantes para o corpo docente. No entanto, durante todos os HTPCs observados na escola A, a diretora arbitrariamente escolhia o tema da reunião não levando em consideração a oitiva de seus participantes, bem como as suas dificuldades, necessidades e anseios.

A esse respeito, a Professora Ariana ao ser questionada como faria se tivesse a oportunidade de organizar o HTPC, caracterizou como deveria ser esse horário:

Olha... o que eu faria? Eu ouviria as professoras (risos). Não sei porque quando a gente sai da sala de aula, muda de função, não sei se eu esqueceria, porque acontece isso, a pessoa esquece do que acontece em sala de aula. Mas eu tentaria jogar muito para os professores. Perguntaria qual a necessidade, ouviria, e a maioria claro que ia vencer, "então essa semana vamos falar de dificuldade de aprendizagem, dificuldades emocionais, de família, etc.", e sempre buscando soluções. Eu acho que o principal é que eu tentaria mesmo levar a fundo, não ficar só na fala. É lindo o que ela (diretora) fala, mas não acontece na prática. (Professora Ariana)

Já a Professora Inês em resposta a entrevista mostra seu descontentamento ao dizer que durante as reuniões não há nenhuma questão a respeito do que ela gostaria e necessitaria que fosse abordado.

Nos HTPCs que observei nesta escola, tive a impressão de que as professoras estavam sempre situadas à margem das decisões. Elas nunca eram consultadas a respeito do tema do encontro. A reunião toda permanecia

sob a constante forma de monólogo, onde a diretora monopolizava completamente a fala. Não me pareceu ser um espaço aberto ao diálogo, mesmo a diretora chamando as professoras a participarem, ela não convencia estar de fato aberta e interessada nas opiniões das demais.

Isso é um grande problema, pois a Formação Continuada em Serviço para promover mudanças e melhorias, pressupõe ações que considerem as necessidades apresentadas pelos professores. Tendo em vista que

As mudanças só acontecem quando as contradições, inquietações e insatisfações se manifestam. As alterações se concretizam quando as pessoas reconhecem sua necessidade e se mobilizam para completar o que está inacabado, substituir algo que está inadequado ou modificar plenamente o que já não atende ao que se destina. (FRANCO, 2010, p. 202)

A esse respeito a Professora Luana ao ser questionada sobre o HTPC ser um momento de Formação Continuada em Serviço, pontua que essa não é uma realidade, visto que não existe diálogo durante esses encontros, mas apenas uma imposição de ideias, que ocorre “da maneira com que a pessoa (diretora) acha que deve ser. Não se tem material, não se tem espaço adequado, não se tem estrutura, mas você tem que fazer o que está sendo pedido, é uma imposição mesmo.” (Professora Luana)

Já no que diz respeito à possível contribuição oriunda do HTPC para sua atuação profissional, ela responde que em sua opinião não há contribuição alguma; pelo contrário, a maneira como as coisas são colocadas e exigidas impede que o professor trabalhe como uma determinada sala necessita. Ela afirmou ainda que: “Fica uma coisa assim padrão, imposta, são regras e padrões impostos que devem ser seguidos pra todas as salas, todas as turmas independente das diferenças, dificuldades de cada sala e de cada um” (Professora Luana).

A mesma professora ressaltou ainda que os fatores que poderiam tornar o HTPC um momento eficiente de formação seriam que os professores pudessem colocar suas opiniões, suas ideias, que houvesse um diálogo permeado por um clima favorável entre os professores ao invés de uma mera imposição de ideias.

Em relação a essa defesa do clima de trabalho favorável defendido pela Professora Luana, vale destacar que a diretora não tem uma postura aberta ao diálogo, e isso faz com que as professoras não se sintam encorajadas a participar das reuniões e explanar seus pontos de vista sobre os assuntos apresentados. Como recomenda Franco (2010):

O importante é que quem estiver no comando das reuniões esteja atento para que efetivamente haja um espaço para a participação. Para isto, convêm que a liderança observe alguns aspectos que ajudam a dar sustentação à sua atuação, entre os quais destacamos o desenvolvimento de algumas condutas e/ou habilidades: estabelecer regras de convivência; administrar e valorizar as participações; estabelecer uma comunicação adequada com o grupo; mediar conflitos; incentivar soluções criativas e acreditar no trabalho em equipe. (FRANCO, 2010, p. 25)

Sobre a questão que procurava identificar se a maneira como o HTPC está organizado na Escola A corresponde às necessidades sentidas em sala de aula, a professora Ariana respondeu que contribui parcialmente, porém, poderia contribuir mais se partisse dos problemas do dia a dia, se houvesse uma necessária consulta às prioridades e às questões urgentes a serem discutidas.

Já no que diz respeito ao HTPC estar cumprindo com seu propósito, a mesma professora reafirmou que sim, embora tenha algumas ressalvas a serem feitas, como por exemplo, a necessidade de que houvessem alguns minutos fixos na reunião na qual os professores pudessem colocar um pouco dos problemas vividos em sala de aula, e afirmou

Isso eu acho que deveria ter mais espaço, não ficar o tempo todo só no tema escolhido, por exemplo, às vezes ela (diretora) traz um texto sobre matemática, mas eu estou com um problema seríssimo de violência, de indisciplina. E isso não tem, ela não consulta sobre o que a gente quer discutir, isso é uma ressalva a se fazer, eu acho que aí é que esta o ponto mesmo! Ela tinha que ver as nossas dificuldades, por exemplo, vai ter provinha Brasil no fim do ano e minha sala está com muita dúvida, então vamos discutir sobre isso no HTPC. Eu acho que se a gente levasse os temas pro HTPC, seria bem mais útil. (Professora Ariana)

Em relação a essa evidente falta de consulta às prioridades por parte da responsável pelo HTPC, a professora Amélia apontou:

A experiência que eu tinha na outra escola era exatamente de uma troca, por exemplo, da mesma forma que na sala a gente percebe a necessidade do aluno, nos HTPCs a gente percebe as necessidades dos professores, observando a gente percebe, onde está tendo mais necessidade ou não. E por outro lado os professores trazem essas necessidades, eu acho que todo mundo leva as necessidades, o que está faltando aqui é um espaço pra colocar. Aí o que acontece, a gente acaba trocando só com a colega. (Professora Amélia)

A professora Ingrid em resposta a questão que objetiva identificar como ela hipoteticamente, organizaria o HTPC se tivesse essa oportunidade, respondeu que traria os temas provenientes de dentro da sala de aula, partiria das necessidades da sala de aula, tendo em vista a realidade na qual a escola insere-se. E enfatizou que os cursos destinados aos professores não mostram a realidade da escola, focalizando apenas as teorias educacionais. Defendeu portanto, que o HTPC seja destinado a ser um momento no qual a discussão e reflexão gire em torno das questões relacionadas a sala de aula e a escola.

Por sua vez, a Professora Luana acentuou que se fosse a responsável pela condução dessa reunião, partiria de um levantamento de problemas junto aos professores, de problemas comuns a escola, e partindo disso, formularia o tema do encontro, organizando trabalhos que ajudassem os professores em sua prática docente, além de

que o professor pudesse falar e expor as suas ideias. Porque não é só ler um texto e falar que o que tá escrito no texto é verdade, mesmo porque os estudiosos tem zero de prática, então tem que partir da prática a teoria e não da teoria vir pra prática. Ainda assim seria difícil, mas seria uma abertura de espaço pra trabalhar, pelo menos faria algum sentido para nós. (Professora Luana)

Em suma, defendemos que é de suma importância que os professores tenham uma participação ativa na elaboração da pauta da reunião, na construção desse conhecimento. Que eles não sejam receptores passivos de informação, enquanto quem está no comando do HTPC pareça ser o único detentor do saber.

Já no que diz respeito à relação entre teoria e prática, é importante darmos ênfase ao fato de que o saber prático, que é completamente desvinculado do saber teórico, pode favorecer a construção de uma

experiência de forma fragilizada e descontextualizada, regida apenas pelo senso comum. Por sua vez, o saber teórico que não considera o saber prático, o saber-fazer, o saber da experiência, dificilmente alcança a reflexão por parte dos professores, pois não faz sentido a eles.

Evidenciamos portanto, o fato de que a articulação e dosagem correta desses dois saberes se mostra um caminho virtuoso para operar transformações significativas na formação dos professores e de sua prática docente.

Escola não ter Coordenador Pedagógico

Já em relação ao fato da Escola A não ter Coordenador Pedagógico, sabemos que nas escolas onde não há Coordenador, o Diretor tem suas atribuições pautadas nos aspectos administrativos e burocráticos de organização da escola, fazendo com que o trabalho pedagógico, por mais que muitos diretores se esforcem, acabe ficando em segundo plano. Vemos nisso uma defasagem, pois os professores não tem disponível uma Formação Continuada em Serviço que tenha como pressuposto a própria escola como locus primordial de formação.

Como podemos comprovar na fala da Professora Ingrid e nas demais, apontando para o fato de que o HTPC daria certo se houvesse um Coordenador na escola, que auxiliasse os professores na busca de soluções para seus problemas. Ela aponta ainda que partindo das dificuldades apresentadas pelos seus alunos, professor e coordenador conjuntamente estudariam, pesquisariam atividades e as confeccionariam a fim de minimizar tais dificuldades. Em sua opinião, o fato de não haver Coordenador na escola prejudica diretamente o trabalho do professor, que carece de ajuda vinda da administração escolar e é sobrecarregado com atividades e tarefas, ficando sem tempo hábil para auxiliar seus alunos com suas dificuldades de uma maneira mais completa.

Durante todo o semestre no qual observei as reuniões de HTPC da Escola A, as professoras que diziam que a entrada de uma Coordenadora Pedagógica estava em processo, e que a qualquer momento ela chegaria,

tendo em vista que essa era a informação transmitida pela diretora. Porém, até o término das minhas observações, na última semana de junho, essa profissional ainda não havia sido encaminhada para a escola.

A esse respeito, a Professora Bruna alegou em sua entrevista que é a primeira vez que vivenciou em uma escola a ausência de um Coordenador Pedagógico, e considera que esse fator é um grande dificultador para o trabalho docente. Tendo em vista que, as professoras carecem de apoio de um membro da gestão escolar, já que a diretora, segundo a professora, está muito sobrecarregada devido justamente a falta desse profissional.

No decorrer da entrevista, a Professora Bruna ressaltou ainda que o fato dos professores dessa escola não contarem com o respaldo de um Coordenador Pedagógico faz muita falta para todo o corpo docente, levando em conta que a função primordial dele seria a formação dos professores.

Postura Autoritária da Diretora

Outro fator de grande relevância apontado como dificultador na fala dos professores na Escola A, diz respeito às relações de poder que ocorrem no interior da escola, já que segundo Garcia (1995), a cultura organizacional da escola pode contribuir ou dificultar o desenvolvimento dos processos de formação de professores no sentido de possibilitar que eles sejam autônomos, trabalhando num clima de confiança e colaboração. Contudo, no caso da Escola A analisada, as falas das professoras apontam com clareza um clima de trabalho desfavorável, marcado por uma gestão autoritária, que espalha medo ao invés de confiança e segurança.

A liderança autoritária foi mencionada em todas as respostas das professoras entrevistadas, inclusive o sentimento de medo que ronda essas reuniões e os demais espaços da instituição foi citado inúmeras vezes em seus depoimentos, como podemos ver nos fragmentos abaixo.

Na questão que interrogava a respeito do aspecto que mais dificulta o desenvolvimento do HTPC na Escola A, a Professora Ariana respondeu:

*Acho que a postura da diretora. É uma postura um pouco (pausa) autoritária, impositiva, isso a gente não pode negar. Eu to há dois aqui e eu percebo isso em várias atitudes. Dá a impressão assim, eu não sei se é o status do cargo, eu não sei o que é, mas a impressão que dá é assim “eu não quero ouvir você”, “eu to num cargo maior” ou “eu não preciso ouvir você, porque minha opinião é a que vale”, “quem é você que chegou aqui há dois anos e está querendo me ensinar?”. Então eu não sei se é isso, ou é da personalidade, pode ser da personalidade da pessoa, mas a impressão é que aquele vídeo do último HTPC (Vídeo sobre Orgulho e Vaidade), ela deveria assistir de novo, pra ver que ninguém é melhor que ninguém, eu posso ser o Presidente da República, mas todos temos a aprender um com o outro, isso é democracia, a gente cresce com o grupo, ouvindo o outro, e isso não acontece, de vez em quando a gente pergunta alguma coisinha, mas assim, com **medo**, com muito **medo**! Desde que eu to aqui eu percebo isso, eu não sei se eu to falando demais, mas eu percebo que o **medo** circula pelos corredores, sempre muito **medo**! Muito **medo** de falar, de se expor, **medo** de levar bronca porque tem a reação, ela tem uma reação ruim, tem uma reação bem inconstante, vamos dizer assim. A gente nunca sabe quando ela ta bem, quando não tá, então isso provoca um **medo** e prejudica a troca, prejudica os momentos de formação. (Professora Ariana)*

Elencando este mesmo fator como um aspecto que dificulta o desenvolvimento das reuniões, a Professora Joana por sua vez complementou:

*Talvez essa postura um pouco enérgica que a diretora tem. Isso forma uma barreira e as pessoas ficam com **medo**, eu sei que as pessoas morrem de **medo**, morrem de **medo**. Porque antigamente diziam que ela fechava a professora dentro da sala dela e te arregaçava, você entendeu? (risos). Então quando eu falo que eu trabalho aqui nessa escola as pessoas falam “você trabalha lá?”. As pessoas ficam assustadas, porque ela tem uma fama, a fama dela é conhecida, todo mundo morre de **medo** dela. Isso porque dizem que ela mudou muito, que ela melhorou. Comigo ela nunca fez nada, ela sempre me tratou bem, mas assim, eu morro de **medo** de fazer alguma coisa errada, porque aqui mesmo que você não tenha compromisso, você passa a ter, entendeu? Porque você não tem vontade de bater de frente com ela, e mesmo que você não concorde com ela, você vai dizer “amém”, vai dizer “sim, eu concordo”. Você não pode bater de frente com ela, porque ela te persegue, a professora Ariana foi perseguida por ela. Dizem que esse ano ela não ta perseguindo ninguém porque ela ta sobrecarregada (risos). Aqui é tudo imposto, porque eu percebo que as pessoas tem muito **medo**, eu falo pra você, eu tenho **medo** de contrariá-la. (Professora Joana)*

No decorrer da entrevista, Joana voltou a comentar a esse respeito:

*Sabe por que eu acho que as pessoas não trazem os problemas? Porque as pessoas tem **receio** da diretora, (falando baixo) porque talvez o modo como ela (pausa) ela vai ver isso como uma incompetência sua, entendeu? E não como uma dificuldade a ser superada. Ela vai ver isso como uma incompetência. Eu vou dar um exemplo pra você, a aula de inglês na minha sala é um circo, eu falo que é um circo porque acontece de tudo na aula de inglês, então teve um dia que um aluno comeu ração, teve outro dia que o mesmo aluno comeu o lixo do latão e aí eu peguei esse aluno e mais dois que estavam junto e levei pra ela tomar uma providência, e quando eu fui falar com ela, eu me senti incompetente, porque parecia que eles não se comportavam porque a culpa era minha, porque eu não sei disciplinar os meus alunos, aí eu pensei “poxa vida, eu não vou reclamar mais nada”. Então eu acho que é por isso que as pessoas não trazem os problemas. (Professora Joana)*

Apresentando a mesma opinião que as demais, Luana contribuiu dizendo:

*A pessoa que coordena já forma uma barreira que te impossibilita, é um **medo** de fugir do controle, ela (diretora) quer ter tudo no controle, quer saber tudo que você ta fazendo, como que ta sendo feito, e aí impõe as ideias pra que todo mundo siga exatamente aquilo. É um medo porque na verdade, agora vamos falar da pessoa mesmo, ela é muito vingativa, se você pisar no pé, ela vem com salto alto e te afunda na areia, então justamente por isso, ninguém quer pisar no pé. Porque assim ela é autoridade máxima, qualquer coisa que você precisa, dentro da escola, tem que passar por ela.*

Ela faz da vida da pessoa um inferno, é que esse ano tá meio tranquilo ainda. Eu to nessa escola há cinco anos, e eu já passei por cada uma. O grupo da manhã as professoras estão aqui há mais tempo, então o HTPC delas é muito diferente, é porque assim, elas (professoras da manhã mais velhas) já bateram muito de frente, e elas não vão sair daqui. Já as professoras da tarde, ela (diretora) persegue até elas saírem, tanto é que ano passado saíram três, por conta disso. É uma coisa bem nítida, ela não esconde de ninguém, se ela não gosta de você, é assim. (pausa) Mas ela faz isso com todo mundo, ano passado ela perseguiu duas professoras que estavam aqui. Faz tempo que ela ta aqui, eu acho que já faz uns 10 anos, pra mais. (Professora Luana)

A Professora Amélia também sublinhou que é a maneira de ser da pessoa que está no comando do HTPC, que atrapalha o seu desenvolvimento enquanto espaço de formação continuada em serviço. No decorrer da entrevista ela acrescentou ainda que, a partir de suas observações, o fator predominantemente dificultador dessa escola reside na personalidade da diretora, e na relação interpessoal conflituosa estabelecida por ela.

A fala das professoras caracteriza portanto, a questão do medo da autoridade presente nos HTPCs, Sennett (2001) a esse respeito pontua:

O que há de peculiar em nossa época é que os poderes formalmente legítimos das instituições dominantes inspiram um forte sentimento de ilegitimidade entre os que estão submetidos a elas. Todavia, esses poderes também se traduzem em imagens de força humana: de autoridades seguras, julgadas superiores, que exercem a disciplina moral e inspiram medo. Essas autoridades atraem outras pessoas para sua órbita, como mariposas atraídas a contragosto pela chama. Autoridade ilegítima, sociedade unida por suas próprias insatisfações: essa estranha situação é algo a que só podemos dar sentido compreendendo nossa maneira de compreender. (SENNETT, 2001, p.42).

Em seus estudos, Bergamini (2009) ao abordar a relação entre líderes e liderados ressalta:

Caso o líder não consiga contar com pessoas que veem sentido naquilo que fazem, não conseguirá chegar a nenhum objetivo válido e produtivo. Não se consegue estar motivado para fazer qualquer coisa quando não se vê sentido em fazê-la. O líder só mobilizará as pessoas quando souber compreender aquilo que elas buscam, e traduzir para elas o sentido disso. (BERGAMINI, 2009, p.66)

No que diz respeito às práticas de bons líderes, o mesmo autor aponta o que seriam em suas constatações pressupostos de boa liderança:

Bons líderes não convocam reuniões desnecessárias, eles preferem seguir o caminho da consideração individualizada. Ele sabe que cada um tem um problema diferente dos demais e nesse sentido observa com cuidado a regra de não generalizar medidas, pois sabe que cada um entenderá suas mensagens de maneira particular. (BERGAMINI, 2009, p.9)

Um episódio da coleta de dados vale ser destacado aqui: Cada professora totalizou em média 40 minutos de entrevista. E quando eu estava realizando a entrevista com uma, outra entrava na sala e dizia “Depois sou eu né? Estou te esperando na minha sala”. Este fato repetiu-se inúmeras vezes. Elas se mostraram emocionadas e orgulhosas em conceder a entrevista e serem ouvidas. Reforçando esta percepção, no meu retorno à escola após uma entrevista, a professora que havia sido entrevistada na semana anterior me disse: “Eu me senti toda importante.” Esse comportamento das professoras deve-se ao fato, como já foi mencionado, dessa escola ter um perfil no qual as

professoras não falam, não são verdadeiramente ouvidas, e a falta dessa oitiva foi um fator explícito durante minha coleta de dados.

A divergência veio portanto, na entrevista com a diretora, que limitou-se a responder duas questões, nas quais a soma do tempo foram exatos **40 segundos**, a meu ver, esse comportamento só reforça a questão da sua postura excessivamente autoritária e impositiva destacada inúmeras vezes pelas professoras. Como podemos ver abaixo:

Eu: Qual é, em sua opinião, o papel principal do HTPC?

Diretora: O papel do que?

Eu: O papel do HTPC.

Diretora: Olha, você não pode pegar num pensador lá que fala da importância do HTPC pra escola, pro desenvolvimento da escola, alguma coisa assim e colocar como minha resposta?

Diretora: E o que mais? Qual a segunda?

Eu: Gostaria de saber como você elabora a pauta do HTPC?

Diretora: Elaboro de acordo com principalmente as dificuldades apresentadas pelos alunos, e com isso nós fazemos uma formação pro professor. É mais ou menos isso, agora você floreia com umas palavras bonitas aí, de algum pensador, e coloca como sendo a minha resposta, ok?

E desta forma, ela finalizou a sua entrevista.

Não haver troca de experiências entre os pares

Outro fator apontado pelos participantes que possivelmente impossibilita o HTPC como formação em serviço deve-se ao fato da reunião não ser um espaço aberto ao diálogo, provavelmente relacionado à postura autoritária de quem o conduz.

A professora Ariana apresentou sua opinião a essa questão ao dizer que como o próprio nome sugere, o HTPC devia ser um espaço destinado à troca de experiências entre os pares. Contudo, salienta que deve ser norteado também pelos saberes teóricos, pois segundo ela:

Se a gente tá com dúvida, vamos correr pra teoria, se a gente tá patinando, patinando, e não sabe como lidar com isso, vamos ver um autor diferente, vamos ver novas ideias pra dar subsídio. Mas devemos discutir também problemas do dia a dia. Eu acho que é dar um norte, é um momento que tem que parar, e falar “olha, eu estou

*com dificuldade nisso, naquilo". E isso não tem.
(Professora Ariana)*

Seguindo essa mesma linha argumentativa, Amélia frisou que durante as reuniões de HTPC, além da discussão das teorias, também é necessário que seja um espaço favorável às trocas de experiências e trocas de relatos vivenciados em sala de aula. E acentuou a importância atribuída por ela para as conversas no interior da escola, frisando que tem como filosofia de vida que todo e qualquer problema, ou situação, é passível de ser resolvido por meio da conversa, do diálogo tranquilo e esclarecedor, contudo, salienta que não é isso que vem ocorrendo no decorrer dessas reuniões.

Tarefas Burocráticas neste horário

O fato do HTPC ser pautado por excessivos informes administrativos e questões burocráticas não contemplados nas pautas das reuniões também esteve presente nas respostas das professoras, tanto da Escola A quanto da Escola J. O problema reside em dedicar o tempo do HTPC exclusivamente para essas questões, quando o correto a nosso ver, seria que esse horário fosse planejado de modo a contemplar não só essas questões administrativas e burocráticas urgentes, mas também a parte pedagógica.

Para que o tempo das reuniões de HTPC seja útil, é fundamental planejá-lo corretamente, atribuindo um espaço adequado para cada uma das tarefas. Levando em consideração que as questões administrativas e burocráticas devem ocupar um segundo plano, em relação às questões de cunho pedagógico.

De acordo com a Professora Inês, o HTPC é repleto de tarefas burocráticas, tais como diversos gráficos e fichas que devem ser preenchidas pelo professor. E este é um fator negativo tendo em vista que segundo ela, tudo acarreta em cima do docente que tende a ficar sobrecarregado de tarefas.

Não ser coletivo

As professoras criticaram também o fato do HTPC não ser coletivo, visto que as professoras da tarde participam do encontro em um horário diferente ao das professoras do período da manhã.

Entendemos que esse é um outro equívoco, pois reunir docentes de séries distantes, que apresentam necessidades e demandas de naturezas diversas, acaba por não atender eficazmente nenhuma delas.

Como ressaltou Inês ao dizer que o HTPC não sendo coletivo com todo o corpo docente, os professores acabam por ser divididos, e isso faz com que ela seja a única professora de quinto ano presente nas reuniões de HTPC da manhã:

Eu sou a única professora nesse HTPC do quinto ano, então eu não troco com as outras professoras de quinto ano, a gente não se vê, a gente se vê de segunda do meio dia a uma porque é horário de almoço, mas a gente vai ficar trocando figurinha na hora do almoço? Não dá né? Então eu penso, isso fica muito vago. Então eu acho que o HTPC devia ser a troca coletiva, você pegar material, elaborar prova, ver conteúdo, dividir “Olha, eu vejo isso e você vê isso, vamos trocar”, mas não acontece, cada um trabalha do seu jeito, cada um trabalho da maneira que acha que pode trabalhar e fica uma coisa dividida, o coletivo acaba não tendo. (Professora Inês)

No decorrer das questões, Inês ressaltou que, em seu entendimento, se o HTPC for coletivo, ele pode ser um espaço que proporcione a formação de seus professores, tendo em vista que

Às vezes você não vê, você não enxerga o que um outro professor amigo seu tá vendo, às vezes que nem, eu pego o livro e olho a matéria, aqui tá falando de... que nem agora em Geografia do setor da indústria: primário, secundário e terciário, em uma questão é capaz de ter no livro do SESI, então eu fui, eu busquei, eu trouxe, só que eu não tenho nem como passar pras amigas “olha, você faz isso, você vai fazer isso, como você vê isso, como você vai fazer?” Não tem como, então eu acho que o HTPC fica inútil. (Professora Inês)

A respeito dessa questão, a Professora Ariana frisou:

Esse ano eu estou achando o HTPC um pouco a desejar, porque ano passado era geral, então a gente tinha contato com todos os professores, e agora eu não encontro com os outros professores da manhã, então eu não sei o que eles tão pensando a respeito de um tema, por exemplo, se tiver falando de uma greve... não tá tendo uma interação, tá muito fragmentando aqui dentro da escola, às vezes um sabe de uma coisa e distorce e chega pra gente diferente. Então quando tinha reunião ano passado com todos os professores, na segunda feira, era uma vez por semana, mas já tinha esse contato, eu achava que isso era importante pelo menos uma vez por semana. Então eu acho que pelo menos uma vez na semana tinha que voltar a ser coletivo mesmo, com todo mundo, coletivo de seis pra mim não é coletivo. Por exemplo, eu não encontro professoras do meu ano, o horário que eu escolhi fazer o HTPC não tem ninguém do terceiro ano, então eu não consigo conversar com nenhuma professora do terceiro ano, às vezes eu quero perguntar “como você tá dando essa maquete? Essa matéria?”, e não encontro. (Professora Ariana)

Ausência da Diretora

Como pudemos analisar no Quadro 11, no decorrer do semestre observado, muitos HTPCs não foram realizados devido à ausência da Diretora no horário da reunião. O fato de deixar os professores trabalhando durante esse horário, sem nenhum tipo de orientação efetiva por parte de quem o coordena, acaba por favorecer que nada sistematizado seja realizado nesse espaço.

A esse respeito, a professora Bruna ressaltou que foram inúmeras as vezes que a Diretora faltou e não deixou nada direcionado para ser realizado, porém, segundo ela, o corpo docente tem uma boa postura nesses casos, pois cada professora sabe de seus compromissos e responsabilidades.

Porém, vale ressaltar que nos dias em que a Diretora não estava presente, as professoras faziam cópias de atividades, preparavam aulas, confeccionavam materiais, faziam artesanatos e conversavam assuntos diversos, desvinculados de questões escolares.

Isso foi o que ocorreu, entre muitos outros dias, por exemplo no dia 11 de março, logo que cheguei à escola a Professora Inês me informou:

Hoje a diretora falou que não vai fazer o HTPC, porque está muito ocupada, ela falou para a gente escrever uma ata dizendo que lemos e discutimos o texto do último HTPC sobre Disciplina Escolar, mas que na verdade a gente pode usar esse tempo para fazermos nossas coisas. Sabe, você pesquisa o HTPC, é assim que eu acho que o HTPC tinha que ser, tinha que ser esse tempo pra gente organizar nossas atividades, não ficar enchendo linguiça, com esse blá-blá-blá que não acrescenta em nada. Porque assim é bem mais útil. (Professora Inês – Caderno de Campo – 11/03/2013)

Vale ressaltar que nesse dia as professoras redigiram a ata informando que haviam lido o texto, mesmo não tendo lido nada. E em seguida fizeram atividades de diversos tipos, como por exemplo: confecção de alfabeto móvel, correção de provas e consulta a internet. Por sua vez, a Professora Inês confeccionou fuxicos para uma almofada e a Professora Joana encomendou produtos em um catálogo de beleza.

A respeito de um outro dia no qual a Diretora faltou da reunião de HTPC, a Professora Ariana disse:

Você viu que quando a diretora não estava presente, não sei se você percebeu, a gente tava falando, analisando, mas dava uma desfocada né, quando a gente era sozinha pra discutir, que nem aquilo dia que ela pediu pra gente falar de matemática, uma falou a outra falou, mas e aí? Fica meio perdido, tem que ter alguém pra puxar, então tem que ter o líder. E como a gente esta sem coordenadora, não é sempre que a diretora está aí né? O HTPC fica meio perdido. (Professora Ariana)

Em seguida complementou dizendo que considera que os últimos HTPCs tenham ficado falhos devido ao fato da diretora ter faltado inúmeras vezes, o que em sua opinião, prejudica o bom desenvolvimento desta reunião.

A respeito dessas falhas presentes nas reuniões pedagógicas, Torrér (2010) ressalta que embora as reuniões na escola venham sendo consideradas como espaços privilegiados de ações compartilhadas entre professores e coordenadores pedagógicos, nas quais todos refletem sobre as questões que emergem da prática, elas são atualmente

Criticadas e desacreditadas, as reuniões pedagógicas, na prática, vêm mostrando grandes distanciamentos entre o desejado e o real. Frequentemente, essas críticas não são expressas com clareza. Geralmente ocorrem de forma difusa nos encontros casuais dos professores nos corredores, nos intervalos, no cafezinho, deixando de ser

contribuições efetivas para que saltos qualitativos se efetivem. Dessa forma, as reuniões pedagógicas, de “palco de negociações” acabam por se configurar em “palco de encenações”, cumprindo, muitas vezes, um papel meramente formal. (TORRER, 2010, p. 45)

Inadequação do espaço

Em análise as possíveis dificuldades que inviabilizam o HTPC, os participantes da entrevista apontaram ainda a questão da inadequação do espaço, pois o HTPC é realizado erroneamente na brinquedoteca da escola.

A esse respeito, a professora Bruna opinou que a reunião deveria ocorrer em uma sala totalmente diferente, porém admitiu que nessa escola não há uma sala que seja mais adequada para este fim.

A professora Amélia também acentuou que falta estrutura física adequada na escola para comportar as reuniões de HTPC. E se queixou que na brinquedoteca em que as reuniões são realizadas, falta principalmente uma mesa para que o professor possa escrever e apoiar seu material, além das cadeiras que são pequenas e desconfortáveis para as professoras.

Horário que é realizado

As participantes enfatizaram que o horário no qual o HTPC ele é realizado também dificulta seu desenvolvimento. Professora Inês pontuou que:

Nessa escola eu entrei esse ano, então é tudo novo, como eu falo, foi mudando muito também o HTPC por que? Parece que eles ainda tão resolvendo qual o melhor caminho, parece que é uma coisa que ainda tá sendo avaliada, porque era do meio dia a uma, três vezes por semana, você entrava meio dia e saía as seis da tarde. E agora esse ano começou das dez da manhã ao meia dia. Então tá assim, é o primeiro ano com esse horário, ainda mais que a gente não tem coordenação nessa escola, então dificulta o HTPC, porque eu acho que não é uma coisa muito bem planejada. (Professora Inês)

Já a professora Bruna destacou que embora a maneira como o HTPC está contemplado atualmente é melhor, fica complicado o horário no qual é

realizado, pois segundo ela, as professoras têm que chegar duas horas mais cedo na escola na segunda-feira, e permanecer até às seis da tarde, tornando o dia muito exaustivo. Contudo, mais adiante disse:

Mas mesmo segunda-feira sendo um dia muito cansativo, eu acho bom o HTPC ser logo na segunda-feira, porque assim eu já fico livre disso o resto da semana. (Professora Bruna)

Muitas reuniões

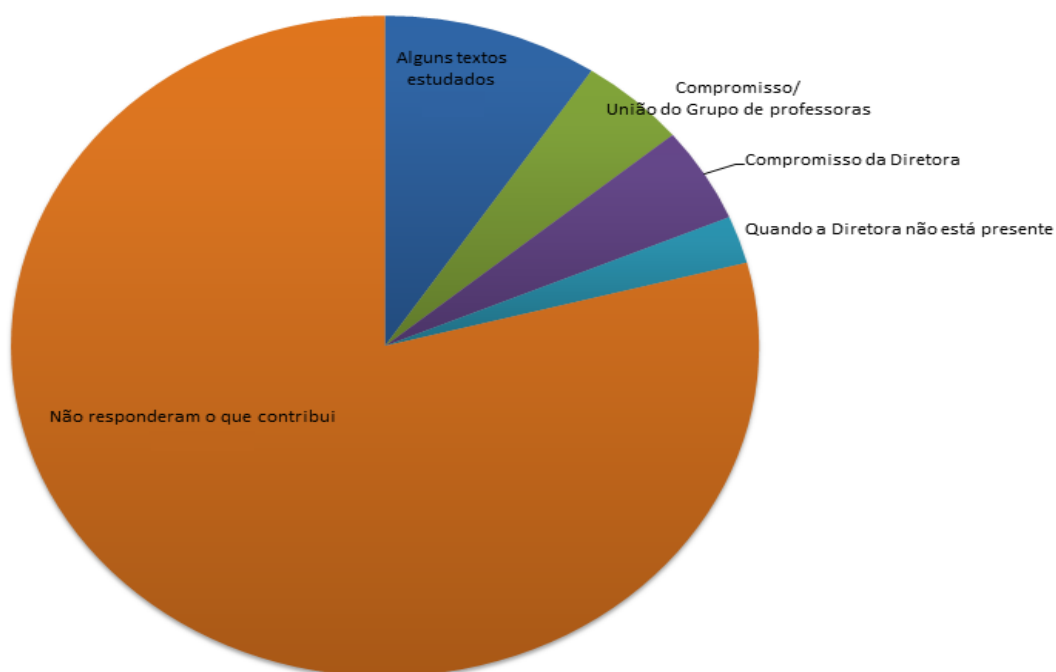
Por último, as professoras ressaltaram o fato de haver muitas reuniões como fator dificultador. Professora Inês afirmou que devido ao grande número de reuniões, as professoras nunca tem tempo livre, sentindo sobrecarregadas:

A gente tem um monte de HTPC né? Um MONTE né? Mas assim, a gente nunca tem tempo pra nós, você tá aí participando com a gente, você tá vendo né? É assim, chega as coisas pra gente assim impostas! Eles impõem assim “No HTPC de hoje é isso, isso, isso, então eu falo a gente não pode nem questionar”. Eles deviam deixar um HTPC pra gente montar prova, deixar um HTPC pra gente corrigir prova. E aí fica difícil porque a gente tem que dar conta de tudo fora o HTPC. (Professora Inês)

5.1.2 Fatores que facilitam o desenvolvimento do HTPC como Formação Continuada em Serviço na Escola A:

Embora a maioria dos professores entrevistados não tenham apontado nenhum fator como sendo facilitador do desenvolvimento do HTPC da Escola A, a nosso ver, devido ao fato de não saberem o que contribui, pois não vislumbram a escola como local de formação, e mais do que isso, não concebem a formação continuada como uma construção coletiva do corpo docente. Esse dado nos mostra que os participantes não sabem identificar os fatores que facilitam, porque para eles nada facilita, por faltar clareza em relação ao seu papel. Desta forma, a representação do HTPC como momento possível de Formação Continuada em Serviço, para eles não acontece.

Apesar disso, alguns participantes apontaram fatores que segundo suas concepções, facilitam o desenvolvimento do HTPC como Formação Continuada em Serviço na Escola A. Como por exemplo: a contribuição de alguns textos trazidos pela Diretora para serem estudados; o compromisso do grupo de professores, pois afirmaram que o grupo de professoras da Escola A tem compromisso com a educação, levam a sério seu trabalho e as reuniões de HTPC; e o fato da Diretora não estar no HTPC, como sendo aspecto facilitador do bom andamento do mesmo.



Fonte: Elaboração da própria autora com informação verbal extraída das entrevistas.

Não responderam o que contribui

Muitas professoras não responderam o que facilita e/ou contribui para tornar o HTPC um espaço de Formação Continuada em Serviço, a nosso ver, porque não entendem, não sabem o que contribui, pois não conseguem concebê-lo como um momento de formação.

Elas apontaram com muita clareza, objetividade e certeza, diversos pontos que o dificultam como espaço de formação, mas não conseguem atribuir nenhum elemento ao fator de contribuição para que esse espaço cumpra seu objetivo de formação continuada em serviço.

Em muitas entrevistas, elas me perguntaram “o que facilitaria?”, porque isso elas saberiam, responderiam o que falta, exemplo: “Facilitaria se os professores fossem ouvidos, facilitaria se houvesse troca de experiências”, mas na verdade esses aspectos se enquadram na pergunta referente ao que dificulta “o fato dos professores não serem ouvidos” “não haver troca de experiências”, isso elas saberiam com clareza apontar. Mas quando era pra dizer o que facilita no desenvolvimento do HTPC como formação continuada em serviço, quase ninguém soube responder.

Esse dado nos mostra que elas não sabem identificar os fatores que facilitam, porque para elas nada facilita, pois falta a clareza em relação ao seu papel e em suas representações o HTPC como momento possível de Formação Continuada em Serviço não acontece.

A esse respeito, Franco (2010) sinaliza que:

Quando as pessoas sabem o que se espera delas e qual contribuição podem dar, atribuem significado ao encontro e à sua participação, e a condição para colaborarem a fim de que haja um envolvimento mais efetivo aumenta sua confiança e, assim, as estimula na busca de respostas criativas aos dilemas que são objeto de análise. (FRANCO, 2010, p. 50)

Alguns textos estudados

As professoras destacaram que alguns textos trazidos pela Diretora para serem estudados facilita o desenvolvimento do HTPC como Formação Continuada.

Professora Joana ressaltou que o HTPC é organizado de forma que as professoras estudam os textos trazidos pela diretora e essa posteriormente solicita uma tarefa a ser realizada tendo o texto como base. Joana aponta que gosta do HTPC estruturado desta forma, pois não há a desorganização na qual este espaço era composto nas outras escolas na qual lecionou.

Eu acho assim que a diretora ela traz umas coisas legais pra nós, às vezes (pausa) ela traz textos pra ajudar na nossa prática, eu percebo assim que os textos que ela traz se relacionam as vezes com algumas coisas que ela fala. Por exemplo, nós já debatemos sobre indisciplina, várias coisas que ela falou de regras, contra regras, e aqui eu percebo que as coisas acontecem, eu não sei se é pelo jeito dela, da postura dela, ou porque aqui as pessoas são mais compromissadas, porque nas outras escolas que eu dava aula, as professoras diziam que não iam fazer e acabou. (Professora Joana)

Sobre esse aspecto, Inês também apontou que no decorrer das reuniões de HTPC as professoras estudam textos, e segundo ela, isso é muito importante, tendo em vista que a teoria trazida no texto sempre acrescenta algo em sua formação, e afirma ainda:

porque cada vez que você lê um determinado assunto, você incorpora algo, você inova, você tem outra visão, as vezes você já leu numa escola aquele texto com um determinado grupo, aí você vem pra outra escola e lê com um outro grupo de professores, e aí você vê a diferença, o que foi discutido, o que o outro falou, em cada escola. Então eu acho que tudo serve, tudo é válido pra crescer, pra aprender. (Professora Inês)

Professora Bruna considera fundamental o hábito da leitura de textos no HTPC, além dos debates e reflexões acerca deles, porque segundo ela, é essa leitura constante e reflexiva que caracteriza uma verdadeira formação continuada.

A Professora Amélia também considera a leitura de textos importante para sua formação, contudo, faz uma ressalva à maneira como o HTPC tem se caracterizado:

Algumas coisas, alguns textos que a gente tem lido, até ajuda, mas eu penso assim, que por enquanto o objetivo não tá acontecendo. Não que ninguém queira, mas porque não tá tendo condições de ser colocado em prática aquilo que seria o objetivo do HTPC que é a formação em serviço, estão

*chamando até uma palavra nova hoje né, formação in loco.
(Professora Amélia)*

Compromisso do grupo de professoras

Outro aspecto apontado pelas professoras como facilitador de uma Formação Continuada no interior do HTPC relaciona-se ao fato de que para elas o grupo de professoras tem compromisso com a educação, tem compromisso e dedicação por seu trabalho.

A Professora Joana a esse respeito, ressaltou que os professores dessa escola levam a sério seu trabalho, tem compromisso com sua prática e com as reuniões de HTPC, então isso, a seu ver é um fator facilitador de desenvolvimento do mesmo.

Bruna salientou esse mesmo fator como trazendo contribuições para o desenvolvimento do HTPC:

*O grupo que ta fazendo o HTPC com a gente é um grupo muito legal, muito bacana, participa, dá opinião, porque tem grupos que não tem interação. O outro grupo como é um grupo maior, que é o das professoras da manhã que fazem o HTPC a tarde, eu não sei, eu nunca vi, mas eu acredito que tenha mais dificuldades em articular certas coisas, porque são muitas opiniões. Agora o nosso é um grupo menor, um grupo mais reduzido, então eu acho que é mais fácil, a gente tenta levar em consideração tudo. Então assim, de uma forma geral eu acho que todas tem uma postura assim, de tentar tirar o lado positivo de tudo, pelo menos nesse grupo que eu estou fazendo facilita muito. Eu já participei de grupos que a coordenadora falava e as professoras rebatiam assim na lata que não queriam fazer aquilo, simplesmente pegavam a bolsa e iam embora. Então, assim, o HTPC é um momento que a gente tá ganhando pra isso, não acho que a gente tem que ficar nesse horário batendo papo, com conversa desnecessária, não é momento para isso.
(Professora Bruna)*

Compromisso da Diretora

Outro aspecto apontado pelas professoras como facilitador de uma Formação Continuada no interior do HTPC relaciona-se ao fato do compromisso da Diretora. Segundo algumas professoras, a postura autoritária da Diretora é aspecto facilitador e dificultador ao mesmo tempo, pois

caracteriza seu lado negativo, em contrapartida, o lado positivo dessa liderança é justamente a sua rigidez nas tomadas de decisão e na cobrança de resultados.

A professora Joana comentava a questão da postura autoritária da Diretora, porém fez uma ressalva que aponta para, em sua concepção, um aspecto facilitador do HTPC como Formação Continuada. Segundo ela, a postura autoritária da Diretora caracteriza seu lado negativo, em contrapartida, o lado positivo dessa liderança é justamente a rigidez nas tomadas de decisão, já que, segundo a professora entrevistada, se a Diretora sair dessa escola “tudo desmorona”, tendo em vista que ela não conta com o apoio de uma Coordenadora Pedagógica, nem de uma vice-diretora, e, no entanto, consegue manter a escola com um bom índice de qualidade, devido a essa postura rígida e impositiva.

A Professora Bruna também considera o compromisso da Diretora da escola como aspecto facilitador de desenvolvimento do HTPC enquanto possível espaço de Formação Continuada em Serviço:

Eu acho que apesar de todos esses tumultos que acontecem no HTPC, eu acho que ele está caminhando, porque nenhum HTPC que eu fiz até hoje, em nenhuma outra escola, tinha essa preocupação da diretora em estar passando algumas coisas pra gente e depois estar pedindo, cobrando esse retorno, da gente estar fazendo na prática. Porque os HTPCs que eu presenciei até hoje em outras escolas foram assim “jogou e agora você se vira”. E aqui eu já percebo que ela fica em cima, tanto que se a gente tem algum problema ela pega o telefone e na hora ela tenta resolver o problema, não deixa enrolar. (Professora Bruna)

Posteriormente a Professora Bruna completou:

Eu vou ser bem sincera com você, eu não vou criticar a diretora, porque ela tá fazendo além da obrigação dela, então se ela tá fazendo bem feito ou mal feito, é lógico que não é tudo perfeito e é lógico que tem coisas que a gente tira proveito, só que assim, não dá pra fazer milagre, porque dirigir uma escola sozinha, sem vice-diretora não é pra qualquer um. E ela sempre fala que ela é muito mais pedagógica que administrativa, que ela gosta dessa parte pedagógica, de estar envolvida no nosso cotidiano mesmo. E é o que eu falo, ela pode ser o que for, mas eu acho que apesar de tudo, ela dá conta de todo o recado. (Professora Bruna)

Quando a Diretora não está presente

Em todos os encontros observados, as professoras reclamaram de alguma atividade ou iniciativa proposta pela diretora, porém, isso nunca foi feito quando a mesma estava presente na sala, devido à relação interpessoal desfavorável presente no interior dessa escola.

As professoras só se posicionavam criticamente a respeito do assunto abordado quando a responsável pelo encontro já não estava mais presente, desta forma, o fato da Diretora não estar presente no HTPC, foi apontado como fator facilitador do desenvolvimento do mesmo:

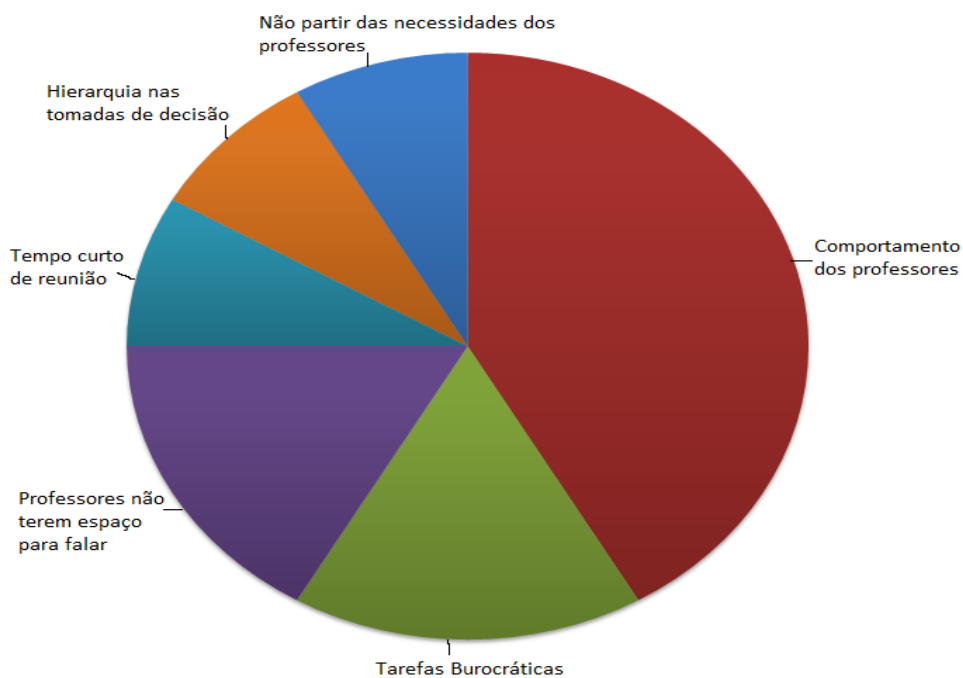
Tem essa situação da diretora, de desentendimento, de passar a bola pra gente e a gente ter que fazer sem reclamar (pausa). Não sei se você percebeu que é assim, então quando estamos sozinhas coordenando a teoria, a gente tem um pouco mais de abertura pra conversar, pra conversar inclusive sobre o trabalho, é mais proveitoso assim. Quando ela (diretora) tá presente a gente não tem essa abertura, a gente fica mais presa. (Professora Amélia)

5.2.1 Fatores que dificultam o desenvolvimento do HTPC como Formação Continuada em Serviço na Escola J:

Nas entrevistas destinadas aos professores da Escola J, os depoimentos expressam de modo geral, aspectos que inviabilizam o HTPC como momento de formação, e na opinião dos seus participantes fazem com que sua operacionalização seja falha e sem qualidade.

Os participantes demonstraram por meio de suas respostas, que o fator dificultador de maior incidência no andamento dessa reunião na escola J está diretamente relacionado ao comportamento das professoras mais experientes, gerando um clima de trabalho desfavorável. De acordo com a observação direta no decorrer dos encontros e as falas dos participantes, este é um fator de grande impedimento do funcionamento e andamento do HTPC, revelando-se o maior dificultador para o bom andamento do mesmo. Pois, é explícito no HTPC da Escola J que as professoras em sua grande maioria detestam este horário e não tem o menor interesse em realizar as atividades propostas pela Coordenadora Pedagógica. A nosso ver, isto se deve ao fato da maioria das professoras estarem nessa mesma escola há muito tempo, enquanto a Coordenadora Pedagógica entrou posteriormente, assim sendo, as professoras de maneira geral não legitimam a função da Coordenadora enquanto articuladora de uma formação continuada no interior da escola.

Ademais, apontaram as tarefas burocráticas; a falta de espaço para falar; o tempo curto das reuniões; a hierarquia das tomadas de decisões e o fato de não partir de suas necessidades como aspectos que também dificultam tais reuniões.



Fonte: Elaboração da própria autora com informação verbal extraída das entrevistas.

Comportamento dos professores

É explícito no HTPC da Escola J que as professoras em sua grande maioria detestam esse horário e não tem o menor interesse em realizar as atividades propostas pela Coordenadora Pedagógica. A nosso ver, isto deve-se ao fato da maioria das professoras estarem nessa mesma escola há muito tempo, enquanto a Coordenadora Pedagógica assumiu posteriormente a função, assim sendo, as professoras de maneira geral não legitimam o papel da Coordenadora enquanto articuladora de um formação continuada no interior da escola.

Podemos destacar no corpo docente da Escola J com clareza, que o papel desempenhado pela Professora Luciana é de líder, uma pessoa que sempre fala por todas e representa a maioria. Todavia, é bom destacarmos o fato de que ela representa o grupo de professoras mais antigas da escola. As mais novas veem as atitudes da professora Luciana e de seu grupo como impedidoras do bom andamento do HTPC.

O grupo de professoras mais experientes e liderados pela professora Luciana acredita que não necessita de mais nenhum tipo de formação, por

dispõem dos acumulados saberes provenientes de suas experiências. Elas acreditam que já fazem um bom trabalho independentemente da formação que recebem nos encontros ou cursos. Como podemos ver nesta fala da professora Luciana:

Eu acho que o HTPC tinha que ter motivação e uma remuneração maior. Tinha que ser formação mesmo! Essa escola é muito boa, com boas notas, mas isso é por causa da equipe de professores, não por causa da direção! Nós somos uma boa equipe, uma equipe muito unida, trabalhamos juntas há muito tempo, eu estou nessa escola há 17 anos. E a grande maioria das professoras também estão há muito tempo aqui, é diferente de uma escola que as professoras mudam todo ano por exemplo. A coordenadora é uma boa coordenadora, mas ela só está aqui a uns 5 anos, ela é boa, mas nós já tivemos melhor. O diretor também, ele está nessa escola a uns 4 anos, quando ele chegou não tinha noção nenhuma, porque ele era diretor de uma escola de quinta a oitava, até hoje tem muita coisa que ele não sabe, e ele vem perguntar pra mim. O fato é que nós trabalhamos bem independente da equipe gestora que está aqui e independente do que acontece no HTPC. (Professora Luciana - Caderno de Campo – 15/04/2013)

Seguindo essa conversa com a Professora Luciana perguntei o motivo pelo qual em sua opinião o HTPC não está cumprindo com seu objetivo e ela ironicamente me respondeu:

Mas eu acho que dá certo! Que nem agora, ela (coordenadora) mandou ler, as professoras tão lendo, menos eu (risos), ela finge que tá dando e todo mundo finge que tá fazendo, aí ela vai pedir uma análise, alguma coisa para entregar e nós vamos entregar, e ela vai mostrar isso na Secretaria da Educação, então pronto, pra todos os efeitos o HTPC deu certo! (risos)
 (...) O problema aqui no HTPC é que nós aqui somos como os nossos alunos, temos que ter alguém mandando, uma liderança com pulso firme, senão vira essa bagunça! (Professora Luciana - Caderno de Campo – 15/04/2013)

As falas que apresentaremos agora vindas das professoras mais novas são representativas do clima de trabalho desfavorável que permeia o HTPC da Escola J por conta do comportamento desagradável assumido pelas professoras mais experientes no decorrer das reuniões.

A professora Ana enfatiza que o HTPC seria melhor aproveitado se:

Se o coordenador controlar o pessoal né? E também a colaboração dos próprios professores, porque tem professor que dificulta o andamento do HTPC, às vezes o coordenador

vem com tudo organizadinho, bem certinho, ele quer fazer o trabalho dele e tem professor que interrompe, que não deixa o negócio andar. Tem pessoas aqui que querem que só prevaleça o que ela quer, e não o que é necessário ocorrer naquele momento. O coordenador fica sem ação né? Ele dá umas chamadinhas, não sei o que, mas no fim ele acaba fazendo o que a maioria dos professores fazem até em um curso universitário, o que faz? Trabalha com o grupo que quer trabalhar, isso é o que acaba sendo possível né? (Professora Ana)

A respeito do aspecto que, em suas considerações, mais dificulta o desenvolvimento do HTPC na Escola J as professoras responderam:

O que dificulta o HTPC são essas pessoas que não querem participar e ficam atrapalhando, e atrapalha bastante porque às vezes o conteúdo até é interessante pra gente, a gente percebe que aquele texto vai trazer uma informação nova, um jeito de você aprimorar o que você tá fazendo, e a pessoa tá ali atravancando para o negócio acabar. É da própria postura da pessoa né, a pessoa é acomodada, ela não quer participar, dá mais trabalho eu ler um texto e dar minha opinião, escrever alguma coisa do que eu interromper aquilo e deixar acabar a hora né? É igual quando a gente tá trabalhando né? Na sala de aula tem aquele aluno bom, que tá junto, que tá participando, tá falando sobre o assunto e tem aquele que só quer “fuá”, só quer atrapalhar, é a mesma coisa, a gente acha isso em todo lugar. Só que fica complicado chamar a atenção né (dos professores), porque é um local de trabalho, todo mundo adulto, as pessoas tem que se basear na ética e na própria responsabilidade, na educação. As professoras reclamam dos alunos e acabam agindo da mesma forma! (Professora Ana)

A esse mesmo respeito, a Professora Patrícia acentuou que os fatores que mais dificultam são:

O grupo, a coordenadora (pausa) As duas coisas, porque não tem como separar né. Uma coisa desencadeia a outra, uma coisa que é passada e não tem interesse é como na sala de aula, que as crianças reagem, então se não tem interesse, tem resistência da parte do grupo. É isso que eu vejo também. Então por isso que tem essas duas partes, não tem como separar, uma coisa tem consequência na outra. Então assim, você que acompanhou, você pode até perceber, às vezes eu fico olhando e vendo que muitas vezes ela (coordenadora) tá tentando passar alguma coisa e ninguém tá afim de ouvir também. Então é uma união, uma coisa desencadeia a outra. E talvez vá desanimando, ela pense “ah ninguém quer me ouvir, então eu não vou fazer”. É que talvez assim, eu acho que você dar o texto como foi passado, eu acho que deveria, por exemplo, teve o curso lá na Diretoria de Ensino na quinta feira

pros coordenadores, então eu acho que deveria ter uma transposição didática do que foi passado lá, não trazer o texto nu e cru pra gente, uma porque é só uma hora, é pouco tempo, então poderia ser uma coisa mais, uma aula mesmo, não por exemplo “vamos dar o texto e cada um lê um pedacinho e aí responde umas questões”, então eu acho que deveria ter uma transposição didática um pouquinho maior. Talvez essa seria a solução, mas também não sei, as vezes alguém faria e os professores não se interessam e talvez não ia dar em nada, não sei, mas eu acho que é mais ou menos por aí. (Professora Patrícia)

Professora Juliana também contribuiu dizendo:

Dificulta, sei lá, as vezes assim, pessoas que falam o que não é condizente com o momento, desviam o assunto, porque somos todos adultos, professores. Eu não sei se você já percebeu, tem professora que fala, coloca coisa no lugar errado, então aquilo fica um pouco cansativo, desagradável. Isso é terrível né? Eu vou ser sincera, eu acho que ela (coordenadora) não volta pra sala de aula porque acha a sala de aula pior, porque eu não seria, apesar de tudo, porque é muito desgastante o serviço do professor, mas mesmo assim, eu não seria coordenadora porque é muito difícil lidar com os professores. (Professora Juliana)

Um episódio ocorrido no dia 29 de abril chamou minha atenção e cabe aqui ser ressaltado pelo total descaso com que as professoras se comportaram durante a reunião:

*A Coordenadora solicitou que as professoras lessem um texto que distribuiu sobre a importância da lição de casa. Elas reclamaram de fazer a leitura, pois o texto segundo elas era muito grande, tinha três páginas. A Coordenadora então disse que leria para elas.
 À medida que lia, aumentava cada vez mais o seu tom de voz, pois as professoras não paravam de falar.
 Coordenadora interrompeu a leitura para perguntar a opinião das professoras sobre o tema.
 Professoras falaram baixo: “Coisa chata essa reunião!”. Porém, a Coordenadora ouviu.
 De repente, as professoras começaram a rir alto falando do cabelo de uma professora.
 A Coordenadora tentou continuar a leitura do texto, porém, percebendo que as professoras não estavam prestando atenção, parou de ler o texto, e começou a resumi-lo.
 Em seguida perguntou se as professoras queriam fazer algum comentário.
 A Professora Luciana então disse: “Não! Não queremos comentar nada! O que a gente quer é ficar aqui em silêncio até acabar o horário da reunião!”*

O clima da reunião ficou visivelmente tenso. As demais professoras imediatamente se entreolharam. E a Coordenadora por fim respondeu, visivelmente chateada: “Bom, se é assim que vocês querem, por mim tudo bem...” Em seguida, algumas professoras começaram a comentar sobre o texto, dizendo ter achado interessante. Porém, quando deu o horário, professoras levantaram e foram embora, mesmo com o fato da Coordenadora ainda estar falando. (Caderno de Campo – 29/04/2013)

A respeito do comportamento das professoras no decorrer das reuniões, a Professora Beatriz ressaltou:

Tem pessoas meio desagradáveis sabe, eu percebo muito isso. Atrapalham muito, principalmente no começo do ano teve muito problema assim, de pessoas com conversas paralelas, que não tem nada haver com o assunto, é desagradável, é desagradável pra quem está falando, para o coordenador, e pra gente que tá ali ouvindo, tentando prestar atenção, se interessando pelo assunto, só que tem muitos que não tão nem aí, eu acho uma coisa meio antiética da pessoa que está ali atrapalhando. (Professora Beatriz)

Perguntei para a Professora Beatriz ao que ela atribui o fato de algumas professoras terem esse tipo de comportamento nas reuniões, e ela respondeu:

Olha bem, sinceramente eu não sei, porque eu to tendo dificuldade aqui, principalmente com uma pessoa sabe, de entrosamento, queria até excluir ela do meu facebook porque não dá... não que a gente quer ser melhor do que ninguém, mas tem coisas que a gente também não tem que tolerar sabe. Isso me afeta no meu dia a dia, porque eu quero sair daqui bem, eu quero chegar na minha casa não nervosa, e eu tenho saído muito nervosa daqui. E poxa, a gente vem aqui com o objetivo de você trabalhar, você tem um compromisso com a escola, uma responsabilidade, eu penso isso, e às vezes tem pessoas que interferem e que dão valor a coisas muito pequenas que eu acho que não deveria sabe? Porque o mais importante é você e seu aluno em sala de aula, e as pessoas ficam atrás de coisinhas lá fora. Você começa a se desmotivar, eu fiquei ultimamente meio que desmotivada, até eu pensei em chegar em uma autoridade aqui dentro, aí o diretor saiu em férias e piorou. O clima ficou ruim. Tem pessoas aqui que porque são efetivas acham que são melhores que as outras. Então as novas (professoras) eles torturam entendeu? Tem pessoas aqui que eu to decepcionada, muito triste, que eu tinha uma amizade grande, mas tá assim sabe, implicam comigo por causa de estacionamento (professoras novas não podem estacionar no estacionamento da escola). As pessoas falaram “Você não é

efetiva e vai estacionar o carro aqui no nosso estacionamento?”

Mas olha, é isso aí, é difícil, é difícil lidar com o ser humano, com as relações assim, é difícil, eu fico muito chateada. (Professora Beatriz)

Em contrapartida, a professora Luciana apontou o comportamento das professoras “recém-chegadas” como sendo o fator dificultador do desenvolvimento do HTPC:

As dificuldades? Ah eu acho que é o corpo docente de um certo modo, a gente tem assim, 20 professores efetivos e 12 praticamente se afastam, aí o que acontece? Cada ano com exceção do período da tarde que tem as meninas que só pegam no período da tarde, vem um grupo novo, e esse grupo novo demora pra entrosar, então o entrosamento, não que eu ache isso prejudicial pra criança não, elas vêm (professoras novas) com a maior boa vontade, elas vêm prontas para o trabalho, porém, até esse engajamento, até as ferramentas serem desenvolvidas, pra que haja assim (pausa) vamos supor, eu tenho um jeito autoritário, briguenta, eu sou muito falante, então isso faz com que as pessoas que chegam umas têm um pouco de medo, outras têm um pouco de receio, aí depois, com o passar do tempo é que há um entrosamento geral, e elas percebem que a minha experiência é uma experiência de vida vivida, tá? Então, quando eu brigo por alguma coisa eu sempre digo na certeza, embasada na lei, tá? Então assim, eu procuro cumprir a lei, eu procuro fazer, não meço esforços tá? Eu sou colaboradora de todas as atividades que eu faço, eu coloco tudo no pen drive, o meu trabalho é um trabalho aberto, é um trabalho conjunto, eu não sou uma pessoa individualista, porém, eu gosto de estar sempre fazendo o melhor. (Professora Luciana)

Em suma, tudo isso significa dizer que o HTPC na Escola J fica marcado pelas relações de poder presentes na mesma. Uma correlação de forças que parece ser cada vez mais travada entre as professoras antigas, professoras “recém-chegadas” e Coordenadora Pedagógica.

Essa questão das correlações de forças presentes no interior das instituições de ensino, destacando a questão do iniciante versus o experiente, por meio da qual as pessoas se organizam formando alianças de poder, fortalecendo grupos, e posicionando-se favorável ou contrariamente, operando nas relações de poder e originando conflitos, e situações permeadas pela tensão, é apontada por Candido (1985):

A estrutura administrativa de uma escola é todavia, algo mais amplo, compreendendo não apenas as relações ordenadas conscientemente mas, ainda, todas as que derivam da sua

existência enquanto grupo social. Isto vale dizer que, ao lado das relações oficialmente previstas [...], há outras que escapam à sua previsão, pois nascem da própria dinâmica do grupo social escolar. (CANDIDO, 1985, p. 107)

Tarefas Burocráticas

Um segundo fator frequentemente apontado como dificultador na Escola J diz respeito às tarefas burocráticas que permeiam tais encontros. No decorrer do semestre observado, diversas reuniões de HTPC foram ocupadas exclusivamente pela realização de tarefas burocráticas que não estavam contempladas na pauta de tais encontros. Tendo em vista que a Coordenadora permanecia durante toda a reunião transmitindo informes administrativos provenientes da Diretoria de Ensino, entregando fichas para serem preenchidas, informando datas de entregas de notas, faltas, planos de aulas, rotinas e atribuições. Essa questão deficitária apoia-se no fato de que a urgência das atividades administrativas faz com que as tarefas burocráticas sejam muitas vezes não só prioritárias, mas as únicas a serem realizadas.

Fazendo assim com que o HTPC seja caracterizado no imaginário das professoras como um espaço meramente burocrático, sem relevância para sua formação, como podemos conferir na fala da Professora Juliana em resposta à questão que investiga saber se a maneira como o HTPC é organizado responde às necessidades sentidas pelos professores. Ela ressaltou que falta essa contribuição efetiva, já que, em sua opinião, a Coordenadora erra por solicitar um grande número de tarefas burocráticas para serem realizadas no decorrer da reunião, o que faz com que o HTPC se caracterize como atividade meramente burocrática ao invés de formativa.

Em relação a essa excessiva burocracia que toma conta das reuniões pedagógicas a professora Patrícia aponta que esse é um fator negativo presente na prática de um Coordenador Pedagógico:

Infelizmente na coordenação, o que eu vejo também, é que é muita burocracia, eu tive a oportunidade de ficar um mês na vice direção e eu pude ver, porque quando a gente ta de um lado a gente vê de uma forma, e quando a gente ta do outro a gente vê de outra forma, então eu pude ver os dois lados, então eu vi que é muito burocrático, então o tempo que a profissional poderia ter

pra ta realmente colaborando com o professor, muitas vezes não sobra, é tanto papel pra você preencher, tanta coisa pra resolver, que aí, é claro que não justifica, porque o HTPC é uma vez por semana, então dá pra planejar uma coisa bem legal e tal, mas é isso que eu penso. (Professora Patrícia)

Professores não terem espaço para falar

Outro aspecto levantado pelas professoras participantes das entrevistas como inviabilizador do HTPC como espaço de formação concerne ao fato de que, assim como na Escola A, as professoras da Escola J não têm a possibilidade do HTPC ser um espaço aberto ao diálogo, por meio do qual todas as opiniões são ouvidas e consideradas na perspectiva de uma formação que parta das necessidades levantadas por seus participantes.

A Professora Juliana acredita que se houvesse mais abertura para as professoras exporem suas opiniões e dificuldades no decorrer da reunião, seria provável que o HTPC pudesse contribuir mais com sua prática.

A esse respeito, Franco (2010) enfatiza:

O espaço para as reuniões na escola em uma perspectiva democrática tem como objetivo garantir a participação de todos os segmentos da comunidade escolar nas decisões dos rumos da escola, o que, com certeza, ocorrerá com alguns momentos de concordância e outros de discordância, que poderão gerar conflitos que, se bem encaminhados, se revelarão como potencialmente benéficos. (FRANCO, 2010, p.34)

Tempo curto de reunião

Algumas professoras relataram que o curto tempo das reuniões também é um fator determinante para que os temas sejam tratados de uma forma superficial e os trabalhos sejam pautados na superficialidade das discussões e reflexões. Desta forma, segundo os participantes, o tempo não tem sido suficiente para favorecer o trabalho formativo que deveria ser realizado nesse momento.

Referente a essa questão do tempo, segue a opinião da professora Beatriz:

Se o HTPC contribui? Como eu disse nem em tudo, às vezes você quer comentar de algum aluno, você quer pedir uma orientação, mas você não tem esse tempo, entendeu? Então é bem complicado, falta tempo para que realmente isso possa acontecer. (Professora Beatriz)

Hierarquia nas tomadas de decisão

Outra das constatações das professoras relaciona-se à falta de espaço para falar, e refere-se ao fato de que as reuniões de HTPC refletem a estrutura hierárquica presente nas tomadas de decisões realizadas nas instituições escolares, na qual o modelo imperante é aquele no qual os professores são os últimos a opinar, pois recomendações e propostas chegam a eles como algo já determinado e pré-estabelecido, sem nenhum tipo de negociação ou validação por parte daqueles que são os mais interessados.

Em resposta a questão que investigava acerca do principal objetivo do HTPC estar sendo devidamente cumprido na escola, a professora Patrícia respondeu:

Mais ou menos. Bem mais ou menos. Bem menos (risos). Porque por exemplo, é uma cascata, não to entrando no papel da coordenadora, mas assim, é uma cascata que vem uma coisa lá de cima que ela é obrigada a passar e nós somos a base, os que menos podem dar opinião, porque vem lá de cima e é uma coisa assim hierárquica. Então muitas vezes o que é passado pra ela lá, eu acho que não é bem passado aqui, então fica uma coisa assim que não ta de encontro com o que a gente ta precisando, então tem esse impasse. (Professora Patrícia)

Não partir das necessidades dos professores

Por último, mas não menos relevante, os participantes ressaltaram o fato do HTPC da Escola J não partir das necessidades dos professores. A esse respeito, já enfatizamos a importância da pauta do HTPC partir sempre das necessidades apresentadas pelos professores, e este fator também é ressaltado por Canário (2006) ao afirmar qual a melhor maneira de promover uma formação centrada na escola:

O ponto de partida é a realização de diagnósticos e a identificação de problemas para, com base nisso, tentar encontrar soluções, testá-las e avaliá-las. Parte-se do princípio de que a atividade dos professores tem uma dimensão coletiva, o que não é o mesmo que a soma das ações individuais. O oposto da formação centrada na escola é aquela basicamente teórica e desvinculada da sala de aula, em que o alvo é a capacitação individual de cada um com base nas lacunas que lhe são identificadas. Nessa perspectiva, a prática dos docentes e o funcionamento da instituição têm de ser modificados ao mesmo tempo. (CANÁRIO, 2006)

A esse respeito, a Professora Patrícia aponta:

Os professores que estão no HTPC às vezes não se interessam porque não está de encontro com o que a gente necessita, então acaba que assim, a coordenadora tem que passar as coisas porque é passado pra ela, ela tem que passar pra gente, mas as vezes nem sempre o que tem que passar pra gente é o que a gente necessita naquele momento, então sobra pouco tempo pra que a gente possa junto falar “olha, ta tendo problema em tal sala, tal sala e tal sala, então onde a gente pode recorrer na teoria pra que a gente possa estudar e solucionar esse problema?”. E não tem isso, isso eu não vejo, tem uns textos que a gente lê e responde algumas perguntas, mas são coisa meio jogadas, então fica uma coisa meio chata, maçante, que a gente acaba cumprindo e é uma pena porque eu conheço professores que apanharam da cavalaria em São Paulo na época que teve muita luta pra que houvesse esse direito pra gente, esse espaço e hoje em dia não é bem aproveitado. Então eu fico pensando nesses professores que lutaram tanto, que deram a cara pra bater, lá na década de 80, 90, e eu fico pensando nesses professores que lutaram tanto pra esse horário pra agora ser desperdiçado. Porque eu vejo, por exemplo, essa sala tem muitos problemas, então seria um espaço muito bacana pra gente estar refletindo quais são os problemas, vamos resolver, não ficar desabafo, mas pra procurar na teoria soluções. (Professora Patrícia)

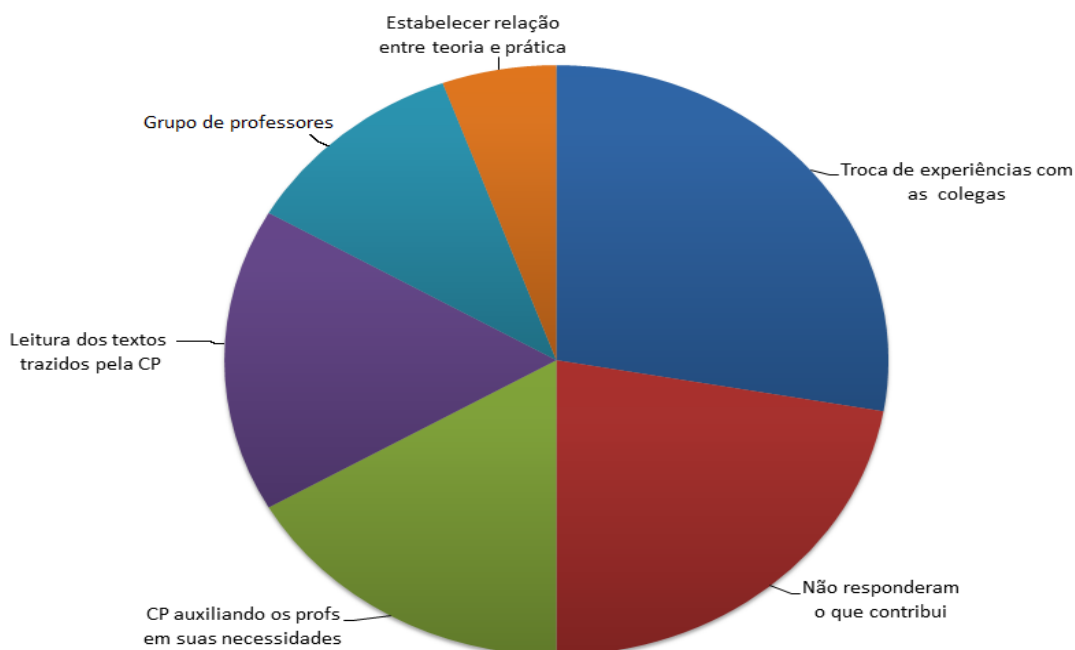
Em resposta a questão que objetivava saber se a maneira como o HTPC está organizado contribui na atuação profissional dos professores, a Professora Patrícia disse que atualmente não há nenhuma contribuição proveniente do HTPC para a sua prática docente, por não haver um elo, uma articulação com o que está ocorrendo em sala de aula.

5.2.2 Fatores que facilitam o desenvolvimento do HTPC como Formação Continuada em Serviço na Escola J:

Metade dos professores da Escola J, assim como da Escola A, não vislumbrou nenhum fator como sendo facilitador do desenvolvimento do HTPC. Isso se deve ao fato de alguns participantes, não conceberem o momento do HTPC como um espaço voltado para a Formação Continuada em Serviço, e em consequência disso não apontam para nenhum fator facilitador de seu desenvolvimento.

Mas em contrapartida, no decorrer das entrevistas, os demais professores apontaram as trocas de ideias e experiências entre os pares como fator facilitador de mais incidência no desenvolvimento da reunião.

Além disso, atribuíram valor também ao fato da Coordenadora auxiliá-los em suas necessidades; às leituras realizadas nesse espaço; ao grupo de professores e à relação que podem estabelecer nesses encontros entre a teoria e a prática.



Fonte: Elaboração da própria autora com informação verbal extraída das entrevistas.

Troca de experiências com as colegas

Para que a Formação Continuada possa efetivamente ocorrer tendo o espaço escolar como lócus é de suma importância que o responsável pelo encaminhamento das reuniões de HTPC oportunize a troca de experiências entre os professores, seus pares e a coordenação, fator imprescindível para suscitar a partilha de experiências e a reflexão sobre a prática.

Libâneo (2001) aponta que “tematizando a prática, isto é, fazendo com que sua prática vire conteúdo de reflexão, ele vai ampliando a consciência sobre sua própria prática.” (LIBÂNEO, 2001, p. 67)

Porém, esse é um aspecto a ser cuidadosamente analisado, pois podemos cair na armadilha de transformar momentos de trocas de experiências no interior das escolas em meras trocas de atividades, como se fossem receitas prontas. Deste modo, chamamos atenção ao fato de que uma troca de experiências sem a devida reflexão, sem a devida tematização se reduz apenas a uma troca de atividades bem sucedidas, compostas por um caráter desordenado, alicerçado no senso-comum e sem nenhum tipo de análise mais elaborada a respeito de sua prática docente.

Destarte, chamamos atenção ao fato de que a troca de experiências é aspecto fundamental para que a Formação Continuada possa ocorrer nos HTPCs, desde que seja utilizada de forma intencional, levando em consideração seu caráter formador.

É importante que esse espaço não se limite a ser um “muro de lamentações” que não avança para lugar nenhum, é importante ainda que iniciativas efetivas sejam realizadas nas escolas, nos horários destinados ao HTPC, iniciativas que realmente partam das necessidades do coletivo e que objetivem melhorar o cenário educacional que vigora.

Assim sendo, os participantes da Escola J atribuíram grande importância às trocas de experiências presentes no HTPC. A fala da Professora Juliana esclarece seu ponto de vista, ao afirmar que essas trocas entre as professoras durante o HTPC são fundamentais. Segundo ela, durante esse horário as professoras buscam trocar informações, experiências e também teorias, tendo em vista que considera a teoria imprescindível para sustentar sua atividade prática.

Posteriormente, em resposta à questão que objetivava descobrir se o HTPC tem cumprido com seu propósito, a mesma professora interpretou que sim, embora no passado já tenha cumprido melhor. Porém, ressaltou que no momento do HTPC em que o grupo de professoras se encontra, elas procuram conjuntamente planejar suas atividades, consultar o material didático, o material “Ler e Escrever”, validar o que deu certo e alterar o que não deu. Em sua opinião, é isso que faz com que o HTPC funcione nesta escola.

Não responderam o que contribui

Esse aspecto se relaciona com aquele apresentado na análise dos fatores possivelmente facilitadores da Escola A, pois em ambas as escolas muitos dos participantes não souberam responder o que contribui para o desenvolvimento do HTPC como Formação Continuada em Serviço, pois não concebem o momento do HTPC como um espaço voltado para a Formação Continuada em Serviço, e em consequência disso não apontam para nenhum fator facilitador de seu desenvolvimento.

Coordenadora Pedagógica auxiliando os professores em suas necessidades

Apesar disso, os participantes destacaram o auxílio prestado pela Coordenadora Pedagógica em suas necessidades como facilitador do HTPC. Levando em consideração que o responsável pelo HTPC nas escolas em geral é o Coordenador Pedagógico, esse profissional deve assumir o papel de mediador, facilitador do processo de Formação Continuada em Serviço de professores, auxiliando-os em suas necessidades e lacunas. Sendo dele a responsabilidade de organizar os momentos de formação, bem como acompanhar o que é realizado, orientando a reflexão e o diálogo sobre a prática docente.

Desta forma, algumas professoras da Escola J destacaram a importância do auxílio prestado pela Coordenadora durante as reuniões de HTPC, como podemos conferir:

Ela (Coordenadora Pedagógica) é muito boazinha, ela é um amor. Eu adoro ela. Ela tem sofrido muito com esse HTPC, porque tem umas conversas paralelas nada a ver, dois, três ali, uma meia dúzia prestando atenção nela, e o resto sem ter interesse, isso desde o ano passado, desde (pausa) então eu acho meio desgastante pra ela, teve um dia que ela chorou, chorou, e teve que falar com algumas pessoas com outro tom e a pessoa não gostou. E ela é super educada, é super atenciosa, se precisar dela ela faz tudo pra você. Ela é muito boa, ela sempre me ajuda com as necessidades que eu tenho em sala de aula, ela me ajuda bastante mesmo, as pessoas não sabem dar valor para o que tem. (Professora Beatriz)

Leitura dos textos trazidos pela Coordenadora Pedagógica

Em seguida, relacionando-se com o ponto acima destacado, as professoras atribuíram valor à leitura dos textos trazidos pela Coordenadora Pedagógica no decorrer das reuniões de HTPC. Pois sendo o Coordenador Pedagógico o mediador do processo de Formação Continuada em Serviço no interior das escolas, suas ações e planejamentos devem proporcionar o desenvolvimento deste processo de formação.

Portando, as falas das professoras apontam para o fato de que os textos trazidos pela Coordenadora Pedagógica no decorrer das reuniões de HTPC são um dos fatores facilitadores de implementação de um espaço formativo neste horário.

A Professora Ana diz que o HTPC tem cumprido com seu principal propósito, embora em alguns momentos a reunião fique falha. Todavia, ressalta que algumas vezes ocorre corretamente, quando, por exemplo, os professores se reúnem para discutir algum texto formativo trazido pela Coordenadora.

Por sua vez, a Professora Rosane pontua que o HTPC é sempre composto por: um vídeo interessante de cunho pedagógico, leitura de textos principalmente da Telma Weisz, e confecção de matérias e atividades para os alunos, fazendo com que esse momento seja, em sua opinião, muito significativo para sua formação.

A esse respeito, cabe aqui a apresentação de uma fala da Coordenadora durante a reunião de HTPC do dia 15 de abril:

Nós, as Coordenadoras Pedagógicas em reunião em São Paulo discutimos que o HTPC deve ser um momento de estudo, não só de dar recado, então nós vamos estudar! (Caderno de Campo – 15/04/2013)

Em seguida complementou dizendo:

No mapa de sondagem tem que colocar quantos HTPCs o professor participou. A partir de agora tem que ser assim, o HTPC vai ser controlado! Tem dia que eu dispenso vocês para corrigirem alguma coisa, mas eu tenho que escrever alguma coisa na ata, como se o HTPC tivesse sido realizado. (Caderno de Campo – 15/04/2013)

Grupo de professores

Como já explicitamos anteriormente, a equipe pedagógica da Escola J trabalha junta há muito tempo; por conta disso, segundo elas, conseguem na maioria das vezes trabalhar em equipe, combinar e organizar atividades coletivamente, sendo esse outro aspecto ressaltado em suas falas.

Faremos um recorte novamente em uma fala da professora Luciana que já foi trazida, porém consideramos ser representativa:

Essa escola é muito boa, com boas notas, mas isso é por causa da equipe de professores, não por causa da direção! Nós somos uma boa equipe, uma equipe muito unida, trabalhamos juntas há muito tempo, eu estou nessa escola há 17 anos. E a grande maioria das professoras também estão há muito tempo aqui, é diferente de uma escola que as professoras mudam todo ano por exemplo. A coordenadora é uma boa coordenadora, mas ela só está aqui há uns 5 anos, ela é boa, mas nós já tivemos melhor. O diretor também, ele está nessa escola há uns 4 anos, quando ele chegou não tinha noção nenhuma, porque ele era diretor de uma escola de quinta a oitava, até hoje tem muita coisa que ele não sabe, e ele vem perguntar pra mim. O fato é que nós trabalhamos bem independente da equipe gestora que está aqui e independente do que acontece no HTPC. (Caderno de Campo – 15/04/2013)

Esta fala foi extraída do caderno de campo e derivada de uma conversa com a Professora Luciana, porém ela reafirmou essa questão durante a

entrevista em resposta dada a questão que buscava identificar se o HTPC em sua escola, de acordo com a opinião de seus participantes, cumpria com seu propósito de ser um espaço formativo, como podemos ver abaixo:

Olha, na nossa escola eu posso te dizer que sim. Quais os fatores que contribuem para com isso? Esse desenvolvimento é dado porque nós somos algumas professoras aqui que estamos juntas há muitos anos, então nos já temos essas experiências que foram boas, as que foram ruins, e cada ano a gente tá pronto pra mudança, tá? Tudo que chega de novo, a gente vê o que aproveita e acrescenta sempre com mais amor. (Professora Luciana)

No decorrer da entrevista, Luciana continua a atribuir ao grupo de professoras a responsabilidade pelo bom desenvolvimento do HTPC, ao afirmar que a maneira como essa reunião está organizada responde às suas necessidades em sala de aula:

Sim, sim. Mas por quê? Porque a gente tem experiência, a gente tem muita experiência, a gente tem bagagem, e é o seguinte, paralelo ao assunto que foi falado, o que eu faço? Eu chego em casa e vou procurar livros, eu vou procurar as ferramentas, eu não limito só a isso. Ele (o HTPC) funciona literalmente devido a nossa força de vontade, o nosso querer, a nossa união, porque por mais que algumas pessoas não se esforcem, por mais que tenha divergências que são dificultosas, a gente ainda acha caminhos para ensinar, da melhor maneira possível. (Professora Luciana)

E finalizou a entrevista dizendo:

Eu acho que nós trabalhamos com uma equipe gestora muito eficiente, eficaz, querendo ou não, com divergências ou não, a gente consegue sempre em todo o trabalho que é feito, sucesso, dado as notas do IDESP, do SARESP, e da boa equipe docente que nós temos. Atribuo isso só à experiência, ao coleguismo, ao companheirismo, a união, e principalmente ao compromisso nosso com a educação, esse é o nosso grande compromisso! (Professora Luciana)

Relacionado a esse aspecto, a Professora Rosane afirmou que esse ano o grupo de professores, direção, coordenação e os alunos estão todos muito bem articulados. Então em sua opinião, não está ocorrendo grandes dificuldades, segundo ela tudo tem colaborado para que a escola fique cada vez mais bem conceituada e obtendo êxito em seu trabalho.

Estabelecer relação entre teoria e prática

Finalmente, as professoras participantes afirmaram que outro fator que facilita o desenvolvimento do HTPC diz respeito à possibilidade de proporcionar o estabelecimento da relação entre teoria e prática. Pois, à medida que vamos refletindo sobre nossa prática, é necessário que reconheçamos a importância da teoria que a baseia.

Nesse sentido, Pimenta (1994) pontua que o professor sendo agente de uma práxis transformadora, necessita de uma sólida formação teórica e crítica sobre seu fazer pedagógico. Dessa forma, a formação contínua precisa ser um valor constantemente presente de maneira articulada entre pedagógico e político-social.

A respeito da maneira como o HTPC é conduzido proporcionando a relação entre teoria e prática, a Professora Ana apontou que da maneira como está organizado, não há necessidade de nenhuma mudança, pelo fato da Coordenadora Pedagógica articular muito bem teoria e prática durante as reuniões.

Professora Rosane também ressaltou que em sua opinião, o papel do HTPC é: auxiliar os professores em suas dificuldades, buscar soluções, refletir sobre as metas e objetivos a serem atingidos, tendo como base os resultados já alcançados, e principalmente para relacionar teoria e prática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao elaborar a síntese final das discussões realizadas nesta pesquisa torna-se essencial retomar à sua principal questão: Quais as relações presentes entre as práticas realizadas no HTPC e os aspectos essenciais definidores de uma formação continuada em serviço?

Partindo das premissas já apresentadas e consideradas por nós como definidoras de uma verdadeira Formação Continuada em Serviço, constatamos através da análise dos dados, que o HTPC da maneira como vem sendo atualmente realizado nas duas escolas investigadas, não contempla, ou pouco contempla os aspectos essenciais que definem uma Formação Continuada em Serviço.

Acreditamos que, apesar do discurso sobre a Formação Continuada tendo a escola como lócus ser bastante atraente, e ter sido preocupação constante tanto para o poder público quanto para pesquisadores da área, pudemos constatar, através dos dados aqui apresentados e analisados, que existem vários aspectos que dificultam a maneira como essa formação tem sido realizada no interior das escolas observadas.

Portanto, embora as reuniões na escola tenham legalmente o potencial de oportunizar a reflexão sobre os processos educativos, notamos que a maneira como o HTPC tem sido atualmente realizado na maioria delas pouco colabora para que o isolamento vivido pelos professores seja minimizado e para que mudanças significativas na prática docente possam ocorrer, por não oportunizar que os professores reflitam sobre sua prática e assumam posturas diferenciadas frente aos desafios que enfrentam.

Todavia, não me sinto confortável em – muito menos no direito de – julgar e avaliar os HTPCs observados durante minha coleta de dados como corretos ou incorretos. Parto sempre da premissa de que o fato desse horário acontecer nas escolas, já aponta para um avanço, um compromisso, mesmo que mínimo, e às vezes até inconsciente por parte da gestão escolar e do corpo docente pela melhoria de sua formação e conseqüentemente das relações de ensino e aprendizagem.

Porém, por mais que as pessoas tenham compromisso e sejam bem intencionadas, a operacionalização do HTPC mostra-se insuficiente para que

contribua com uma mudança significativa no processo de ensino-aprendizagem.

Mesmo concordando que esse compromisso pode não estar explicitamente aparente por parte dos agentes envolvidos. O que pudemos constatar, porém, é que falta ainda por parte de alguns diretores, coordenadores e professores, a concepção do real sentido do HTPC, no que diz respeito à sua possibilidade, de acordo com sua organização, de ser um espaço potencializador de Formação Continuada em Serviço dos professores e, por conseguinte, um espaço privilegiado de formação reflexiva.

De forma geral, os dados provenientes de nossa pesquisa de campo, expressam aspectos que inviabilizam o HTPC como momento de formação e, na opinião dos seus participantes, fazem com que sua operacionalização seja falha e sem qualidade, sem nenhuma relevância para sua prática docente e nenhuma contribuição para a aprendizagem dos seus alunos. Eles se referem, em sua grande maioria: à desarticulação entre os temas abordados e as necessidades sentidas pelo coletivo de professores; à gestão escolar autoritária que inviabiliza que o HTPC seja um espaço aberto ao diálogo e à troca de experiências de forma organizada; ao trabalho do Coordenador Pedagógico que se encontra em desacordo com as necessidades formativas dos professores e às resistências por parte dos professores mais experientes que se negam a conceber o HTPC como um espaço formativo e a legitimar a figura do Coordenador enquanto formador nesse espaço/tempo.

Dada à amplitude dos fatores dificultadores, consideramos que por si só as reuniões de HTPC da maneira como foram realizadas nas escolas observadas, não conseguem abarcar a gama de potencialidades e diversidades de questões e reflexões que devem fazer parte de um processo de Formação Continuada de Professores no interior das escolas.

Os dados desta pesquisa são unânimes ao demonstrar que os momentos que deveriam estar alicerçados com a finalidade de uma Formação Continuada acabam por sucumbir ao imediatismo das urgências cotidianas das tarefas burocráticas e pouco contribuem no que diz respeito à formulação de medidas para se consolidar uma Formação em Serviço mais fundamentada em pressupostos teóricos e articulada com os saberes de cunho prático e às reais necessidades dos professores.

A Coordenadora Pedagógica que está no comando do HTPC da Escola J, por exemplo, até tenta ordenar a pluralidade e heterogeneidade de temas emergidos nas reuniões de HTPC, mas enfrenta uma notória relação de poder com o grupo de professoras mais experientes, que não legitimam sua função, resultando na inviabilidade do seu papel como mediadora da Formação Continuada em Serviço. Em suma, tudo isso significa dizer que o HTPC na Escola J fica marcado pelas relações de poder presentes na mesma. Uma correlação de forças estabelecida entre as professoras antigas da escola, professoras “recém-chegadas” e Coordenadora Pedagógica.

Ademais, nos raros momentos em que algo é proposto durante essa reunião, a Coordenadora parece perder o fio condutor por meio do qual a Formação Continuada em Serviço poderia ser concebida efetivamente, oferecendo tarefas demasiadamente burocráticas, não acompanhando e nem orientando seu desenvolvimento e assumindo diversos desvios de função.

Salientamos anteriormente o fato da liderança do Coordenador Pedagógico ser aspecto fundamental para que se possam concretizar os momentos formativos no interior das escolas, sendo fundamental que suas ações estejam pautadas em um clima de trabalho favorável, no qual sua função é legitimada, e suas atitudes possam reforçar o sentido de pertença ao grupo e de um trabalho colaborativo.

Algo se perde, portanto, nesse processo. Um círculo vicioso que é resultado do pouco investimento que se faz (humano e material) na melhoria da formação, pois as urgências cotidianas falam mais alto, e não se dão conta de que se a formação fosse prioridade, os problemas cotidianos não seriam mais tão frequentes, pois muitos dos problemas são passíveis de serem resolvidos se forem refletidos conjuntamente na busca de suas soluções, de forma a proporcionar que todo o corpo docente participe dessa atividade formativa.

Já na Escola A, nos deparamos com o perfil excessivamente autoritário da Diretora como o maior inviabilizador de uma formação centrada na escola. Pois um dos pilares que sustentam a Formação em Serviço é a concepção de uma gestão democrática, que tenha como pressuposto a participação de todos aqueles que da escola fazem parte a fim de determinar coletivamente os rumos e metas a serem seguidos.

Sobre a liderança, Franco (2010) enfatiza que deveria ser:

O líder não é apenas a pessoa que conduz um grupo, e sim um facilitador da construção de um trabalho coletivo. Nessa perspectiva, as reuniões na escola caracterizam-se como um espaço privilegiado para que haja um processo reflexivo sobre os rumos da instituição, onde, no cotidiano, os diversos segmentos pensarão sobre os problemas em busca de novas alternativas para superá-los, responsabilizando-se por elas de forma coletiva, com uma orientação dada pela liderança democrática, num clima de trabalho favorável para a participação e a transformação do espaço escolar. Com a descentralização nas tomadas de decisão, a escola respeitará a diversidade e valorizará os sujeitos como protagonistas e agentes de um processo de transformação que o ensino na atualidade exige. (FRANCO, 2010, p, 21)

Durante a coleta de dados na Escola A, observamos práticas que não podem ser de forma alguma endossadas. Tendo em vista que é fator fundamental que quem esteja no comando das reuniões, tenha sua postura e ações pautadas em princípios democráticos, considerando a ativa participação de todo o corpo docente na elaboração de um projeto de formação que respeite seus saberes profissionais e busque atender as suas reais necessidades pretendendo alcançar a melhoria de sua prática educativa.

Distanciados de qualquer julgamento de valores, e do calor dos fatos observados durante a execução do HTPC nas duas escolas públicas analisadas, o que nos foi possível concluir a respeito desse horário é que a legislação escolar defende e a gestão escolar bem ou mal executa. As professoras cumprem. A iniciativa bem ou mal existe. O que falta então?

Acreditamos que o que mais falte seja a consciência da sua importância por parte dos professores e da gestão escolar, visto que, os envolvidos, em sua grande maioria, não vislumbram a escola como local de formação continuada, e não creem no momento do HTPC como um espaço que tem potencial para ser caracterizado como Formação Continuada em Serviço. Sendo que um dos meios pelos quais a escola pode consolidar seu projeto é todos os envolvidos terem a clareza do potencial transformador das reuniões coletivas entre coordenação e grupo de professores.

Os HTPCs observados de forma geral, se mostram reuniões equivocadas e fragilizadas em sua operacionalização e desenvolvimento, pouco contribuindo no que diz respeito à formulação de medidas para se

consolidar um processo formativo mais fundamentado em pressupostos teóricos, articulado com os saberes de cunho prático e as reais necessidades dos professores. Não cumprindo com seu principal objetivo que é o de proporcionar ao professor um espaço de Formação Continuada em seu ambiente de trabalho.

Concluimos que o HTPC efetivamente como prática de Formação Continuada em Serviço nas duas escolas observadas, ainda é algo a se alcançar, apesar de sua implementação já ter sido um grande avanço. Para tanto, é necessário que se compreenda que o HTPC pressupõe condições nem sempre presentes nas escolas brasileiras, tais como: uma gestão democrática que prime pela Formação Continuada de seus professores, que em contrapartida, necessita de professores que estejam abertos e receptivos a investir em sua formação.

Reiteramos que é de suma importância que este espaço não seja desperdiçado, pelo contrário, que seja caracterizado como um constante aprendizado e troca de experiências entre o corpo docente e a coordenação. Por meio de discussões e reflexões coletivas, seriam favorecidas as soluções para sanar as dificuldades que emergem cotidianamente. Para isso é imprescindível que as reuniões de HTPC sejam pensadas, organizadas e referendadas por todos os envolvidos no processo educacional, o que contribui para legitimar a formação e a consolidar como um projeto coletivo. Além da necessidade de um efetivo monitoramento dessas atividades, no qual seja possível supervisionar quais os tipos de ações que vem sendo desenvolvidas neste espaço.

Defendemos que o HTPC não é uma utopia, no entanto, reconhecemos a urgente necessidade de ressignificar esse espaço, deixando de incorrer em erros que reduzem sua dimensão, garantindo assim que ele seja o momento de formação que deveria originariamente ser. É necessário portanto, que seja caracterizado como um momento aberto à reflexão, ao diálogo e à discussão, pois os professores só terão suas práticas alteradas e melhoradas na medida em que compreenderem seu papel como sujeitos e não objetos de conhecimento.

Temos a plena consciência de que os desafios postos para a escola e para a prática docente contemporânea são muitos e provenientes de diversas

ordens. Portanto, parafraseando diversos autores que se debruçaram sobre tais questões, é que acreditamos que a Formação Continuada de Professores, apesar de não ser a única solução, mostra-se um caminho possível para promover as transformações cabíveis no âmbito escolar.

REFERÊNCIAS:

ALARCÃO, I. **Formação continuada como instrumento de profissionalização docente.** In: VEIGA, I. P. (Org). Caminhos da profissionalização do magistério. Campinas, SP: Papyrus, 1998, p. 99-122.

ALMEIDA, L.R. A dimensão relacional no processo de formação docente: uma abordagem possível. In: BRUNO, E. B. G.; ALMEIDA, R. L. e CHRISTOV, L. H. S. (Org.). **O coordenador pedagógico e a formação docente.** São Paulo: Loyola, 2000.

ANDRÉ, M.E.D.A.de. **Etnografia da prática escolar.** Campinas, SP: Papyrus, 1995. (Série Prática Pedagógica).

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Tradução Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. Ed. Casa de idéias. São Paulo, 2011. (1977)

BRASIL. Lei nº 10.172 de 9 de janeiro de 2001. **PNE - Plano Nacional de Educação.** Aprova o Plano Nacional de Educação e outras providências. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10172.htm>https://www.planalto.gov.br/civil_03/leis/leis_2001/l10172.htm>

BRASIL. **Referenciais para formação de professores.** Brasília, MEC / SEF, 2002.

BERGAMINI, C.W. **Liderança: administração do sentido.** 2ed. São Paulo: Atlas, 2009.

CANÁRIO, R. **A escola: o lugar onde os professores aprendem.** Aveiro: Universidade de Aveiro, 1997. (mimeo)

CANDAU, V.M.F. (1996). Formação Continuada de professores: tendências atuais. En A.M.M.R. Reali & M.G.N. Mizukami (orgs.), **Formação de**

professores: tendências atuais. (pp. 139 - 152). São Carlos: Editora da UFSCar.

CANDAU, V. M. F. Formação continuada de professores: tendências atuais. In: FULLAN, M.; HARGREAVES, A. **A escola como organização aprendente: buscando uma educação de qualidade.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

CANDAU, V.M. (org). **Magistério: construção cotidiana.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. p. 51-68.

CANDIDO, A. A estrutura da escola. In PEREIRA, Luís, FORACCHI, Marialice Mencarini (org.). **Educação e Sociedade: leituras de sociologia da educação.** 12 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985

CORREIA, J.A. e MATOS, M. **Solidões e Solidariedades nos quotidianos dos professores.** Lisboa, Asa Editores S/A , 2001 (Coleção em Foco).

CUNHA, M. I. (Org.). **Desmistificando a profissionalização do magistério.** Campinas: Papyrus, 1999. p. 127-147.

FERNANDES, M.J.da.S. **Problematizando o trabalho do Professor Coordenador Pedagógico nas Escolas Públicas Paulistas.** Araraquara: UNESP, 2004. Dissertação (Mestrado)

FERNANDES, M.J.da.S. **O professor coordenador pedagógico e a fragilidade da carreira docente.** Estudos em Avaliação Educacional, v. 20, n. 44, p. 411-424, set./dez. 2009.

FRANCO, F.C. **Gestão e coordenação do trabalho pedagógico na educação básica.** Mogi das Cruzes: EAD/UBC, 2009.

FRANCO, F.C. **As reuniões na escola e a construção coletiva do projeto educacional.** São Paulo: Loyola, 2010.

FRANCO, M.A.S. **Coordenação Pedagógica: uma práxis em busca de sua identidade.** Revista Múltiplas Leituras, v.1, n. 1, p. 117-131, jan/jun 2008.

FREIRE, M. **A Formação Permanente.** In: Freire, Paulo: Trabalho, Comentário, Reflexão. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos,** UNESP, São Paulo, 2001.

FUSARI, J.C. **Formação contínua de educadores:** um estudo de representações de coordenadores pedagógicos da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (SMESP). 1997, 201 f. Tese (doutorado). Faculdade de educação, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1997

FUSARI, J.C. e FRANCO, A.P. Formação contínua em serviço e projeto pedagógico: uma articulação necessária. In: BRASIL – MEC – SALTO PARA O FUTURO. TV ESCOLA. **Formação contínua de professores.** Boletim 12, agosto, 2005, p.21 a 27).

GARCIA, M. (2003) **A formação contínua de professores no HTPC: alternativas entre as concepções instrumental e crítica.** Tese (Doutorado). Psicologia da Educação. São Paulo: Pontífica Universidade Católica de São Paulo.

GARRIDO, E. Espaço de formação continuada para o professor coordenador. In: BRUNO, Eliane. B.; ALMEIDA, Laurinda R.; CHRISTOV, Luiza. H. (Orgs.). **O coordenador pedagógico e a formação docente.** São Paulo: Loyola, 2000.

GATTI, B.A. Análise das políticas públicas para formação continuada no Brasil, na última década. **Revista Brasileira de Educação,** v.13, n. 37, jan./abr, 2008)

GATTI, Bernadete A.; GARCIA, Walter E. (Org.). **Textos selecionados de Bernadete A. Gatti.** Belo Horizonte, MG: Editora Autêntica, 2011. (Coleção Perfis da Educação;4).

GOMES, M.O. **Formação de professores na educação infantil**. São Paulo: Cortez, 2009.

IMBERNÓN, F. **Formação continuada de professores**. Artmed, Porto Alegre, 2010.

LIBÂNEO, J.C. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. Goiânia: Editora Alternativa, 2001.

LUDKE, M. e ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986

MARCELO GARCIA, C. **Formação de professores: para uma mudança educativa**. Porto: Porto Editora, 1999.

MARCELO GARCIA, C. A formação de professores: novas perspectivas baseadas na investigação sobre o pensamento do professor. In: NÓVOA, A. **Os professores e a sua formação**. 2 ed. Lisboa: Nova Enciclopédia, 1995, p. 51 - 76.

MARQUES, W. **Escola-Padrão: Acertos e Equívocos de uma política educacional**. Campinas: UNICAMP – SP, 1997. Tese (Doutorado).

MENDES, C. C. T. (2008) **HTPC: Hora de Trabalho Perdido Coletivamente?** 2008, 113 p. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação, Universidade Paulista Júlio de Mesquita Filho, Presidente Prudente-SP, 2008.

MIZUKAMI, M. G. N.; REALI, A. M. de M. R. **Aprendizagem profissional da docência**. São Carlos: EdUFSCar, 2004.

NÓVOA, A. Concepções e práticas da formação contínua dos professores; In: NÓVOA, A. (org). **Formação contínua de professores: realidade e perspectivas**. Aveiro: Universidade de Aveiro, 1991.

NÓVOA, A. **Formação continuada de professores: realidade e perspectivas.** Aveiro: Universidade de Aveiro, 2001.

NÓVOA, A. Professor se forma na escola. **Revista Nova Escola.** Ano XVI, n 14, maio, 2001.

OLIVEIRA, N.A.R.DE. **A HTPC como espaço de formação: uma possibilidade.** Dissertação (Mestrado). Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2006

OLIVEIRA, D.R.DE. (2011) **A formação continuada de professores de primeiro ano do Ensino Fundamental de nove anos e os desafios ao trabalho pedagógico.** Dissertação (Mestrado) Universidade Estadual Paulista – Presidente Prudente.

PIMENTA, S. G. (org.). **O Estágio na Formação de Professores: unidade teoria e prática?** São Paulo: Cortez, 1994.

PIMENTA, S.G. **O pedagogo na escola pública.** São Paulo: Edições Loyola, 2002

PLACCO, V.M.N.S. e SOUZA, V.L.T. **Aprendizagem do adulto professor.** São Paul: Loyola, 2006.

PORTO, Y. da S. Formação continuada: a prática pedagógica recorrente. In: MARIN, A. J. (Org.). **Educação continuada.** Campinas: Papirus, 2000.

SANTOS, V.L.F.DOS. **Formação Contínua em Serviço: da construção crítica de um conceito à “reconcepção” da profissão docente.** (CPTL/UFMS). Interface da Educ. Paranaíba v. 1 n. 1 p. 5-19, 2010.

SENNETT, R. **Autoridade.** Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SOUZA, V.L.T. O coordenador pedagógico e a constituição do grupo de professores. In: ALMEIDA, L. R. e PLACCO, V. M. N. de S. (Org.). **O coordenador pedagógico e o espaço de mudança**. São Paulo: Loyola, 2010

TORRER, S.R. Reuniões pedagógicas: espaço de encontro entre coordenadores e professores ou exigência burocrática? In: ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza (Org.) **O Coordenador Pedagógico e o espaço de mudança**. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

UNESCO. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI, "**Educação: um tesouro a descobrir**": Jacques Delors. Editora Cortez. SP, 1998.

VASCONCELLOS, C. D. S. **Coordenação do trabalho pedagógico**: do projeto político-pedagógico ao cotidiano da sala de aula. São Paulo: Libertad, 2002.

APÊNDICES

APÊNDICE A

Quadro 12: Tema da Pauta x O que realmente ocorreu

Escola	Data	Tema presente na pauta do HTPC	O que realmente ocorreu neste horário
Escola J	04/02	Coordenadora me disse que o HTPC teria início em fevereiro.	Durante todo o mês de fevereiro não houve reuniões de HTPC.
Escola A	18/02	Leitura e estudo do texto “Virando a escola do avesso por meio da avaliação”.	<p>O referido texto foi lido em voz alta pelas professoras, sendo que era a diretora que dizia qual professora deveria ler.</p> <p>Professoras pouco falaram, pois a Diretora monopolizou a fala durante todo o HTPC.</p> <p>Diretora propôs que as professoras trouxessem atividades interessantes que realizaram nos outros anos para trocar com o grupo, ela marcará o dia dessas apresentações e informará depois.</p> <p>Diretora não quer mais que a palavra “erro” seja usada.</p> <p>Tarefa: Encontrar uma nova palavra para “erro”.</p>

Escola A	25/02	Estudo do texto “Avaliação formativa: aliada do aluno e do professor”.	<p>Diretora informou que as professoras do outro período não querem fazer a atividade de apresentar uma aula interessante, então ela resolveu cancelar essa atividade. Em seu lugar resolveu que as professoras analisariam situações problemas trazidas por ela.</p> <p>Ela retomou as sugestões para a palavra erro. Combinou que essa palavra não será mais usada.</p> <p>Diretora distribuiu o texto “Avaliação formativa: aliada do aluno e do professor”.</p> <p>Diretora propôs que as professoras pensassem como agir quando os alunos não cumprem os combinados.</p> <p>Professoras só falavam quando eram diretamente questionadas pela diretora, senão, não se manifestavam.</p> <p>Tarefa: Pensar na realidade da sala de aula e analisar um trecho do texto escolhido pela diretora.</p> <p>O único momento no qual as professoras ficaram livres para falar, falaram sobre alunos com problemas de falta e indisciplinados.</p>
Escola J	04/03	Professoras fazendo planejamento.	<p>HTPC não foi realizado. Coordenadora me disse que deixou as professoras “livres”.</p> <p>Coordenadora Pedagógica propôs que as professoras se reunissem pelo ano que atuam e realizassem o planejamento durante esse horário.</p> <p>Coordenadora não ficou na sala, só veio uma vez e não permaneceu por muito tempo.</p> <p>Professoras procurando palavras sinônimas para “mudar” o planejamento do ano anterior.</p>

Escola A	11/03	Discussão sobre o final do texto “Disciplina Escolar” – Leitura e Debate.	<p>Diretora não realizou o HTPC, pois estava ocupada. Solicitou que as professoras terminassem de discutir o texto do último encontro e ao final redigissem uma ata.</p> <p>Professoras contentes por não ter HTPC.</p> <p>Fizeram-me reclamações a respeito da condução desse espaço.</p> <p>Criticaram o material SESI, porém acharam melhor não escrever a crítica na ata da reunião.</p> <p>Não deixaram a ata salva no computador, temendo que as professoras do HTPC da tarde a copiassem.</p>
Escola J	18/03	Professoras fazendo planejamento e rotina.	<p>HTPC não foi realizado.</p> <p>Coordenadora Pedagógica sugeriu que as professoras fizessem o plano de aula e a rotina, e logo em seguida saiu da sala.</p> <p>Professora Beatriz sendo intensamente criticada pelas demais professoras por querer “inventar moda” diante do diretor fazendo receita de bombom com seus alunos.</p> <p>Professoras alegando todas as desculpas possíveis para não realizarem essa receita com seus alunos.</p> <p>Coordenadora Pedagógica se esquivou da discussão: “Olha gente, isso é com o diretor, eu não posso fazer nada”.</p> <p>Professora Beatriz saiu da sala visivelmente abalada e nenhuma fez seu planejamento e nem rotina.</p>

Escola A	25/03	Leitura do texto “Como o ambiente educativo influencia na qualidade da escola?”	<p>Professoras com medo de perguntar para a diretora se haveria reunião de HTPC, visto que a diretora estava atrasada.</p> <p>HTPC começou às 11:00 horas ao invés das 10:00 horas.</p> <p>Professoras leram o texto proposto. Diretora propôs que as professoras fizessem a partir de agora mais aulas externas, professoras ficaram quietas.</p> <p>Quando a diretora encerrou o HTPC e saiu da sala, as professoras criticaram essa mudança na postura da diretora e criticaram o fato de nada poder ser contestado.</p> <p>Professora Educação Física deu a entender que essa atitude da diretora era decorrente da minha observação na escola.</p> <p>Demais professoras acreditam que essa mudança de atitude da diretora deve-se ao fato dela ter participado de um curso de formação semana passada que abordou essa temática.</p> <p>Professora Educação Física disse que a diretora só realiza o HTPC quando eu estou presente.</p>
Escola J	01/04	Nota obtida pela escola na última avaliação. Avisos.	<p>Coordenadora Pedagógica e Diretor estavam presentes. Diretor informou às professoras a respeito da boa nota que a escola obteve no IDESP e parabenizou-as por isso.</p> <p>Professoras só se manifestaram para perguntar quanto e quando seria o aumento do salário.</p> <p>Coordenadora Pedagógica continuou a reunião transmitindo avisos a respeito das datas para provas e para entrega do mapa da sondagem.</p> <p>Falou também sobre os Projetos que deverão ser realizados nesse próximo bimestre. Enquanto isso, professoras em conversas paralelas.</p>

Escola A	08/04	Continuação da discussão do texto “Tarefa de casa: um momento especial”	HTPC não foi realizado. Diretora estava em reunião na Secretaria da Educação, avisou que chegaria a tempo de encaminhar o HTPC, mas não chegou. Pedi para ver o Projeto Político Pedagógica da escola, as duas secretárias disseram que não podiam me mostrar, que só a diretora poderia autorizar.
Escola J	15/04	Produção de Texto.	<p>Coordenadora mostrou o texto que será trabalhado nos próximos quatro HTPCs. Professoras reclamaram que era muita coisa para ler (17 páginas divididas em 4 HTPCs)</p> <p>Coordenadora disse “Na reunião de São Paulo com as Coordenadoras Pedagógicas foi discutido que o HTPC deve ser um momento de estudo, não só de dar recado, então nós vamos estudar!”</p> <p>Coordenadora dividiu as professoras em 5 grupos e cada grupo ficou responsável em analisar um parte do texto.</p> <p>No total desses 5 grupos:</p> <p>1 grupo foi ler o texto em outra sala, 1 grupo as professoras falavam sobre aposentadoria, 1 grupo professoras tratando outros assuntos com a Coordenadora Pedagógica. 1 grupo – professoras reclamando da quantidade de páginas do texto, 1 grupo lendo o texto em silêncio.</p>
Escola A	22/04	Estudo do Texto: “Relações Inter pessoais no cotidiano e aprendizagem” – Parte II	<p>Professoras leram o texto e diretora comentou.</p> <p>Diretora contando que trabalhou em uma multinacional italiana e que é muito competente.</p> <p>Diretora disse que em maio a Analista do Sesi visitará essa escola, então as cadernetas e as Pastas de Pautas do HTPC tem que estar em ordem.</p>

Escola J	29/04	Leitura do texto “Interação entre mãe e filho no processo de realização da lição de casa.”	<p>Professoras reclamando muito de ter HTPC hoje, pois amanhã não haverá aula e depois será feriado. Coordenadora escreveu na lousa os temas e textos dos próximos HTPCs, pois ela estará de férias nas próximas semanas.</p> <p>Professoras conversando muito durante a explicação da Coordenadora.</p> <p>Coordenadora entregou fichas dos alunos para professoras preencherem.</p> <p>Coordenadora leu o texto de hoje, professoras não paravam de conversar entre elas.</p> <p>Pedi para ver o Projeto Político Pedagógico, mas a Coordenadora me disse que só o Diretor pode me autorizar a ver.</p>
Escola A	06/05	Estudo da Proposta Política Pedagógica – Revisão	<p>Novas orientações sobre o Relógio de Ponto. Diretora reclamou que está havendo muitas ocorrências de erro nesta escola.</p> <p>O Estudo da Proposta Política Pedagógica se resumiu a corrigir erros ortográficos presentes nesse documento.</p> <p>Nenhuma análise ou validação foi realizada.</p> <p>As professoras até então não tinham nunca tido acesso a esse documento.</p> <p>Diretora disse que o PPP deveria ser revisto pois a Analista do SESI iria vê-lo e seu trabalho é “achar defeito”.</p>

Escola J	13/05	Reescrita de Fábulas – Verdades e Mentiras sobre o ato de Escrever.	Coordenadora Pedagógica está de férias e deixou o tema e o texto do HTPC para ser realizado hoje pelas professoras. Quando professoras se questionavam qual seria a atividade de hoje. Professora Luciana respondia ironicamente: “A orientação do dia de hoje é pensar em Jesus, refletindo em silêncio”. Professoras riram e Luciana repetiu isso durante todo o tempo da reunião. Acabaram não fazendo nada.
Escola A	20/05	Como trabalhar Matemática em sala de aula	HTPC não foi realizado, pois a Diretora não estava presente na escola. Professoras ficaram conversando a respeito da novela.
Escola J	27/05	Professoras fazendo planejamento.	HTPC não foi realizado. Coordenadora falou para as professoras realizarem o planejamento. Professoras se reuniram em grupos e coletivamente elaboraram provas.
Escola A	03/06	Vídeo “O mal primordial – O orgulho nosso de cada dia” – palestra com Leandro Karnal. Seguido de Debatea respeito do que foi importante pra prática pedagógica.	Diretora não acompanhou as professoras na exibição do vídeo proposto. Professoras assistiram o vídeo e foram embora. Nada foi debatido.
Escola J	10/06	Professoras elaboraram provas.	HTPC não foi realizado. Coordenadora liberou as professoras, ela me disse que agora que estamos em junho, ela não fará mais reuniões de HTPC, porque as férias estão próximas e as professoras estão cansadas.
Escola A	17/06	Práticas concretas do nível 2	HTPC não foi realizado. Nesse horário foi realizado um chá de bebê para uma professora.
Escola J	24/06	Conselho de Classe	HTPC não foi realizado, pois hoje haveria o Conselho de Classe.

Fonte: Elaboração da própria autora com notas extraídas do caderno de campo

ANEXOS

ANEXO A**Roteiro para Entrevista com Professor****1. Caracterização do Sujeito**

1.1- Sexo:

1.2- Idade:

1.3. Formação:

a) Magistério:

() SIM Início: () Término: () Instituição:

b) Graduação:

Curso: Pedagogia ()

Ano de Início: () Ano de Término: () Instituição:

c) Pós-Graduação:

() Especialização; () Mestrado; () Doutorado

Curso:

Início: () Término: () Instituição:

2. Formação Continuada de Professores:

2.1- O que você entende por Formação Continuada de Professores?

2.2- Você acredita que a Formação Continuada de Professores é necessária?
Justifique?

2.3– Você acredita ser necessário melhorar a sua formação? Justifique.

2.4- Como você avalia os cursos de formação continuada? Eles contribuem de alguma forma em sua prática docente?

2.5- Você considera mais importante para sua formação os cursos oferecidos fora da escola ou os momentos de formação que ocorrem dentro da escola?

3. Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC)

3.1- Como são realizados os momentos de HTPC na sua escola?

3.2- Qual é, em sua opinião, o papel do HTPC?

3.3- Com base no HTPC da sua escola, você considera que esse espaço tem cumprido com seu propósito? Justifique.

3.4– Você concebe o HTPC como um momento de Formação Continuada em Serviço?

3.5– Você acha que o HTPC, da maneira como ele é organizado, responde às suas necessidades em sala de aula?

3.6– Você considera que o HTPC tem alguma influência em sua prática docente, contribuindo em sua atuação profissional?

3.7- O que você acha que facilita o desenvolvimento do HTPC?

3.8- E o que você acredita dificultar o desenvolvimento do HTPC?

3.9- Se você tivesse a oportunidade de organizar o HTPC, como faria? Caracterize como você acha que deveria ser esse horário.

ANEXO B**Roteiro para Entrevista com Coordenador Pedagógico****1. Caracterização do Sujeito**

1.2- Sexo:

1.3- Idade:

1.3. Formação:

a) Magistério:

() SIM Início: () Término: () Instituição:

b) Graduação:

Curso: Pedagogia ()

Ano de Início: () Ano de Término: () Instituição:

c) Pós-Graduação:

() Especialização; () Mestrado; () Doutorado

Curso:

Início: () Término: () Instituição:

d) Há quanto tempo você é Coordenador Pedagógico?

2. Formação Continuada de Professores:

2.6- O que você entende por Formação Continuada de Professores?

2.7- Você acredita que a Formação Continuada de Professores é necessária?
Justifique?

2.8– Você acredita ser necessário melhorar a sua formação? Justifique.

2.9- Como você avalia os cursos de formação continuada? Eles contribuem de alguma forma em sua prática docente?

2.10 - Você considera mais importante para sua formação os cursos oferecidos fora da escola ou os momentos de formação que ocorrem dentro da escola?

3. Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC)

3.10 - Qual é, em sua opinião, o papel do HTPC?

3.11 – Como você elabora o HTPC da sua escola?

3.12 – Você concebe o HTPC como um momento de Formação Continuada em Serviço?

3.13 - O que você acha que facilita o desenvolvimento do HTPC?

3.14 - E o que você acredita dificultar o desenvolvimento do HTPC?

ANEXO C

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Professor(a), você está sendo convidado para participar da pesquisa “**A Formação Continuada em Serviço de Professores e as Atividades do Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo nas Escolas dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental**” sob a orientação do Professor Dr. Edson do Carmo Inforsato e da pesquisadora em nível de Mestrado, Rayana Silveira Souza Longhin Lourenço, regularmente matriculada no programa de Pós Graduação em Educação Escolar da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Araraquara. Lembramos que sua participação **não é obrigatória**.

Nesta pesquisa partimos do consenso estabelecido pelos estudos de que a formação dos professores é um aspecto essencial dos esforços para a melhoria da qualidade da educação básica. Ainda dentro deste consenso, demonstramos que a formação continuada é um imperativo na preparação do corpo docente e que uma das modalidades mais reconhecidas dela é a que se processa nos locais onde a ação dos professores é realizada. Portanto, adotamos a perspectiva da formação continuada em serviço como a mais adequada para que o aprimoramento docente possa ser conseguido com a finalidade de melhoria de seus desempenhos. Dessa forma, optamos por estudar uma atividade que está amplamente instituída nas escolas, o Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC) e que tem, de acordo com a sua proposta, as características de uma formação continuada em serviço.

O problema de pesquisa que propomos investigar é a respeito das relações presentes entre as práticas realizadas no Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC) e os aspectos essenciais definidores de uma formação continuada em serviço.

Nosso **objetivo** portanto, será o de investigar a formação continuada em serviço tendo a escola como *locus* e a viabilidade do HTPC como uma das atividades características dessa formação, além disso, pretendemos identificar o sentido que os professores e coordenadores pedagógicos atribuem a esse espaço.

Sua **participação** nesta pesquisa consistirá em fornecer entrevista a pesquisadora no intuito de expressar sua opinião em relação aos sentidos que você atribui ao Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC), além de permitir que a pesquisadora observe esses encontros.

Os procedimentos que serão aplicados aos sujeitos dessa pesquisa são de ordem observacional (do HTPC) e interrogativa (entrevista). O sujeito que aceitar participar da pesquisa passará a ser observado durante a execução do Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo e, em seguida será convidado a responder uma entrevista semi-estruturada.

Levando em consideração que em todas as pesquisas que envolvem seres humanos, existem **riscos**, neste caso os riscos possíveis são de ordem psicológica, como por exemplo, um possível incômodo sentido pelo participante em ser observado e posteriormente entrevistado. Contudo, todas as providências serão tomadas para que qualquer tipo de desconforto seja evitado.

O **acompanhamento da pesquisa** se dará pela pesquisadora que se manterá visitando a escola durante a execução do HTPC durante um semestre letivo.

A pesquisadora e seu orientador dão garantias de **esclarecimentos** desta pesquisa, antes durante e depois da realização da mesma, a respeito dos procedimentos adotados.

É direito do professor e do coordenador se **recusar** a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado. A recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição educacional.

As informações obtidas através dessa pesquisa serão **confidenciais** e asseguramos o **sigilo** sobre sua participação. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua **identificação**. A metodologia empregada nesta pesquisa garantirá o **anonimato** dos participantes.

Esta pesquisa não gerará **despesas** aos participantes, por isso, não está prevista nenhuma forma de **ressarcimento** pela participação dos mesmos.

Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço da pesquisadora principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Rayana Silveira Souza Longhin Lourenço – **Pesquisadora**

(16) 3343-2033 / (16) 9716-7570 / rayanaalonghin@gmail.com

Orientador: Prof. Dr. Edson do Carmo Inforsato (Prof. Tamoio) (16) 3334-6365
tamoio@fclar.unesp.br Departamento de Didática (16) 3334-6244

Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar (16) 3334-6212

Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Araraquara - UNESP

Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências e Letras:

Endereço: Rod. Araraquara-Jaú, Km 1 - Campus Ville. Araraquara - SP
Telefone: (16) 3301-6224 **Fax:** (16) 3332-0698 / **Endereço eletrônico:** sta@fclar.unesp.br

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Araraquara, 18 de fevereiro de 2013

Assinatura do sujeito da pesquisa ¹ - Professor(a)

¹ O sujeito da pesquisa ou seu representante, quando for o caso, deverá rubricar todas as folhas do TCLE, apondo sua assinatura na última página do Termo.